

ASSASSINATO

NA

BIBLIOTECA

ROCCO
JOVENS LEITORES

Helena Gomes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





ASSASSINATO

NA

BIBLIOTECA

Helena Gomes

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Clarice Herzog

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PARTE I

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

PARTE II

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Epílogo](#)

[Créditos](#)

A Autora

PARTE I

“Porque o tempo é uma invenção da morte:
Não o conhece a vida – a verdadeira –
Em que basta um momento de poesia
Para nos dar a eternidade inteira”

MARIO QUINTANA

CAPÍTULO 1

Quinta-feira, 3 de setembro de 1970

Irmão

Tempos difíceis. E perigosos. Tempos de AI-5. Lara não sabia o que a sigla significava, mas a temia pelo que não se falava sobre ela. O silêncio das pessoas dizia tudo o que precisava ser dito. O AI-5 era uma forma que o governo militar havia encontrado para perseguir as pessoas consideradas inimigas do país. E nesta lista negra entrava qualquer um: professores, sindicalistas, estudantes, escritores, cantores, enfim, todo mundo que não concordasse com as decisões do governo militar.

Lara foi a pé para a escola, como sempre fazia. Desta vez, no entanto, o medo a acompanhava como uma sombra invisível. Havia uma sensação gelada, que ganhava força com a ameaça trazida pelo desconhecido, pelo que podia acontecer. Não temia por ela e sim por Luke, o irmão seis anos mais velho. Não sabia se ele estava na lista de perseguições iniciada pelo AI-5.

Era um dia bonito. Lara saiu da Rua Pedro Américo e virou à direita para pegar a Avenida Ana Costa e passar em frente à estação de trem Sorocabana. Naquele momento, nenhum trem de passageiros ou de carga atravessava a avenida, para a alegria dos motoristas mais apressados. Quando o trem passava, todo o trânsito naquela área ficava parado. Lara gostava do som estridente e barulhento do sinalizador que soava antes de a cancela baixar e interditar a avenida, para que os vagões pudessem seguir em paz pelos trilhos. Santos era mesmo uma cidade deliciosa para se viver.

Naquela manhã, a garota não prestou atenção em nada, nem no bonde 42 que parava para pegar passageiros no ponto logo adiante. Em breve, Santos perderia todos os seus bondes para dar lugar aos ônibus que já circulavam em número cada vez maior. Sinal dos novos tempos, acreditavam alguns. É a modernidade, reforçavam outros. Lara, com seus 14 anos, gostava dos bondes, mas não podia deixar de admirar as novidades em um mundo que parecia mais e mais veloz. No ano anterior, um americano, Neil Armstrong, havia pisado na Lua pela primeira vez. A avó de Lara não cansava de

repetir que as imagens que a TV tinha exibido para mostrar o astronauta caminhando sobre a superfície lunar não passavam de mentira. “Tudo truque!”, retrucava ela, com raiva dos Estados Unidos. Não era esse o país que havia incentivado o golpe militar no Brasil? Como Luke explicara uma vez, em voz baixa e apenas à irmã Lara e à avó, os agentes da CIA tinham ensinado métodos de tortura aos policiais e militares brasileiros, os mesmos métodos hoje aplicados sem piedade aos prisioneiros do regime.

Lara pensou em Caetano Veloso e Gilberto Gil. Luke contara que os dois haviam sido presos, um ano antes, numa boate do Rio de Janeiro, quando faziam um espetáculo. Após dois meses de prisão, tinham partido para o exílio, na Inglaterra. E se isso também acontecesse ao Luke? Lara tinha medo de que ele também acabasse preso, que fosse torturado e tivesse que ir embora do país. O que seria dela e da avó? As duas já morriam de saudades desde que ele trocara Santos e fora morar em São Paulo para estudar filosofia na USP. Já imaginou se o rapaz fosse obrigado a viver no exterior?

A garota respirou fundo e apertou os cadernos que carregava contra o peito. Espremido entre duas páginas, estava o dinheiro que entregaria ao irmão. Era tudo o que a avó conseguira arrumar. Luke não dera detalhes sobre o que estava acontecendo com ele. Ligara na véspera, pedindo para a irmã levar o dinheiro e encontrá-lo na biblioteca da escola onde ela estudava. O rapaz estava em perigo. Há tempos, Lara desconfiava de que o irmão estava fazendo mais do que participar de passeatas contra o governo, o que, aliás, agora era proibido. A avó queria levar pessoalmente o dinheiro, mas ele argumentara que a irmã não despertaria nenhuma suspeita. Afinal, ela estava apenas indo para a escola, dentro da sua rotina de sempre.

Lara continuou seguindo pela Avenida Ana Costa. Algumas casas ainda ostentavam na fachada, com orgulho, a bandeira nacional. O Brasil conquistara havia pouco o tricampeonato na Copa do Mundo, no México. O Colégio Santa Maria ficava numa das travessas da avenida, a poucas quadras da praia. Ocupava um quarteirão inteiro, com seus muros baixos de pedra branca. O prédio principal, em estilo neoclássico, fora erguido no final do século 19 e lembrava um “L” gigante, deitado para a direita. Na base da letra, ficavam a secretaria, a diretoria, a classe do pré, outras salas menores e o início da escadaria que levava para as salas de aula do primário e ginásio, no primeiro andar, e do clássico, do científico e do técnico em contabilidade, no segundo andar. Já no lado direito do prédio (a haste do

“L”), no térreo, se espalhava a ampla biblioteca, aberta às terças e quintas ao público em geral. Acima dela, no primeiro andar, mais salas de aula e o laboratório. No segundo andar, ainda desocupado, estava prevista a construção de um anfiteatro em breve.

Pintado de branco num reforço à sua aparência solene e tradicional, o prédio principal se destacava na paisagem do Gonzaga, um bairro de poucos edifícios e muitas casas residenciais. Em frente à ponta direita da biblioteca, havia a capela em homenagem à Nossa Senhora, santa que batizava o colégio, e, na lateral direita, a quadra para a prática de esportes. Ao fundo, mal se enxergava a minúscula casa do zelador. Já à esquerda do prédio principal, mais próximo ao muro, formava-se um tipo de corredor com a horta das crianças e, mais para dentro, a área de brincadeiras com balanços, escorregadores e gangorras, que continuava com o pátio atrás do prédio principal. Além dessa estrutura, o colégio contava com jardins bem cuidados em vários pontos do terreno, em especial na área livre entre a capela e o prédio principal e em frente à biblioteca, diante do imponente portão de entrada e saída.

Ao dobrar a esquina da rua do colégio, Lara apertou o passo, com o coração batendo mais forte. Alcançou o portão da escola, se esqueceu de cumprimentar Gilmar (o zelador que também trabalhava como porteiro), acenou para duas amigas que fofocavam aos cochichos, na porta do prédio principal, à esquerda, lançou um olhar distraído para a capela, à direita, e atravessou a alameda central do jardim, que terminava na biblioteca. Ao entrar no local, esbarrou sem querer numa jovem loira de minissaia, muito bonita, de cabelos longos e franja que encobria os olhos muito maquiados.

– Desculpe! – disse Lara, mas a jovem, apressada, saiu sem lhe dar atenção.

Atrás do balcão de atendimento, Conceição, a bibliotecária quarentona e simpática, se mostrou profundamente irritada ao ver a aluna que se aproximava apenas para lhe dar bom-dia.

– Faltam cinco minutos para a aula começar – disse a mulher, num tom de censura.

– Eu só vim pegar um livro... – tentou Lara, surpresa com aquela postura um tanto rude de uma pessoa sempre tão doce.

– Venha mais tarde.

– Mas...

– Eu disse para você vir mais tarde!

A autoridade sempre falaria mais alto. No entanto, naquele momento em que só pensava no irmão, a garota se fez de surda, acelerou o passo e escapou rumo aos corredores formados por estantes abarrotadas de livros, certa de que a bibliotecária iria atrás dela apenas para puxá-la de volta pelas orelhas. Conceição, porém, não se mexeu no seu posto junto ao balcão.

Estranho... a biblioteca estava vazia. Naquela hora da manhã era comum ouvir o burburinho dos alunos apressados que vinham devolver livros ou procurar outros para ajudá-los nos quilos de lição de casa que os professores costumavam passar.

Lara pegou o primeiro corredor, contornando-o a seguir para entrar no segundo. Depois, rapidamente, vistoriou o terceiro. Luke prometeu que estaria lá, no décimo corredor, da esquerda para a direita... E se fosse no décimo corredor da direita para a esquerda? Isto mudava tudo! Eram 30 corredores no total, alinhados em paralelo, para a direita, logo após o balcão de atendimento e um grupo de mesinhas que os alunos utilizavam para estudar e fazer anotações dos livros.

A garota disparou para a outra ponta da biblioteca. Ouviu algumas vozes... pertenciam a adultos e não às crianças e aos adolescentes de sempre. Sim, quinta-feira era dia de atendimento ao público em geral. Só que...

Desesperada, Lara alcançou o corredor certo, onde o irmão a esperava. A cena que encontrou foi a pior que poderia imaginar. Luke estava cercado por três homens truculentos e armados. Um deles se aproximou do rapaz, que não reagiu, e o esmurrou com violência. Luke foi arremessado para trás, batendo contra os livros e as grossas prateleiras de madeira antes de cair de bruços no chão. Lara ia gritar, mas não conseguiu. Tinha parado de correr. Seu corpo tremia... de medo, de raiva, agitado por assistir àquela injustiça. O segundo homem se aproximou ainda mais do rapaz para enchê-lo de pontapés. Rosto, barriga, peito, braços, nada escapava aos chutes ferozes. O terceiro homem reforçou o ataque, enquanto o primeiro, muito satisfeito, apenas observava a situação.

Lara era uma adolescente magra e delicada. Mesmo assim, voou para cima dos dois homens que agrediam Luke. Tinha que segurá-los e tirar o irmão dali! Com força, agarrou um deles pelo braço, puxando-o para trás.

– Não se meta nisso! – brigou o sujeito, empurrando-a para longe.

Não, eles não iam levar o Luke! Lara retornou, com toda a revolta que conseguiu reunir, e se pendurou nas costas do sujeito para lhe cravar os dentes com força na orelha. O homem urrou, afastando-se automaticamente do rapaz que chutava sem piedade. Foi o segundo homem quem o ajudou a arrancar a menina de cima dele e jogá-la de volta ao chão. Lara caiu de qualquer jeito e, um pouco tonta, conseguiu se levantar. Ia retomar o ataque quando um som ensurdecedor invadiu o local.

Aturdida, a garota abaixou a cabeça para espiar o próprio corpo. O sangue encharcava a blusa branca do uniforme escolar. Um tiro atingira seu peito, na altura do coração, queimando e rasgando roupa, pele e carne. A dor terrível veio a seguir.

Lara ergueu o olhar para encontrar seu assassino. Ele ainda apontava a arma para a garota. Era o mesmo homem que esmurrara Luke e se afastara para acompanhar a surra, o mais jovem dos três. Não devia ter mais do que 20 anos. Os dois companheiros, preocupados, também o fitavam.

– Lara... – murmurou Luke, ainda estendido no chão e machucado demais para se mover. Ele a via somente naquele momento doloroso. Havia lágrimas em seus olhos, a culpa por ter colocado a irmã em perigo e, principalmente, o pânico pelo que aconteceria com ela.

O corpo da garota deslizou para baixo, para a frieza do piso da biblioteca. Os três homens não se importaram. Agiram rapidamente e, em segundos, Luke era carregado para longe. Sozinha, Lara sentiu o frio que antecipava o desconhecido. Não teve medo. Quando a escuridão surgiu, ameaçadora, encontrou a garota corajosa de olhos abertos, pronta para encarar seu novo futuro.

CAPÍTULO 2

Segunda-feira, 3 de setembro de 2007

Primeira Vítima

Igor odiava aquela cidade. Santos era uma chatice! Também odiava segundas-feiras, principalmente quando a segunda-feira o obrigava a ir para a nova escola que odiava mais do que tudo na vida. Colégio Santa Maria: ultrapassado, arrogante e intransigente. Mas o padrasto insistira para que estudasse lá, porque era uma escola tradicional, de qualidade, porque ele estudara lá etc. e tal. E a mãe de Igor, que fazia todas as vontades do novo marido, concordara com tudo, ressaltando ainda que uma escola mais exigente faria bem ao filho que repetira a 8ª. série no colégio em que estudara antes. Antes... Sim, uma palavra que definia bem os 15 anos de existência de Igor. Existiu um “antes”, quando a vida valia a pena. A vida que tivera em Bauru, interior de São Paulo, o colégio superlegal e os colegas e amigos que deixara para trás, tudo acontecera antes. Antes que o pai adoecesse, antes da morte dele, antes do segundo casamento da mãe, antes de levar bomba na 8ª. série, antes de ver os amigos irem, sem ele, para o ensino médio. Antes da mudança para Santos.

Igor odiava mesmo aquela cidade. Estava lá desde janeiro, quando o padrasto, um médico santista que morava em Bauru, recebera um convite para integrar a equipe de oncologia do Hospital Guilherme Álvaro, em Santos. Fora sua oportunidade de retornar para casa. Na prática, aquele convite era mais um motivo para o adolescente de 15 anos odiar Santos. Sentia-se perdido, sem identidade e totalmente sozinho naquela cidade litorânea que, apesar de atraente, não conseguia conquistá-lo.

Uma nova volta no quarteirão adiaria mais um pouco sua entrada na aula. Apesar do olhar feroz de Gilmar, o velho zelador e também porteiro, Igor desviou a bicicleta do portão do colégio e pedalou para longe dali. Resistiu com força à vontade de escapar para a praia e passar a manhã inteira lá, sentado na areia, acompanhando as ondas que chegavam e partiam, distraídas e desligadas do mundo. Fizera isto quase todos os dias no primeiro semestre letivo, o que lhe rendera faltas em todas as disciplinas e

um castigo homérico quando a mãe descobriu tudo: ficar sem usar o computador por um mês. Um mês! Aquilo, com certeza, fora uma tortura terrível para um garoto que levava para todo lado o laptop, que pertencera ao pai, escondido na inevitável mochila pendurada nas costas. Santos podia ser charmosa, mas tinha os mesmos problemas de cidade grande, ou seja, assaltos e roubos, ainda mais em um bairro comercial e movimentado como o Gonzaga.

O Colégio Santa Maria, voltado para alunos do maternal até o ensino médio, ocupava a quadra inteira com seu muro alto, pintado de um branco encardido pela poluição e cheio de grades no alto. Volta e meia alguém pichava o muro. O velho zelador, que morava numa casinha ridícula nos fundos da escola, demorava séculos para tirar a pichação e retocar a pintura. O padrasto de Igor torcia o nariz, dizendo que na época em que as freiras administravam o colégio aquilo jamais ocorria. Bons tempos, lembrava ele. O Santa Maria agora era dirigido por uma pedagoga, Eunice, que não era religiosa. E até agora Igor só vira uma freira: Irmã Mariana, sua professora de língua portuguesa.

Igor achou que a nova volta na quadra foi rápida demais. Não teve jeito. Sob a vigilância cerrada do zelador – que, a pedido da mãe do garoto, “tomava conta” dele para evitar novas escapadas da aula –, entrou no colégio. Largou a bike no bicicletário, colado ao muro à esquerda, espiou a algazarra que os mais novos faziam no incrementado playground ao fundo, logo depois da horta, ajeitou a mochila nas costas, ignorou a entrada para a aula no prédio principal e, ao alcançar o jardim, atravessou a alameda central rumo à biblioteca. Tinha que devolver um livro.

Na porta da biblioteca, esbarrou no último aluno que saía, apressado, do local. A primeira aula já começara, mas ele não se importou. Resmungou um oi para a idosa Conceição, a bibliotecária simpática que sempre o recebia com um sorriso. Era a única. Todos os novos colegas só sabiam tirar sarro de seu sotaque do interior. Aliás, tiravam sarro de um garoto que os esnobava, sempre com um ar superior de amigos zero e vontade nenhuma de fazer amizade. Imitavam o “r” carregado, zoavam da camiseta negra que ele usava para esconder o uniforme, as correntes que gostava de pendurar na calça jeans e os cabelos castanho-escuros e compridos demais, que ultrapassavam seus ombros de moleque magricela e desengonçado. Já a compreensiva Conceição o recebia sem qualquer preconceito. Ela parecia gostar do garoto que só pegava algum livro na biblioteca quando não

conseguia achar o que procurava na internet e utilizar os infalíveis control C + control V para preparar algum trabalho escolar.

Igor devolveu o livro retirado da mochila e, enquanto a bibliotecária dava baixa em sua ficha no computador, bocejou com preguiça. Pena que os micros que ficavam à disposição dos alunos, na bancada próxima à porta da biblioteca, à direita, estavam bloqueados para Orkut e MSN. De qualquer forma, podia ficar ali e acessar algum fórum de RPG sem que Conceição percebesse...

– Chegou um livro novo do André Vianco – avisou a mulher, que conhecia os gostos de todos os alunos, principalmente daquele bauruense estranho no ninho. – E já verifiquei na internet: não há cópias piratas para download.

– Livro novo, é?

– Exato.

– E por que você acha que eu pego download de livro? – perguntou o garoto, cínico. – Pirataria é crime!

– Ora, rapazinho, em nenhum momento eu achei que você fizesse isso – sorriu a velhinha, girando a caneta que não tirava dos dedos nem para digitar no teclado. – Agora vá buscar logo o livro. E não demore! Você já perdeu a primeira aula, mas não vou deixá-lo perder a segunda.

Igor deu de ombros e caminhou sem pressa alguma em direção aos corredores formados por estantes abarrotadas de livros. Não havia mais ninguém circulando pela biblioteca. Apenas ele, os livros e a bibliotecária em seu posto atrás do balcão. Igor demorou uma eternidade no quarto corredor, reservado aos paradidáticos e outros nem tanto, como a prateleira de obras de terror e afins. Descobriu um livro de contos da escritora vampírica Giulia Moon e começou a folheá-lo. Depois, abriu um outro, também vampírico, da autora Martha Argel.

Já começara a ler o quinto conto daquela manhã quando o estômago roncou de fome. É, esquecera de tomar o café da manhã apenas para não ser obrigado a dividir a mesa com o padrasto, que entrava mais tarde no hospital às segundas-feiras e, por isso, fazia questão de passar o maior tempo possível com a esposa e o enteado naquele dia da semana. Mais um motivo para odiar a segunda-feira.

Conceição, pelo jeito, não se lembrara de chamar o aluno irresponsável para a segunda aula. Igor colocou o livro de contos debaixo do braço, resgatou a mochila que deixara no chão, onde se sentara para ler, e pegou o

caminho de volta. De relance, viu que a bibliotecária, em sua cadeira atrás do balcão, cochilava com a cabeça tombada para a frente. Igor resolveu sair de fininho, apenas para evitar a bronca por perder metade da manhã de aulas. Aproveitaria o intervalo para comprar um pedaço de pizza na cantina, junto ao pátio nos fundos do colégio, e...

Próxima à bancada de computadores, uma garota da idade dele olhava fixamente para Conceição. Parecia assustada. Igor, que há muito se interessava por garotas bonitas, parou para observá-la melhor. Puxa, aquela ali era mesmo linda! Cabelos longos e ondulados, castanho-claros, olhos azuis, pele branca até demais, corpo delicado, já com curvas de mulher adulta, seios pequenos que se destacavam suavemente sob a blusa do uniforme escolar, a saia de pregas na altura do joelho (bem que podia ser mais curta!) cobrindo pernas gostosas... Bom, aquele uniforme era do Santa Maria, mas também não era...

– Que foi? – perguntou Igor, vendo que a menina não se movia.

Lentamente, a garota girou os olhos azuis para ele.

– Você... você consegue me enxergar? – perguntou ela, agora espantada.

– Ué, não sou cego nem míope!

A resposta grosseira provocou uma careta na menina. Igor já pensava em consertar a situação quando, mais por curiosidade, também se virou para olhar a bibliotecária. Só então reparou que havia sangue na blusa de gola rulê da velhinha. Com cuidado, aproximou-se do balcão. Um corte rasgara a garganta de Conceição de ponta a ponta.

– Quem fez isso sabia exatamente como fazer... – analisou ele, sem emoção. Há muito deixara de se incomodar com cadáveres. Vira alguns no período que passara acompanhando o pai internado no hospital, meses de agonia em que a doença consumira dolorosamente o adulto até o momento final, quando morrera diante do filho.

Igor se voltou para a garota, mas ela simplesmente desaparecera. “Foi pedir ajuda”, deduziu. Ele, então, memorizou todos os detalhes da cena do crime. A pilha de livros sobre o balcão, o computador com todos os programas fechados, a caneta que a bibliotecária ainda mantinha entre os dedos da mão direita... Conceição parecia em paz.

Neste minuto, alguém atrás de Igor liberou um grito estridente. Era Victoria, uma menina da classe dele, que acabava de chegar para devolver um CD-ROM. Foi o suficiente para atrair mais gente e provocar o nível

máximo de pânico na escola. Um assassinato acabara de ocorrer na biblioteca.

Victoria, cada vez mais histérica, caprichou nos decibéis do seu último berro:

– E foi o esquisito do Igor que matou a bibliotecária!!!!!!!!!!

CAPÍTULO 3

Amantes

Adriana, a mãe de Igor, largou tudo na sua loja recém-inaugurada no Miramar Shopping e correu para a escola após receber um telefonema da diretora Eunice. Apesar de o colégio ser perto, preferiu ir de carro para chegar mais rápido. No caminho, pegou o celular e ligou para o marido. Gustavo ainda estava no carro dele, a caminho do hospital, e escutou, em silêncio, a explicação atropelada que a esposa tentou lhe passar. Assassinato, escola, bibliotecária, Igor envolvido em um crime!

– Fique calma – disse ele. – Vou pedir para um amigo me substituir no hospital e te encontro daqui a pouco na escola, tá?

Gustavo era mesmo um homem maravilhoso, alguém que a apoiava e tinha uma paciência imensa para lidar com o lacônico Igor. Fazia o impossível para conquistar a amizade do menino, que se fechara em si mesmo desde a morte do pai. Adriana se desesperava só de imaginar que talvez nunca mais conseguisse restabelecer contato com o filho. Já tentara de tudo. Nada, porém, surtira algum efeito.

E ainda havia aquela fascinação pela morte... Igor – que no último ano desistira das aulas de inglês, espanhol, natação, guitarra, futsal e qualquer outra coisa que o arrancasse da frente do laptop – cismara em fazer, nas férias de julho, um curso de taxidermia no Museu de Pesca. Para Adriana, taxidermia nada mais era do que uma forma de empalhar animais mortos.

– Não é empalhar, mãe! – corrigira Igor, indignado. – É dar ao animal a mesma aparência de quando ele era vivo, sem deformar nada!

Desde então, o menino passara a pegar qualquer animal morto que encontrasse na rua. Quase matara a empregada do coração ao deixar um rato morto na geladeira, dentro de um saco de plástico, exatamente ao lado do pacote de peito de frango congelado que a coitada iria preparar para o almoço. Gustavo fora o único que partira em defesa do garoto.

– Ele gosta de ciências – explicara logo depois que Igor, amuado com a bronca materna e o olhar fuzilante da empregada, partira em silêncio para o quarto. – Na idade dele, eu criava tarântulas no laboratório do colégio.

E agora acontecia aquele crime... um assassinato na biblioteca da escola! E justo o Igor tinha que estar envolvido!

Havia uma única vaga próxima à escola. Adriana estacionou o carro de qualquer maneira e correu para o portão que o zelador Gilmar abriu especialmente para ela.

– Bom-dia, Adriana – cumprimentou ele, com um tom sarcástico que a incomodou. – Desta vez era melhor ter deixado seu filho ir à praia, não?

A mãe forçou um meio sorriso educado e voou para a diretoria. A diretora Eunice a esperava na porta.

Gustavo chegou em seguida e ouviu a explicação de Eunice desde o começo. O delegado, Beltrão, era amigo da família da diretora e, a pedido dela, viera especialmente cuidar do caso. A ideia era tratar o assunto com a maior discrição possível, evitando, inclusive, a exploração da notícia de modo sensacionalista pela imprensa local. Ele também participou da conversa e explicou, resumidamente, que Igor estava matando aula na biblioteca quando, na hora de sair para o intervalo, encontrara o corpo de Conceição. A princípio, o garoto não estava envolvido no crime...

– “A princípio”? Como assim? – encrespou-se Adriana. – Meu filho não matou ninguém!

Beltrão e Eunice trocaram um olhar que preocupou a mãe do garoto. O delegado, então, puxou a cadeira que ocupava para mais perto de Adriana e Gustavo, sentados em um sofá na diretoria. Eunice estava instalada em sua confortável cadeira atrás da mesa de diretora.

– Há uma pergunta difícil que preciso lhe fazer, Adriana – começou o delegado, com a voz macia que contrastava com sua aparência de homem rude e grandalhão, beirando os 60 anos.

– Que pergunta?

– O Igor usa drogas?

– Não – respondeu Gustavo, com firmeza.

Adriana, no entanto, hesitou. Era só o que faltava! Igor consumir drogas, estragar a vida dele para sempre e...

– Ele usa, Adriana? – insistiu o delegado diante da indecisão materna.

– Não que eu saiba – respondeu, após alguns segundos.

– Por que o senhor acha que o Igor é viciado? – questionou Gustavo.

– Porque ele insiste em dizer que havia uma menina na biblioteca na hora em que encontrou o corpo de dona Conceição.

- E quem é essa menina?
- Uma que não existe nesta escola.
- O senhor tem certeza disso?
- Absoluta.
- Pela descrição que o Igor nos fez, não há ninguém assim estudando aqui – endossou Eunice.
- Pois eu acho que você está enganada – disse Gustavo para a diretora, sem se alterar. Adriana amava aquela calma que ele demonstrava nos momentos mais difíceis. – Igor não iria inventar uma pessoa que não existe. Ele não mentiria numa situação dessas.
- Toda criança mente, dr. Gustavo – sorriu Eunice, com sua segurança de pedagoga experiente. – Principalmente quando quer esconder algo dos adultos.
- E o que ele teria para esconder? – perguntou Adriana, começando a perder o controle sobre o desespero mantido quieto em seu coração. – Meu filho não mataria ninguém!
- Não achamos que ele seja o assassino – opinou Beltrão para tranquilizá-la. – Neste momento, o que me interessa é desvendar o comportamento de seu filho. Ele é um adolescente que demonstrou uma frieza impressionante diante de um crime abominável como este. Dona Conceição foi degolada. E Igor...
- ... demonstra uma curiosidade científica em relação ao fato – corrigiu Gustavo. – Trata-se de uma criança, dr. Beltrão, com uma forte inclinação para o estudo de anatomia. E uma *criança* – e novamente ele destacou a palavra –, portanto, um menor de idade, que não deveria ser interrogado sem a presença dos pais.
- Beltrão empinou o queixo para enfrentar o médico que não se desviava do olhar afiado que recebia. O delegado parecia absorver todos os detalhes existentes ao redor. Esperava encontrar uma brecha, qualquer coisa que pudesse aproveitar. E foi em Adriana, aflita demais pelo comportamento fechado que o filho demonstrava há meses, que ele achou sua porta de entrada.
- Como o menino se comporta em casa, Adriana? – avançou ele, com suavidade.
- É uma criança tímida – respondeu Gustavo.
- Ele ainda não chorou a morte do pai – entregou a mãe.
- Há quanto tempo ele morreu? – quis saber o delegado.

– Em julho do ano passado.

Beltrão espiou Gustavo com malícia. Um ano e dois meses depois e a viúva já tinha companhia...

– E quando a senhora se casou de novo?

– No final do ano passado...

– Não vejo o que isto tem a ver com... – tentou Gustavo.

– E como o menino aceitou seu novo casamento? – continuou o delegado.

– Oh, muito mal – desabafou Adriana.

O médico, claro, se remexeu no sofá. Sua aparência calma estava por um fio.

– Muitas brigas em casa, suponho?

– Não, não, pelo contrário, dr. Beltrão. Meu filho é uma criança tranquila e muito quieta. Ele só está demorando um pouco para aceitar a morte do pai...

– E como vão as sessões do Igor com o psicólogo? – perguntou Eunice, desejando ajudar.

Era o que Gustavo esperava para encerrar a conversa. Ele se levantou e puxou Adriana pelo braço antes de se dirigir secamente a Beltrão.

– Se precisar de mais informações, senhor delegado, contate-nos através do meu advogado – disparou, entre dentes. – Agora queremos falar com o Igor. Onde ele está?

O trajeto para o apartamento de cobertura em que a família morava no bairro Ponta da Praia foi feito no mais absoluto silêncio. Igor, encolhido no banco de trás da Pajero Sport prata de Gustavo, olhava pela janela o imenso, comprido e bem tratado jardim que separava a avenida da praia. Apesar de ser segunda-feira, várias pessoas transitavam entre as alamedas do jardim, pegavam um solzinho nos bancos espalhados em vários pontos ou apenas caminhavam próximo ao mar. A maré baixa aumentara o espaço da faixa de areia.

Desde que fora liberado pela polícia, o garoto desistira de falar qualquer coisa. A mãe também não acreditaria na existência de uma aluna que não deveria existir. Já o padrasto, quieto demais ao volante, tinha tudo para acreditar nele. Afinal, Gustavo não passava de um tolo arrogante que, na certa, acreditava em Papai Noel, na Fada dos Dentes e até no Coelhoinho da

Páscoa! O único que acreditaria nele de verdade era alguém que não existia mais. O pai que a morte destruíra para sempre.

– Podíamos aproveitar o feriado da Independência para viajar – sugeriu Gustavo. – O que vocês acham?

– Mas você não tem que trabalhar no hospital? – perguntou Adriana.

– Eu dou um jeito, não se preocupe. E a loja? Sua gerente poderia tomar conta, né?

– Abrimos há pouco tempo e não sei se... Ahn, sim, também posso dar um jeito.

É, ainda havia a tal loja da mãe, uma vendedora de lingerie que realizava o sonho de ter a própria loja para vender o que se tornara sua grife. Tudo pago, logicamente, pelo novo marido que vinha de uma família rica. Igor fechou a cara. Até onde uma pessoa era capaz de chegar para ganhar status e dinheiro?

– Tem a casa dos meus pais em Ilhabela – disse Gustavo. – O que acha, Igor? Posso levar minha prancha e te ensinar a surfar!

O pior é que Gustavo não se mostrava nem um pouco original. Aquele papo era o mesmo que ele usara no último feriado, quando arrastara todo mundo até a casa no litoral norte para um descanso que ele pretendia incrível. No final, chovera direto, um frio do caramba e nenhuma onda favorável nem para bater as pernas agarrado à prancha de surfe. Igor, que escapou da aula de natação todas as vezes que a mãe, em pessoa, o deixava na porta da academia, nunca aprendera a nadar. Para Adriana, o filho dominava o básico. Sequer imaginava que o garoto aparecia de cabelos molhados na hora em que ia buscá-lo por um único motivo: se enfiava debaixo do chuveiro da academia, de calção e tudo, somente para tornar a mentira mais convincente...

Surfar, portanto, estava fora de cogitação. Além disso, o sol e Igor não se entendiam. Um garoto branco como ele era obrigado a gastar toneladas de protetor solar que a mãe fazia questão de esfregar no filho para ele não virar um pimentão ambulante.

– O que acha, Igor? – repetiu Gustavo, procurando manter o entusiasmo.

O garoto olhou para o homem de trinta e poucos anos (cinco mais novo do que Adriana) que o fitava através do espelho retrovisor. Daria sua resposta de sempre.

– Tanto faz – disse, investindo no desânimo total.

Foi como jogar uma pedra certa para derrubar o convite do padrao. Adriana, que se virara no banco da frente para falar com o filho, exibiu a cara de vítima que toda mãe sabe perfeitamente como exibir. Igor se voltou para as imagens do dia gostoso que havia fora do carro. E não abriria mais a boca naquela segunda-feira.

Pelo restante da semana, Igor não foi para a escola. Passou a sexta (7 de setembro), o sábado (feriado municipal) e o domingo no quarto, diante do laptop. Apesar de ser um modelo antigo, o laptop recebia a preferência do garoto contra o computador de última geração que ganhara de Gustavo no início das aulas. O presente permanecia intacto sobre a bancada da escrivaninha, funcionando apenas como depósito do pó que Julieta, a empregada, tirava de vez em quando.

Igor guardou todas as notícias que encontrou sobre o assassinato na biblioteca. A imprensa local não fez o alarde esperado. Registrava que, segundo a polícia, um ladrão pulara o muro da escola e matara a vítima para evitar que ela reagisse ao assalto. Assalto?! Não, a polícia estava enganada. Igor se lembrava perfeitamente de ver a bolsa de Conceição intacta, pendurada no encosto da cadeira.

O garoto tinha outra explicação. A vítima conhecia seu assassino. Possivelmente alguém que vinha devolver algum livro. E Conceição, sempre com a caneta entre os dedos, deve ter se virado para a tela do micro, pronta para dar baixa na ficha do assassino. Ele se aproximara por trás e, ágil, rasgara a garganta dela. A bibliotecária nem tivera tempo de sentir pânico – aliás, o pânico que existiria caso lidasse com um assaltante. Seu rosto demonstrava paz, mesmo na morte, como se estivesse apenas cochilando... Era óbvio que não tivera tempo de sentir medo! Depois, friamente, o assassino fechara todos os programas abertos no computador para eliminar qualquer pista que levasse até ele. E saía da biblioteca.

Igor repassou sua teoria sobre o assassinato várias e várias vezes na cabeça. O assassino só podia ser alguém da escola. A biblioteca abria para o público em geral às terças e quintas, e o crime ocorrera na segunda. Alguém da escola... Mas quem? E por que matar uma velhinha tão bondosa quanto Conceição?

Na segunda, dia 10, após o feriado prolongado, Igor não se opôs em acordar cedo. Desta vez, tinha um ótimo motivo para aparecer na escola.

Para sua total decepção, a biblioteca ainda estava interditada pela polícia. As aulas foram aquela chatice de sempre. Igor não prestou atenção em nada. Irmã Mariana fez o impossível para manter a classe focada na análise sintática de um grupo de frases. Já o professor Luiz continuou a ser o peixe fora d'água, como acontecia com Igor. Contratado naquele ano para lecionar filosofia, passava a aula inteira falando para as paredes. Ninguém prestava atenção.

Igor tinha pena do homem. Sabia exatamente como é ser novo em um lugar estranho, principalmente se você é diferente. Luiz mancava da perna direita, o que lhe rendera logo no primeiro dia de aula o *gentil* apelido de Manquinho. Além disso, o pobre professor se atrapalhava todo na hora de explicar o conteúdo da disciplina. Tropeçava nas palavras, gaguejava e ficava vermelho de vergonha com os risos maldosos que recebia da turma. A 8ª. série era mesmo impiedosa.

Naquela manhã em especial, Luiz tentara dar uma aula expositiva sobre Platão. Só tentara. A classe, na algazarra cotidiana, tinha um alvo mais importante: o assassino da bibliotecária, sentado no fundo da sala. Victoria, a estridente, não deixava ninguém esquecer que a polícia cometera um engano terrível. Igor era o verdadeiro assassino, e não um ladrão que ninguém vira. E um assassino sempre volta à cena do crime...

– Esse serial killer aí vai matar de novo! – gritava ela, numa grande interpretação trágica que lhe valeria o Oscar de melhor atriz. – Vocês vão ver!!!

Quando o sinal para o intervalo finalmente tocou, Igor pegou seu único caderno, um todo rabiscado e cheio de orelhas, e o enfiou dentro da mochila. Os colegas fizeram questão de sair rapidinho de perto de tão perigoso assassino. O garoto ficou para trás, com sua cara de sono e a certeza de que seria a manchete principal do colégio por semanas. Ele passava pela mesa do professor, prestes a alcançar a porta, quando o homem o chamou.

– Podemos conversar? – disse Luiz, um tanto sem jeito.

Igor retornou, se perguntando se aquela manhã poderia ficar ainda mais chata.

– Eu gostaria que você soubesse que... – acrescentou o professor, demonstrando que também podia ser gente boa – ... se precisar de mim, para qualquer coisa, pode contar comigo.

O aluno fitou o olhar sincero do professor, como se o enxergasse pela primeira vez. Luiz realmente se importava com o garoto esquisito que era tão diferente dos outros quanto ele.

Igor apenas abaixou a cabeça, sem ideia do que dizer. Desde a morte do pai, desde que descobrira a verdade sobre tudo, erguera ao redor de si um muro gigante, de concreto, que o isolava do mundo. Aprendera a gostar da solidão, da certeza de que só podia contar com ele mesmo. Mas aquelas palavras do professor o desarmavam.

A perna manca de Luiz ganhou destaque em seu campo de visão. Ele se apoiava contra a mesa, deixando a bengala próxima à lousa.

– Todos nós temos cicatrizes em nosso coração – disse Luiz, tocando, de leve, a perna problemática.

– Como... – hesitou Igor. Não se sentia à vontade para fazer aquela pergunta – ... como você...?

– Como minha perna ficou assim?

– É.

– Esta é uma das minhas cicatrizes – contou Luiz, com tristeza. – Fui torturado nos anos 70, durante o regime militar. E nunca mais pude andar como antes.

Igor continuou olhando para a perna manca do professor. Um regime militar? Que regime militar? Teria que pesquisar sobre o assunto na internet.

– Agora vá, filho – disse o professor, disfarçando a emoção com um sorriso. – Eu ainda preciso corrigir uns exercícios.

Toda segunda, à tarde, Igor tinha que ir ao psicólogo. Mas era o tédio de sempre. O especialista falava, falava, inventava mil maneiras diferentes para o paciente se expressar. Igor, no entanto, mantinha a boca fechada e olhava para o teto. E era esta a rotina psicológica desde março, o mês em que começara o tratamento obrigado pela mãe.

Assim que a sessão terminou, Igor catou a bike e pedalou sem pausas até o colégio. Estava escurecendo. A pouca luminosidade ideal para aprontar o que pretendia.

O velho Gilmar morava sozinho há meio século na casinha na ponta direita do terreno, bem lá no fundo. Beirava os 80 anos, mas aparentava duas décadas a menos. Era ágil, dono de uma vitalidade invejável, esperto e,

naturalmente, acostumado demais à malandragem dos alunos para se deixar enganar. Para Igor, era um adversário perigoso. Parecia ter mil olhos, todos colados em cada movimento dos alunos. E ele preferia vigiar justamente os mais bagunceiros, que sempre davam mais trabalho, e, ainda, aqueles que adoravam fugir da aula.

Igor, logo que começara a estudar no Santa Maria, descobrira que uma das árvores da calçada da escola, na extrema direita da quadra, tinha galhos fortes e espichados, quase tocando o muro alto. E, exatamente neste ponto, a grade estava enferrujada. Bastava subir na árvore, esgueirar-se pelos galhos, entortar o pedaço da grade e, através do buraco, deslizar para dentro do colégio, bem em cima de um dos escorregadores do playground, no fundo do terreno.

Foi fácil para o garoto magricela deixar a bike escondida no canteiro de obras de um terreno na rua detrás e, ligeiro, pegar sua rota de entrada ilegal no Santa Maria. Quando alcançou o alto do escorregador, só teve de descer sorrateiramente a escada que levava ao topo do brinquedo.

Rápido, atravessou o pátio até o outro lado do terreno para chegar à casinha de Gilmar e espiar pela janela. O velho, deitado no sofá da sala, assistia à TV. Ora, ora, quem diria? Ele gostava da novela das sete... Igor apertou os olhos. Encontrou o que procurava sobre a mesa ao lado do sofá: o conhecido molho de chaves, cobiçado por gerações de alunos que sonhavam em fugir pelo portão trancado após o início da primeira aula. Uma das chaves abriria a porta da biblioteca...

A solução era esperar Gilmar sair da sala. Muito quieto, Igor permaneceu no seu esconderijo. A hora passou lentamente e nada do velho se mexer, nem para ir ao banheiro! Caramba, o homem tinha, ao menos, que sair para comer! De onde estava, o garoto podia enxergar uma parte da cozinha. Havia uma panela sobre o fogão. Devia ser o jantar.

Somente no horário do *Jornal Nacional* é que Gilmar decidiu esticar as pernas e se dirigir à cozinha. Era a chance de Igor. De mansinho, abriu a porta da frente da casa minúscula e, no passo mais leve possível, foi até a mesa ao lado do sofá. Esticou o braço para pegar o molho de chaves... Um barulho tenebroso, vindo da cozinha, interrompeu o movimento. Igor sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo em milésimos de segundo. Sua mente demorou a registrar que o velho apenas tossia. Uma tosse tenebrosa.

Tremendo de nervoso, Igor capturou o molho de chaves. Retrocedeu até a porta, com um olho no que acontecia na cozinha e a respiração entalada na

garganta. De costas para ele e de frente para o fogão, Gilmar usava uma colher de pau para misturar seja lá o que estivesse dentro da panela.

O garoto inspirou uma imensa quantidade de ar ao sair da casa. Tinha de agir rapidamente. Gilmar não demoraria a dar falta do molho de chaves.

Igor fez inúmeras tentativas até que a décima chave abriu a porta pesada da biblioteca, dupla, feita de madeira muito grossa e antiga. Como um gato, deslizou para dentro do ambiente escuro, dominado pelo silêncio profundo e assustador. Nunca imaginara que de noite a biblioteca, às escuras, formava um cenário perfeito para um filme de terror. Com a mão direita, tirou da mochila a lanterna e o par de luvas de lã que trouxera especialmente para a investigação. As chaves já estavam em seu bolso.

A luz da lanterna o guiou até o balcão de atendimento. Igor o contornou, cuidadoso ao extremo. Pôs a mochila no chão e se sentou na cadeira que Conceição ocupara durante anos, inclusive na hora da morte. Deixou a lanterna sobre o balcão, com a luz voltada para o computador ao lado, e colocou as luvas. Seu pé buscou o estabilizador, que ligou com a ponta do tênis. A escuridão da tela do micro foi sumindo aos poucos. A área de trabalho surgiu, mostrando o logotipo do Santa Maria em letras azuis e a imagem de Nossa Senhora entre as palavras Santa e Maria.

O garoto demorou um pouco para encontrar o programa utilizado no controle do acervo da biblioteca. Bastava descobrir quem tinha livros para devolver em 3 de setembro, o dia do assassinato da...

– Como você entrou aqui? – perguntou alguém, logo atrás do monitor.

O susto quase derrubou o garoto da cadeira. Era ela. A garota linda de uniforme fora de moda.

– Eu é que pergunto – reagiu ele. – Como você *entrou* aqui?

– Moro aqui.

– Ninguém mora numa biblioteca.

– Eu moro aqui desde que morri.

Igor segurou a gargalhada, com medo de atrair os ouvidos sensíveis de Gilmar. Ergueu uma sobrancelha, irônico. Garota maluca...

– Certo, você morreu.

– Morri sim!

– Ah, tá.

– É verdade!

– Hum, sei.

- Eu morri aqui, nesta biblioteca, muito tempo atrás.
- Ahn... e isto faria de você... uma fantasma. É isso?
- Acho que sim.

Igor apertou os lábios para não rir. Desviou o rosto para a tela do micro. Tinha muito que fazer e tempo de menos para ter sucesso.

- Você me vê, mas não acredita em mim! – resmungou a garota.
- Não existe nada depois da morte.
- Claro que existe vida após a morte! Sou a prova disso.
- Você não é uma fantasma.
- Não?!
- Você é uma maluca, isso sim! Agora vê se me deixa em paz. Se manda! Cada doido que existia no mundo... Vai se saber! Bom, onde estava mesmo? E se escolhesse aquela opção do programa e...

– Existe vida depois da morte – teimou a garota. Cansado daquela discussão surreal, Igor suspirou e levantou os olhos outra vez para a suposta fantasma. Ela avançara na direção dele... E estava... O garoto engoliu em seco, sem acreditar... O corpo da menina, etéreo, estava exatamente no mesmo lugar do computador. Pareciam uma coisa só. A tal fantasma atravessava objetos sólidos...

– A-aquela menina do filme X-Men fa-fazia a mesma coisa... – disse Igor, trêmulo demais para articular com firmeza as palavras.

– Quem?!

– A mutante... Isso, você não é fantasma! É uma mutante, como a menina do filme... Uma mutante, sim!

A garota deu outro passo à frente. Atrapalhado, Igor foi para trás, levando a cadeira junto, num movimento rápido demais. Num segundo, se estatelou de costas no chão, com cadeira e tudo. A luz da lanterna não chegava ao piso da biblioteca.

“Seu Gilmar!”, pensou o garoto. Não deu outra. O barulho atraiu o velho, que já descobrira o desaparecimento das chaves. Igor se dobrou para se levantar, pegou a lanterna antes de desligá-la, com a outra mão agarrou a mochila e, com um pontapé, acertou o botão do estabilizador. O micro apagou no mesmo instante em que Gilmar abria a porta que deveria estar trancada.

Igor não ousou se mexer, encolhido atrás do balcão. Pela fresta entre o móvel e o chão, tentou enxergar os pés de Gilmar. O som de seus passos se tornava cada vez mais próximo.

O zelador quase se colou ao balcão. Também trazia uma lanterna. A luz encontrou o micro desligado e foi se movendo para descobrir o que se escondia na escuridão...

No último instante, o barulho de vários livros que caíam de uma prateleira, num dos últimos corredores da biblioteca, interrompeu o flagrante de Gilmar. O velho xingou baixinho e se afastou para descobrir quem ou o que derrubara os livros. “A garota...”, deduziu Igor, imaginando como ela chegara tão rápido a um dos corredores mais distantes do lugar.

Aquele enigma, porém, ficaria para depois. Com pressa, o garoto abandonou o esconderijo, passou pela porta aberta e, rápido como uma flecha, contornou a fachada e a lateral esquerda do prédio principal para reencontrar o playground. Subiu a escadinha do escorregador, se pendurou no muro e saiu antes de passar a mochila e a lanterna desligada pelo buraco e agarrar o galho de árvore que o esperava do lado de fora. Ofegante, ajeitou de volta o pedaço enferrujado da grade e, ainda sem pensar direito, foi direto para o tronco da árvore. Só se sentiu seguro quando seus pés tocaram a calçada.

A noite caíra por completo. E, para piorar, a espessa folhagem das árvores da calçada transformava aquele trecho da rua em um local sinistro. Igor tirou as luvas e as guardou, junto com a lanterna, na mochila jogada sobre as costas. Já ia atravessar a rua para recuperar a bicicleta quando notou que um casal, a poucos metros de onde estava, parecia familiar demais. Ela, encostada no carro, enlaçava o homem pela cintura.

Com medo de que o descobrissem, Igor tratou de ficar atrás da árvore. A mulher era Eunice, a diretora do Colégio Santa Maria. Ela se esticou para beijar vorazmente os lábios do homem. Um homem alto, de cabelos castanhos quase loiros e olhos que Igor sabia serem azuis. Um tipão cobiçado pela mulherada, mas que escolhera casar com uma mulher mais velha, mais pobre do que ele e acima do peso, muito diferente da diretora sofisticada, dona de um corpo perfeito e muito malhado para aparentar menos do que seus 33 anos. Igor recuou ainda mais. Viu apenas o minuto em que Gustavo, seu padrasto, dava partida na Pajero Sport prata e acelerava para deixar a amante para trás.

CAPÍTULO 4

Segunda Vítima

Na manhã seguinte, dia 11 de setembro, Igor sentiu o olhar assassino de Gilmar antes mesmo de parar a bicicleta diante do portão do colégio. O garoto respirou fundo, pensou no molho de chaves que deixara em um esconderijo seguro, em casa, e passou pelo porteiro como se este não existisse. Corajosamente, tomou o caminho da esquerda, apesar da nuca arrepiada, e entrou no prédio pela entrada principal para subir a escadaria até o primeiro andar. Parecia que o olhar assassino tinha se colado em suas costas.

Pela primeira vez desde que pisara no Santa Maria, a sala de aula lhe pareceu um refúgio seguro. Ficou lá, sozinho, por quase meia hora, até lembrar que o colégio inteiro fora convocado para o anfiteatro, no segundo andar. Naquela terça-feira começaria a badalada Semana das Profissões, com palestras diárias que reuniriam profissionais de várias áreas. O dia da abertura estava reservado a um jornalista importante que, para felicidade total da diretora Eunice, aceitara em cima da hora o convite para participar do evento escolar.

Henrique Sobral apresentava seu extenso currículo no instante em que Igor, mais do que atrasado, entrou no anfiteatro e achou um lugar apertado na última fileira de poltronas. O cara recebera duas vezes um prêmio importante, o Vladimir Herzog, trabalhara no jornal *Folha de S. Paulo* durante 15 anos, mais cinco na revista *Veja*, cobrira as guerras do Golfo e da Croácia, fora correspondente em Londres, Paris e Nova York e, atualmente, se dedicava à produção de um livro-reportagem sobre o governo Lula, além de manter um blog político acessado por milhares de pessoas. Eunice estava sentada na primeira fileira, entre a Irmã Mariana e o professor Luiz. Sorria sem pausas, hipnotizada pelo homem de uns 60 anos, cabelos grisalhos e rosto marcado por rugas, que, sobre o palco do anfiteatro lotado, cativava alunos e professores com sua presença carismática. Até mesmo Igor, alguém muito difícil de se impressionar, não perdia uma palavra do convidado ilustre.

– “Pois o jornalismo é uma paixão insaciável...” – disse Sobral, com os olhos faiscantes de tesão pela vida profissional que escolhera. – “Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderá persistir num ofício tão incompreensível e voraz, cuja obra se acaba depois de cada notícia como se fora para sempre, mas que não permite um instante de paz enquanto não se recomeça com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.”

A citação, como o próprio palestrante destacou, era do escritor Gabriel García Márquez. E deu início ao relato empolgante de uma série de casos vivenciados no seu dia a dia de jornalista investigativo, misturada às ameaças que sofrera, aos perigos que enfrentara como correspondente de guerra, às descobertas que fizera por um Brasil desconhecido e miserável durante inúmeras reportagens que valorizavam o ser humano acima da notícia pura e simples.

Após quase uma hora que voou em segundos, Sobral abriu espaço para as inúmeras perguntas que pipocaram pelo anfiteatro. Igor teve certeza de que 99,9% dos presentes escolheriam jornalismo como opção no vestibular, o que faria a festa das faculdades de comunicação da cidade. Quando a palestra terminou, Sobral foi cercado pelos alunos, a maioria tiete que queria beijos e autógrafos. A risonha Eunice se desmanchava em gentilezas para agradar o convidado. Igor, ainda em seu lugar, ficou observando de longe a amante do padrasto. Não deixava de ser irônico o fato de Gustavo trair a esposa. De certa forma, Adriana recebia o troco.

Com raiva de tudo, Igor abandonou o anfiteatro. Tinha de arrumar um jeito de retornar à noite para continuar a investigação no computador da biblioteca.

De noite, a mãe capturou o filho para lhe fazer companhia durante as compras. No sábado, dia 15, era aniversário de Gustavo. E Adriana queria que o jantar especial programado para a data saísse perfeito, principalmente porque já convidara os sogros ricos que a esnobavam. Comprou do bom e do melhor, gastou uma pequena fortuna em vinhos e nos ingredientes que utilizaria para o cardápio. Igor considerava a mãe uma cozinheira excepcional, muito melhor do que a empregada Julieta e seus pratos à base de peito de frango que ela preparava alternadamente durante a semana: à milanesa, assado e frito diretamente na chapa.

Mãe e filho chegaram por volta das 21h em casa. Igor, que já adiara para o dia seguinte a nova invasão noturna no colégio, pegou o controle remoto e se jogou no sofá em frente à TV.

– O Gustavo ainda não chegou... – constatou Adriana, que falava sozinha.

O relógio marcava 21h quando o professor Luiz passou em frente ao Colégio Santa Maria. Era o caminho que sempre pegava para ir até a padaria. Morava ali perto, em um apartamento alugado próximo à Avenida Ana Costa. O professor apreciava o passeio noturno, a tempo de pegar a última fornada de pão do dia. Sentia-se tranquilo, de bem com a vida.

Antes de virar a esquina, escutou o som de um carro parando perto do portão da escola. Automaticamente, girou o rosto para o que ocorria. A rua, escura demais, não permitiu que ele visse quem dirigia o veículo. Gilmar, o zelador, saiu pelo portão, trancando-o a seguir com o cadeado. Apressado, entrou no carro, uma Pajero Sport, ao lado do motorista, que acelerou para sumir do local.

Eunice entregou a chave de seu carro para o manobrista e caminhou elegantemente até a entrada da academia. Malhar era seu melhor vício desde que abandonara o cigarro, há cinco anos. Ficava das 22h até a meia-noite na academia, de segunda a sexta, se revezando entre os aparelhos de musculação e a última aula de alongamento do dia.

Mal alcançou a recepção e seu celular tocou. Com visível satisfação, ela reconheceu na tela do aparelho o número que ligava. Era ele.

Já passava da meia-noite. Gustavo chegou sem fazer barulho e não escondeu a surpresa ao encontrar a esposa de pé, na cozinha, folheando o livro de receitas com a expressão mais concentrada do universo.

Ele a abraçou por trás, carinhosamente, procurando aliviar o peso que ela não merecia carregar.

– Você demorou – disse Adriana, recebendo-o com o que ele mais precisava: ternura.

– Tive que ficar até mais tarde no hospital – explicou Gustavo. – Olha, ainda dá tempo de cancelar esse jantar de aniversário...

A esposa se virou para ele. Como “cancelar”? Fora de cogitação!

– Tá, você é quem sabe. E o Igor?

– Já dormiu. Ah, Gustavo, acredita que ele não abriu a boca durante a noite inteira? Quando chegamos das compras, ele parou diante da TV e ficou lá até a hora em que o mandei dormir. O Igor está piorando... e eu não sei mais o que fazer!

Gustavo enxugou com o polegar as lágrimas que agora molhavam o rosto da esposa antes de aconchegá-la contra si.

– Venha... – disse, num sussurro. – Vamos dormir.

Como a Irmã Mariana costumava dizer, a diretora estava com a macaca naquela quarta-feira nublada, dia 12. O mau humor ostensivo marcava cada passo de Eunice. Ela sequer se dera ao trabalho de receber o palestrante do dia, um nerd em informática que trabalhava numa empresa de software.

Igor, numa vigilância cerrada sobre a amante do padraço, entrou e saiu várias vezes do anfiteatro, onde o colégio inteiro marcava presença, para pegar a escadaria e descer até o térreo. A desculpa era beber água do bebedouro próximo da diretoria, que ficava ao lado da secretaria, na entrada do prédio principal. Numa dessas idas e vindas, o garoto verificou a porta entreaberta da sala que espreitava. Lá dentro, Eunice, com o celular colado à orelha, resmungava alto demais o que, teoricamente, deveria manter na maior discrição.

– Atende logo essa droga de celular, Gustavo! – dizia ela, furiosa.

Igor acelerou o passo, com receio de ser descoberto. Precisava retornar ao segundo andar, mas não chegou a seu destino. Através do imenso vitral que marcava a primeira curva da escadaria, avistou a biblioteca, na outra ponta do prédio. A porta de madeira maciça estava aberta.

Igor só parou de correr ao colocar o primeiro pé dentro da biblioteca. O silêncio era total. Não viu ninguém, nem a mutante que atravessava computadores. Aliás, por falar em computador, o da biblioteca continuava na lateral do balcão, desligado e ansioso para ser explorado. O garoto sorriu. Estava sozinho, sem ninguém por perto para flagrá-lo. Teria uns 10, 15 minutos antes que a palestra do dia terminasse. Ele se aproximou do balcão, pronto para contorná-lo...

Percebeu muito tarde que caíra numa armadilha. Como uma sombra ameaçadora, Gilmar saiu do primeiro corredor, carregando o rodo e o balde com água e desinfetante para justificar sua presença na biblioteca. Mas a cara do velho demonstrava claramente o que ele pretendia: ao abrir a porta

da biblioteca, atraía sua presa como formiga ao pote de açúcar. Gilmar sorriu maldosamente para o micro antes de dirigir seu rosto duro contra Igor. Acabara de descobrir o que o garoto tanto queria bisbilhotar.

Um frio na barriga avisou Igor que não era nada seguro permanecer a sós com um sujeito perigoso como Gilmar. E se ele fosse o assassino? Claro, fazia todo o sentido! Ele tinha a confiança de Conceição porque trabalhavam juntos no colégio há décadas. Por isso, não levantara a menor suspeita da velhinha na hora em que se aproximara para matá-la!

Igor deu um passo para trás. Depois outro. Gilmar continuava a avançar na direção dele.

– Algum problema, seu Gilmar? – perguntou Luiz, surgindo logo atrás do garoto. Este, claro, respirou aliviado. O professor apoiou a mão sobre seu ombro esquerdo para reforçar a proteção que oferecia.

– Esse moleque devia estar na palestra! – retrucou o velho.

– Pedi a ele que viesse buscar um livro para mim na biblioteca.

– Aqui ainda está interditado. A dona Eunice vai reabrir logo depois que eu limpar o lugar. Ainda tem sangue da dona Conceição naquele canto ali, atrás do balcão.

– Ahn, perdoe-me o engano. Vi a porta da biblioteca aberta e imaginei que já estivesse em funcionamento.

– Pois não está, professor.

– Certo.

Com um tapinha camarada, Luiz convidou o aluno a acompanhá-lo para fora da biblioteca. Igor nunca recebera um convite melhor. Assim que se viu a uma distância segura do zelador, agradeceu a ajuda caída do céu.

– Na sua idade, eu também fugia de palestras chatas – justificou o professor, apoiando-se na bengala para caminhar.

– Valeu, mesmo!

– Você é um garoto inteligente. Não entendo por que gosta tanto de matar aula.

Igor espiou o professor ao seu lado. Sentiu que podia confiar nele.

– É que odeio esse colégio. E essa cidade também.

– Ora, filho, não fale mal da minha cidade! – riu Luiz.

– Você nasceu aqui?

– Sim, sou santista e torço pelo Peixe! Agora, quanto ao colégio... O Santa Maria pode ser um lugar muito conservador para um jovem rebelde.

Igor não comentou o assunto. Tinha uma pergunta mais complicada na cabeça.

– Professor, por acaso você sabe se morreu mais alguém na biblioteca, além da dona Conceição?

Bruscamente, o homem interrompeu a caminhada. Parecia sacudido por uma emoção intensa.

– Pode repetir? – pediu ele para ganhar tempo e se recompor.

Igor achou que poderia avançar mais na conversa. Era certo que Luiz guardava um segredo importante.

– Você sabe se alguma aluna morreu lá dentro?

– Aluna?!

– É, uma garota mais ou menos da minha idade, mais baixa do que eu, de olhos azuis e cabelos claros... E muito bonita também! Parece que ela morreu há muitos anos e...

O garoto engoliu o que falava de modo abrupto. Admitir que a mutante tinha morrido era o mesmo que acreditar que ela era uma fantasma. O que, absolutamente, contrariava todas as regras da natureza.

– Tchau, professor! – disse ele antes de disparar numa corrida até a porta principal de acesso ao prédio.

Ao passar pela diretoria, Igor viu que Eunice não estava mais lá. Soube mais tarde que ela saíra no meio do expediente para resolver um assunto particular. O garoto não deu importância ao fato. À noite, perdeu mais uma chance de prosseguir com sua investigação secreta. Tudo porque a mãe resolveu arrastá-lo para uma visita de rotina ao dentista.

Retornaram para casa por volta das 22h, o mesmo horário em que Gustavo apareceu com um rosto perturbado e sua camisa branca de médico respingada de sangue. Assustada, Adriana foi ao encontro dele no hall do apartamento. Igor, mais do que curioso, a seguiu.

Gustavo abraçou a esposa, encostando o rosto contra seu ombro num choro sentido.

– Perdi uma criança... – contou ele, num fio de voz. – Ela foi atropelada e... Havia muitas emergências e fui ajudar no atendimento... Adriana, eu... eu não consegui salvar a criança...

O padrasto parecia mesmo arrasado. A esposa o confortou, chorou junto com ele, levou-o até a cozinha, onde preparou uma xícara de chá quente para ajudá-lo a se acalmar.

Cético, Igor assistiu à cena à distância. Um médico formado há tantos anos já não deveria ter se acostumado com a morte? Gustavo era um oncologista renomado, que cursara especializações no exterior e participava sempre de congressos nacionais e internacionais. A morte de um paciente não era novidade para ele. Por que, então, toda aquela encenação?

A resposta, pelo menos para Igor, veio na manhã seguinte ao encontrar fechado o portão da escola no horário de entrada. Havia um cartaz avisando que não haveria aula, o que surpreendeu pais e alunos que chegavam ao local. Eunice, a diretora, fora assassinada na véspera com um tiro no rosto no momento em que saía da garagem do seu prédio para ir à academia.

CAPÍTULO 5

Jantar de Aniversário

As aulas foram suspensas pelos outros dias da semana em homenagem à diretora. Após liberação do Instituto Médico Legal, o corpo de Eunice foi velado durante a noite de sexta, no necrotério do hospital Beneficência Portuguesa, com enterro previsto para sábado de manhã. Exatamente no dia 15, aniversário de Gustavo.

No Cemitério da Filosofia, no bairro do Saboó, Eunice recebeu as últimas homenagens de alunos, professores e funcionários do Colégio Santa Maria, além de parentes e amigos. A aluna Victoria fez um discurso choroso entre duas coroas gigantescas de flores, uma delas enviada em nome da 8ª. série, a classe preferida da diretora. Os dois coveiros esperaram pacientemente o último adeus dos inúmeros presentes ao redor do túmulo em que o caixão seria baixado. Victoria encerrou a homenagem com um grito de dor, histérico, antes de debulhar suas lágrimas de crocodilo no ombro do professor Luiz, que, gentilmente, a consolou. Outros alunos, mais sinceros, também choravam. Irmã Mariana, com o terço entre os dedos, murmurava uma oração. Rostos imensamente tristes acompanhariam o trabalho dos coveiros, que ainda teriam de fechar o túmulo com cimento e tijolos.

Igor não esperou pela parte final. Afastou-se da multidão e tomou um caminho qualquer entre as campas. Para um garoto tão interessado nos processos que levavam à morte, não era de estranhar que o cemitério fosse um dos seus lugares preferidos na busca por paz e silêncio. Em Bauru, visitava o túmulo do pai todos os dias. Passava horas travando uma conversa imaginária com a única pessoa que poderia compreendê-lo. Alguém que não existia mais.

Aquela caminhada seria benéfica para a mente agitada que lutava feito doida para entender um quebra-cabeça cada dia mais complexo. Gustavo matara a amante. Isto era óbvio, certo? Mas por que fizera isso? Para esconder da esposa a amante? Igor rangeu os dentes. O padrasto já matara antes...

E ainda havia o assassinato na biblioteca. Onde Conceição se encaixava nisso? Quer dizer, se é que se encaixava... A questão agora era provar que Gustavo matara Eunice. Igor se lembrou da camisa suja de sangue do padrasto. Pena que Adriana tivesse feito questão de resolver o assunto assim que o marido tirara a peça do corpo.

– Quanto mais tempo a gente demora para tirar o sangue da roupa, pior fica para remover a mancha! – justificara ela ao se dirigir para o tanque.

Igor tinha certeza de que aquele sangue pertencia a Eunice! Até imaginou a cena: a diretora abaixando o vidro do carro após sair da garagem do prédio para falar com o amante que chegava a pé, a cara de pânico ao ver a arma, o tiro que a atingia em cheio e o sangue espirrando na camisa branca de seu assassino... E a prova preciosa acabara destruída pela mania de dona de casa exemplar da mãe. Que droga!

O garoto guardou tudo o que foi noticiado na imprensa sobre a morte da diretora. De acordo com a polícia, Eunice estava saindo de casa para ir à academia, como fazia todos os dias antes das 22h, quando fora vítima de uma tentativa de assalto. Ninguém viu o ladrão que teria atirado na diretora e fugido sem levar nada. “A vítima, possivelmente, reagiu ao assalto”, afirmara o delegado Beltrão na reportagem publicada sobre o crime no jornal *A Tribuna*.

Era a primeira vez que Igor visitava o Cemitério da Filosofia. A manhã ensolarada destacava a atmosfera serena do lugar, ressaltando túmulos muito antigos, alguns bem cuidados e outros nem tanto. Não foi difícil para o garoto vagar sozinho por mais de uma hora, sem encontrar viva alma pelo trajeto de destino incerto. Já se perdera mesmo e, sem dúvida, ficaria dando voltas e mais voltas até encontrar algum funcionário que lhe mostrasse como sair do cemitério.

O instinto de sobrevivência alertou-o de que alguém o seguia. Ele moveu o rosto para trás, apreensivo. Teve a impressão de ver um vulto que se ocultava para não ser reconhecido. Igor acelerou a caminhada, procurando uma saída para o emaranhado de campas em que se metera. Não encontrou nada... Assustado, começou a correr para qualquer ponto que o deixasse longe de quem o perseguia. Gustavo... Só podia ser ele! E se o padrasto desconfiasse de que o enteado sabia de tudo? Que ele era um assassino frio e calculista? Podia matar o enteado e escondê-lo naquele labirinto. Levariam séculos para achar o cadáver!

O espaço entre as campas era apertado demais. Igor tropeçou, caiu de quatro em cima de um canteiro de terra e se levantou para continuar fugindo. O assassino ainda estava em seu encalço.

O garoto contornou um túmulo negro, depois outro, de mármore branco e detalhes em dourado. Não enxergava mais para onde ia. Tinha que escapar do assassino...

Uma trombada inesperada colocou-o de frente para alguém que o prendeu com firmeza pelos braços. O garoto se debateu, chutando e esperneando para se livrar...

– Igor, calma, por favor! – pediu uma voz familiar. E ela pertencia ao professor Luiz.

Funcionou como uma ducha fria. O garoto se endireitou e, totalmente sem graça, espiou o professor que ainda o segurava.

– Desculpa, eu... – tentou explicar. – Acho que pirei por uns segundos.

– Muito normal na sua idade, você não acha? – sorriu Luiz.

Igor ia responder qualquer coisa. Sua atenção, porém, foi desviada para a campa exatamente ao seu lado. Era simples, com alguns azulejos soltos e pequenos pontos invadidos pelo mato. Um buquê de flores frescas sobre a lápide contrastava com a aparência abandonada. Havia ainda uma placa de granito, com as pontas lascadas, que trazia duas fotos e a identificação dos ocupantes do túmulo. A primeira foto mostrava uma senhora idosa, Clotilde Tierni, nascida em 13 de junho de 1892 e falecida em 18 de agosto de 1971. Já a segunda foto... Pertencia a Lara Tierni, nascida em 22 de março de 1956 e falecida em 3 de setembro de 1970. Uma menina bonita que morrera aos 14 anos... Igor empalideceu antes de perder o equilíbrio sobre as pernas. Acabara de reconhecer na foto a garota mutante que morava na biblioteca.

– Você está bem? – preocupou-se Luiz, amparando o aluno para que este não tombasse de nariz no chão.

Igor precisou se apoiar na beirada do túmulo de Lara. Respirava com dificuldade.

– Igor, o que aconteceu? – chamou um aflito Gustavo, que chegava correndo apenas naquele minuto. Ele deu uma volta imensa para ultrapassar um grupo espremido de campas antes de alcançar o garoto. Este, no entanto, evitou o contato do médico que pretendia examiná-lo. Gustavo recuou, surpreso com aquela reação.

– Ele passou mal – explicou Luiz. – Deve ser o calor.

Nada mais verdadeiro. O sol quente parara no meio do céu. Para complicar, Igor pulara o café da manhã antes de pegar a bike e ir pedalando da Ponta da Praia até o Saboó, uma distância considerável mesmo para alguém acostumado a andar de bicicleta o dia inteiro.

– Por que você estava correndo daquele jeito? – perguntou Gustavo, com sua eterna cara de inocente. – Te chamei umas duas vezes e você continuou fugindo!

– O que *você* está fazendo aqui? – rosnou Igor. Estava ficando cada vez mais difícil manter a indiferença de sempre para lidar com o padrasto.

– Tua mãe me pediu para te buscar.

Mentira! Ele aparecera no cemitério só para não perder o enterro da finada amante...

– E você é...? – perguntou Gustavo para o outro homem.

– Luiz, o professor do Igor.

– Ah, sim. Gostaria de uma carona, professor? Ou você está de carro?

– Uma carona seria muito bem-vinda, obrigado.

O padrasto assassino não tentaria nada contra o garoto enquanto o professor estivesse com eles. Tudo bem, então, em acatar a ordem da mãe e pegar a carona para casa.

Ainda apoiado sobre a laje, Igor olhou outra vez para a foto de Lara. Uma fantasma... Aquilo realmente era inacreditável!!! Quando, enfim, se sentiu equilibrado o suficiente para acompanhar os dois adultos, perdeu a cor do rosto pela segunda vez. Gustavo, com um ar enigmático, também analisava a foto da garota.

Igor se trancou no quarto o dia inteiro. Por ele, também passaria a noite lá, só que a mãe tinha outros planos. Ou melhor, um único plano. Reunir a família no jantar perfeito de aniversário. Os pais de Gustavo, Valentina e Osvaldo Velásquez Aguiar, viviam nas colunas sociais, em eventos beneficentes e nas festas mais badaladas da cidade. Osvaldo, dono de uma das mais importantes construtoras da região, entre outros empreendimentos, conseguia a façanha de ser mais indigesto do que a esposa de queixo empinado e nenhuma vontade de ser simpática com a nora e o enteado do filho.

Igor sentiu pena da mãe. Ela preparara uma mesa requintada para o jantar, com direito a flores e louça fina, e investira todo o talento para recriar sua mais deliciosa receita: casquinha de bacalhau. De longe, a

preferida do aniversariante. Igor já babava à espera da sobremesa – manjar de castanha com cobertura de geleia de amora – quando reparou que os sogros sequer tinham experimentado a comida.

Gustavo, que repetira o prato, foi quem começou o ataque.

– Vocês não vão comer? – perguntou, com uma careta.

Valentina interrompeu o monólogo que sustentava desde que chegara ao apartamento de cobertura do filho. Correção: apartamento dela e do marido, que o filho e a família ocupavam de graça. Ela parou uma explicação pela metade – algo sobre uma campanha beneficente que encabeçava – e fitou Gustavo como se dissesse “por favor, agora não...”. Adriana, sentada ao lado do marido, de frente ao filho e à sogra, se mexeu, nervosa. Osvaldo, na cabeceira, partiu em defesa própria.

– Você sabe muito bem que sua mãe e eu gostamos de jantar cedo – disse, secamente.

– Vocês jantaram antes de sair de casa?! – deduziu Gustavo. – Puxa, pai, hoje é meu aniversário! Custava vocês dois...

– Não me venha com cobranças, rapaz. Você é a última pessoa do mundo que tem direito a fazer qualquer tipo de cobrança.

– Osvaldo, por favor... – tentou Valentina.

– Este seu filho teve tudo do bom e do melhor – continuou ele, dirigindo-se à esposa. – Fez os cursos que quis, viajou pelo mundo inteiro, aproveitou a vida como ninguém! E agora que estou velho e cansado, ele se recusa a assumir a construtora.

– Nosso filho tem uma carreira. É um médico importante e...

– Gustavo já viveu a vida dele do jeito que queria. Hoje ele faz 37 anos. Trinta e sete! Agora é hora de pensar nos pais e parar de se comportar como uma criança mimada.

Gustavo não disse nada. Empurrou para a frente o prato de comida, mantendo a calma que Adriana tanto elogiava. Igor espetou o garfo em mais uma porção de bacalhau e a enfiou na boca. Era o único que mastigava, interessado demais na discussão que pretendia alimentar.

– Hoje foi o enterro da diretora da minha escola – provocou, de boca cheia. – Ela morreu, assassinada, com um tiro na cara.

Gustavo arregalou os olhos azuis para o garoto, e Adriana simplesmente dirigiu uma expressão furiosa para o filho. Valentina e Osvaldo, pela primeira vez desde que a nora entrara para a família Velásquez Aguiar, concordavam com ela em alguma coisa. Aquele não era um assunto

adequado para um jantar de aniversário. As palavras de Igor haviam provocado um indigesto mal-estar em todos, exceto, claro, no menino, que encheu novamente a boca com outra garfada de bacalhau.

Elegantemente, Valentina iniciou um novo monólogo, desta vez sobre violência urbana, frustrando os planos do garoto, que queria ver o circo pegar fogo. Cutucar Gustavo na presença dos outros era bastante tentador.

– Você e a diretora eram amigos? – perguntou para o padrasto, cortando a fala de Valentina.

– Não – respondeu ele, rápido demais.

– Ué, então o que vocês faziam abraçados na segunda à noite, pertinho da escola, no pedaço mais escuro do quarteirão?

Gustavo ficou mais branco do que os guardanapos de linho reservados para a ocasião. O rosto de Adriana se tornou vermelho-púrpura. Já os sogros apenas se entreolharam. O jantar perfeito de aniversário acabava ali.

Adriana enviou Igor e seu ar de triunfo imediatamente para o quarto. Só sairia com permissão expressa. Valentina, sem perder a elegância, arrumou uma desculpa qualquer para partir e levou o marido com ela. Antes de acompanhá-la, Osvaldo lançou a frase final para o filho único:

– Rapaz, você não sabe mesmo conduzir sua vida!

Exausto, Gustavo largou a testa sobre a mesa, sem coragem de sair do lugar. Ele e a esposa ficaram sozinhos na sala de jantar.

– Perdoe-me – murmurou ele. – Eu devia ter te contado que a Eunice me abraçou.

– No pedaço mais escuro do quarteirão? – destacou Adriana, trêmula de ciúme.

Não era nada fácil ser casada com um bonitão charmoso, mais jovem do que ela, que atraía todos os olhares femininos por onde passava.

– Só achei aquela vaga para o carro.

– Gustavo, eu...

– E ela me beijou. Na boca.

Adriana ficou ainda mais perturbada. Lidar com a sinceridade de Gustavo era pior do que lidar com o ciúme.

– E você?

– Não retribuí o beijo. Aquela mulher me enjoa. Me enojava – disse, acertando o tempo verbal. – Ela mereceu aquele tiro na cara!

– Não fale assim, Gustavo. A coitada morreu e...

– Coitada?! A Eunice transformou minha vida num inferno durante dois anos. Se eu tivesse a mínima ideia de que a diretora do Santa Maria era ela, jamais indicaria a escola para o Igor!

Reencontrar a ex-noiva após tantos anos mexera com o temperamento pacífico de Gustavo. O pior, para ele, fora descobrir só no dia do assassinato da bibliotecária que Eunice era a diretora e, por consequência, o quanto estava próxima do enteado. Gustavo ficara desesperado para mudar o menino de escola e deixá-lo fora do alcance da psicótica, como chamava a ex-noiva. Foi a esposa quem o convenceu de que mais mudança na vida de Igor só iria prejudicá-lo.

– Tira o Igor do castigo – pediu Gustavo, finalmente erguendo o rosto abatido para a esposa. – Ele teve um dia difícil.

– E você, que teve uma semana ainda mais difícil?

– Vou ficar bem – prometeu ele, apertando com carinho a mão de Adriana. – Eu tenho você, lembra?

Igor escapou do castigo e, na ponta dos pés protegidos apenas por meias, se esgueirou pelo corredor que dava para a sala de jantar. Esperava ouvir a briga entre a mãe e o padrasto, mas só encontrou uma cena melosa. Os dois, de mãos dadas, estavam namorando! “Minha mãe é mesmo uma tonta!”, lamentou o garoto, escondido atrás da porta entreaberta. Gustavo a enganava direitinho. Ou, talvez, ela quisesse ser enganada. Perder o novo marido significava perder a cobertura enorme e luxuosa em que morava, a loja chique no shopping, as roupas e sapatos caros que usava... “O que ela não faz e já fez por dinheiro...”

– Eu ainda não dei o meu presente – dizia Adriana.

– Mais roupa branca? – perguntou ele, rindo. Todo médico parecia odiar receber roupa branca de presente.

– Não... Eu diria que é algo ainda muito pequenino... Com um sorriso imenso, Adriana guiou a mão do marido até a barriga. Igor sentiu uma pontada dolorida no coração.

– Um bebê?! – murmurou Gustavo, emocionado.

Adriana, grávida?! Ela estava gerando o filho de um assassino! Igor reprimiu com força a vontade de urrar de raiva. Voltou correndo para o quarto, calçou o par de tênis, tirou o molho de chaves que escondera dentro da boca do peixão taxidermizado junto ao computador, pegou a mochila e voou para a porta de serviço do apartamento. A bike, à sua espera no

bicicletário do condomínio, o carregaria em menos de meia hora para o colégio.

CAPÍTULO 6

Lara

A passagem ilegal facilitou o acesso do intruso à escola em pleno sábado à noite. O relógio da biblioteca, logo acima do balcão de atendimento, registrava 22h35. Igor baixou a luz da lanterna, que apontava para o relógio, e procurou pelo computador de Conceição no local às escuras. Mas... *o micro desaparecera!*

– Seu Gilmar levou a máquina para manutenção – explicou a garota fantasma, aparecendo do nada bem na frente de Igor.

Assustado com a aparição repentina, Igor quase deixou a lanterna cair. Não conseguiu segurar um palavrão.

– Que coisa feia! – criticou a fantasma, cruzando os braços.

– Que droga!!! – rosou o garoto, tremendamente frustrado. – Agora ferrou tudo!

– Hum?!

– O computador ia me levar até o assassino da dona Conceição!

– E como ele ia fazer isso?

Eta fantasma burra!

– Por que você não volta pro além e me deixa investigar em paz?

– Porque, menino grosseiro, eu vi quem matou a dona Conceição. E você não!

Zangada, a fantasma se desfez no ar, para desespero do garoto. *Ela sabia quem era o assassino!*

– Ei, volta aqui! – chamou Igor, apontando a luz da lanterna inutilmente para todas as direções. A fantasma sumira mesmo. – Vamos conversar!

Aquele garoto era irritante! Com certeza, o mais irritante entre todos os alunos que a fantasma vira passar pelo colégio. O malcriado continuou chamando-a em voz baixa para não atrair o zelador, enquanto cruzava várias vezes a biblioteca de ponta a ponta, sem esquecer nenhum dos 30 corredores. Além de irritante, teimoso! Bem que ele podia ir embora e não voltar nunca mais...

– Ei, fantasma, aparece, vai! – pediu o garoto, cansado após mais de uma hora à procura da menina. – Olha, desculpa, tá? Eu não devia ter falado o palavrão...

Não era pelo palavrão, mas pela grosseria em si. Dispensá-la como se ela não fosse nada! Ora, um fantasma também tinha direito de ser tratado como gente, mesmo não sendo mais gente. Gente viva, pelo menos.

– Que droga, Lara! Quer fazer o favor de aparecer logo?!

A garota surgiu ao lado dele, assustando-o pela segunda vez.

– Você me chamou de Lara... – disse ela antes de morder o lábio inferior.

– O meu nome é Igor.

– Por que você me chamou de Lara?

– Não parece óbvio? – ironizou ele.

– Tem certeza de que Lara é meu nome?

– E não é?

– Não sei.

– Como assim não sabe?

– É que... eu não lembro.

– Putz, além de fantasma, você é desmemoriada, é?

A garota ficou de tromba. Grosseiro, irritante, teimoso e completamente desrespeitoso!

– Qual é o problema se eu sou uma fantasma?

– Talvez o fato de você estar morta?

– E isto incomoda você tanto assim?

– E por que incomodaria? Super comum encontrar uma menina fantasma morando numa biblioteca. Acontece todo dia.

Argh, como era horrível aquele tom sarcástico! E, para completar, Igor era feio. Um moleque branco-desbotado, magricela, narigudo, com os cabelos longos, escuros e escorridos, cheios de pontas duplas, e olhos negros e miúdos de ratinho. E as roupas dele, então? Cabiam três Igor dentro da camiseta preta, gigante, de manga comprida. A calça jeans surrada não conseguia ficar na cintura... E ele usava correntes no lugar do cinto!

– A fantasma sou eu, mas quem arrasta corrente por aí é você! – provocou a garota, com as sobrancelhas unidas pela raiva.

Para seu espanto, Igor começou a rir, achando graça na comparação. A fantasma, desconcertada, ficou sem saber de onde tirar outra provocação inteligente.

– Vem, quero mostrar uma coisa pra você lá perto da porta – disse ele, agora sério, com aquele sotaque interiorano que emperrava no “r”.

Do fundo da biblioteca, onde estavam, os dois retornaram para o balcão de atendimento. Com calma, Igor contou para Lara tudo o que vira no dia do assassinato de Conceição. Os detalhes da cena do crime, a dedução de que a vítima conhecia o assassino e como o programa do computador poderia ajudar a identificá-lo. Fazia um bem imenso ao garoto ter com quem conversar sobre o assunto. Além disso, sua primeira impressão sobre a fantasma estava se revelando meio nada a ver. Lara até que era inteligente. Fez várias perguntas sobre a hipótese desenvolvida pelo garoto e só sossegou quando verificou que estava tudo redondo.

– Dona Conceição conhecia, sim, quem a matou – confirmou ela.

Igor entrelaçou os dedos e os estalou ansiosamente. Enfim, conheceria a identidade do assassino.

– E você viu mesmo quem era? – perguntou. Torcia para que a resposta fosse “Gustavo”, apesar de não ter nenhuma pista que relacionasse o padrasto com a morte da bibliotecária.

– Mais ou menos.

– *Mais ou menos?! – repetiu ele, incrédulo. – Mas você falou que...*

– Vi um vulto e escutei uma parte da conversa. Totalmente decepcionado, Igor inflou as bochechas para bufar.

– *Grande coisa!!! – explodiu, enquanto agitava os braços para evitar que eles estrangulassem a fantasma. Garota burra e mentirosa! E ele caíra direitinho na lábia dela... Hum... uma fantasma podia ser estrangulada?*

– Quer gritar mais baixo? – mandou ela. – Você é fogo, hein? Assim você vai acordar o seu Gilmar e a vizinhança toda!

Igor não quis nem saber. Virou as costas para a fantasma e foi se enfurnar em algum recanto distante da biblioteca.

Não passou nem 15 segundos sozinho. Lara apareceu de novo perto dele, assustando-o pela milésima vez.

– Vi um vulto se aproximando da dona Conceição naquela manhã – prosseguiu Lara, sem se importar com a carranca do garoto. – Não prestei atenção porque muitas pessoas sempre passam pelo balcão de atendimento. E, depois, eu estava concentrada em um livro de poesias, parada logo no começo do primeiro corredor...

– Fantasmas leem? – estranhou Igor.

– Bom, não sei quanto aos outros. Passo meu tempo lendo bastante.
Ahn... não há muitas opções numa biblioteca, não é mesmo?

– Há outros iguais a você? Digo... outros fantasmas?

– Não sei. Aqui na biblioteca só existe eu.

– E em outros lugares?

– Que lugares?

– Fora daqui.

– Não sei. Nunca saí daqui depois que morri.

– Nunca mesmo?

– Hum-hum.

– E por quê?

– Por que o quê?

– Por que nunca saiu daqui?

– Você quer ou não saber a parte da conversa que eu escutei naquela manhã?

– Tá, continua.

Era divertido brincar com a luz da lanterna. Igor girou o objeto entre as mãos, jogando luminosidade como flashes mágicos contra os livros, as prateleiras...

– Quer fazer o favor de prestar atenção no que estou falando? – criticou Lara.

– Mas eu tô ouvindo!

– Não está não!

– Vai, conta logo!

– A dona Conceição fez um comentário para o vulto...

– Que comentário?

– Algo sobre o fato dele ser famoso...

– Ele? Então o assassino é mesmo um homem?

– Ou famosa, não lembro direito...

– Pode ser uma assassina.

– Sim, pode.

– E...?

– E o quê?

– O que a dona Conceição disse depois?

– Ah, não lembro.

Igor franziu a testa. Ela nunca tinha certeza de nada?

– Você sempre teve problema de memória ou isso só apareceu depois que você morreu?

Lara abaixou o rosto, sem esconder a mágoa. Desta vez, Igor a atingira de verdade.

– Escuta, eu... – tentou ele, para se desculpar. Não adiantou muito. Foi com uma expressão profundamente triste que a fantasma se misturou à escuridão.

Igor permaneceu em silêncio por muito tempo, sentado de pernas cruzadas no chão, com as costas apoiadas contra uma das inúmeras prateleiras do lugar. A lanterna, ainda em sua mão, continuava girando. Talvez fosse muito solitário ser um fantasma. Principalmente um que vivia como um prisioneiro numa biblioteca sinistra. Pior mesmo devia ser durante as férias, quando nem Gilmar entrava no local para a faxina. Igor também sabia como era ser sozinho no mundo.

– Lara Tierni – murmurou ele, certo de que seria ouvido. – Nascida em 22 de março de 1956 e falecida em 3 de setembro de 1970.

Funcionou. A fantasma apareceu em pé, a alguma distância do garoto.

– Você foi enterrada junto com uma mulher – continuou Igor. – Clotilde Tierni, nascida em 13 de junho de 1892 e falecida em 18 de agosto de 1971. Acho que era sua avó.

– Você... visitou meu túmulo?

– Tinha flores sobre ele. Você não está sozinha, Lara. Tem alguém que pensa em você e na sua avó.

De onde estava, a garota sumiu num piscar de olhos para reaparecer sentada, à esquerda de Igor. Sobressaltado, ele prendeu a respiração. Demoraria um pouco para se acostumar àquela locomoção instantânea.

– O que mais você descobriu sobre mim?

– Só isso. Do que, exatamente, você consegue se lembrar?

Lara abraçou os joelhos, tomando o cuidado de ajeitar a saia pregueada do uniforme para não revelar a parte superior das pernas bonitas. Igor se perguntou se não era esquisito demais se sentir atraído por uma bela fantasma...

– Lembro da escuridão... – começou ela. – Logo depois que morri.

– E...?

– Eu me senti muito leve... Como se estivesse pairando acima dos livros, das estantes, de tudo. Não sei quanto tempo passei assim.

– E você descobriu seus poderes.

– Poderes?

– É. Atravessar objetos sólidos, sumir e aparecer, essas coisas de fantasma.

– Sim, acho que são poderes – sorriu ela. Um sorriso meigo que se destacou sob a luz da lanterna cada vez mais fraca. A pilha estava acabando. – Não sei como aprendi a usar esses poderes. Eles apenas foram acontecendo.

– Você mora nesta biblioteca há 37 anos, sabia?

– Tudo isso?

– É.

Lara respirou fundo. Ou pareceu respirar. Ah, tá, respirar fundo é modo de falar. A fantasma continuava triste.

– Faz sentido – disse, num sussurro. – Vi tantos alunos que começaram a frequentar a biblioteca muito novinhos, cresceram e, depois, se tornaram quase adultos. Teve um menino que...

– Como foi que você morreu? – cortou Igor, ansioso em fazer a pergunta.

– Ahn... você se lembra disso, né?

A fantasma balançou negativamente a cabeça.

– Fiquei imaginando como se morre numa biblioteca – acrescentou ele.

– Um acidente, talvez?

– Mas que tipo de acidente?

– Não sei...

– Também acho que você não teve nenhum ataque cardíaco fulminante. Muito nova pra isso, entende?

Igor prendeu o olhar nos olhos claros da garota, procurando a melhor forma de dizer aquilo.

– Pra mim, você foi assassinada. Lara apenas deu de ombros.

– Você não vai dizer nada? – cobrou ele, sem entender aquela indiferença.

– Para quê? Para você me chamar novamente de desmemoriada?

– Pô, só tô querendo te ajudar!

– Me ajudar?

– Claro, né?

– E por que você faria isso?

– Porque teve alguém que deixou flores no seu túmulo! Você não está sozinha, garota! Deve ter irmãos, sobrinhos, sobrinhos-netos e um monte de

parentes espalhados por aí!

– E você vai me ajudar a encontrá-los?

– O que você acha, hein? – resmungou o garoto, impaciente.

Lara voltou a sorrir, espantando um pouco da tristeza. Feliz como há muito não se sentia, Igor retribuiu o sorriso. Não se lembrava da última vez que sorrisse para alguém.

A pilha da lanterna chegou ao fim, as horas passaram e os dois continuaram conversando. Lara queria saber tudo sobre o mundo de hoje, se ainda passava o Jornal Nacional (que estreara na TV um ano antes de ela morrer), se o Roberto Carlos ainda cantava com a Wanderléa, se o presidente do Brasil ainda era o general Emílio Garrastazu Médici. Ficou terrivelmente abalada quando soube que os Beatles não existiam mais e que dois deles já haviam morrido. E não acreditou quando Igor contou que o presidente agora era um antigo sindicalista.

– Então, isso significa que o povo chegou ao poder? – perguntou ela, incrédula.

O garoto não soube contar a história recente do Brasil. Na verdade, nunca se interessara pelo assunto, o que revoltou Lara.

– Você vive neste país e não sabe nada sobre ele? – intimou. – É por culpa de pessoas como você que as elites mandam e desmandam e o povo continua na miséria!

Sim, Igor falara das favelas, da violência urbana, das crianças que vivem na rua e dos agricultores que continuam sem terra. Ele aceitou, cabisbaixo, a crítica. Esquecera-se completamente de pesquisar na internet sobre o regime militar. O lado positivo daquela conversa é que a fantasma ganhava uma percepção atual da realidade ao comparar passado e presente, o que beneficiava, de modo direto, sua memória.

Igor bocejou. Estava há 24 horas sem dormir. As inúmeras janelas altas da biblioteca refletiam a luz da manhã de domingo.

– Tá na hora de ir embora – disse o garoto, prendendo a mochila nas costas antes de se levantar do chão e atravessar os poucos metros que o separavam da porta da biblioteca. Ao tocar na maçaneta, notou que Lara não se movera do lugar. – Você não vem?

– Eu moro aqui – justificou.

– E daí? Moro na minha casa e não é por isso que vivo trancado lá dentro.

- Você não entende...
- Entendo que você está morrendo de medo de rever o mundo lá fora.
- Isto é papo furado! – criticou ela. – Eu não posso morrer porque já estou morta!
- Não muda de assunto, medrosa!
- Eu não sou medrosa!
- É sim. Quer apostar quanto que eu vou sair e você vai ficar parada aí, que nem boba?
- Eu não sou boba, seu grosseiro!
- Se não é, então parece!

Fervendo de raiva, Lara avançou até a porta que Igor já abrira. Parou, hesitante, debaixo do batente. A manhã, no exterior da biblioteca, prometia um dia tão quente quanto a véspera. O sol cobria o prédio da escola e a capela, que faziam sombra sobre as duas quadras esportivas e as piscinas infantil e semiolímpica na lateral direita do terreno.

- O colégio está diferente... – comentou Lara, distraída.
- Anda, medrosa! Eu já fui!

E Igor saiu correndo, mais por medo de ser pego por Gilmar do que realmente para provocar a fantasma. O zelador já devia ter acordado. No meio do caminho para o playground, o intruso lembrou que precisava trancar a porta da biblioteca. Retornou como um raio. Lara não estava mais em pé junto ao batente.

– Medrosa... – xingou ele, enquanto usava uma das chaves do molho na fechadura.

Por sorte, não viu Gilmar em lugar nenhum na escola vazia. O buraco no muro, na área do playground, esperava Igor do mesmo jeito que o deixara. A mochila passou depois do corpo ágil do garoto, que se pendurou na árvore no lado de fora e, em segundos, desceu para a calçada. Exatamente no local em que Lara o esperava tranquilamente.

- C-como você chegou aqui? – espantou-se Igor.
- Ao contrário de você, eu passo pelas paredes, pelos muros... – esnobou ela. – É um dos meus poderes.

Hum, Igor não ia deixar barato aquela esnobada.

- E aí, viu a luz? – perguntou no seu tom mais sério.
- A luz do sol?

– Não. Aquela que aparece para os espíritos bonzinhos sempre no final da história.

– Não estou vendo luz nenhuma...

– É, só confirma a minha teoria.

– Que teoria?

– Que você é uma alma penada!

Lara, mais do que furiosa, ergueu a mão para acertá-lo com seu melhor tapa. Igor escapou, rindo, enquanto atravessava a rua correndo. Tinha que buscar a bike no esconderijo de sempre.

Pedalou com vontade até a praia, a poucas quadras do colégio. Sentia a presença de Lara, mas não sabia onde ela estava. Talvez... pendurada no guidão?

– Estou na sua mente – respondeu ela, ainda emburrada.

Não é que Santos era mesmo uma cidade bonita? A manhã atraía várias pessoas para o calçadão da praia e seu jardim de grama cortada, árvores espaçosas e plantas diferentes. A faixa de areia também recebia caminhantes de todas as idades. Igor consultou o relógio: 9h23. Adriana já devia estar se descabelando à procura do filho. Que ela, o marido assassino e o bebê se danassem! Há muito tempo Igor não se divertia tanto.

– A cidade ficou mais barulhenta – comentou Lara. – E os carros... são tão... esquisitos... E tem os ônibus... E os bondes? Ainda não vi nenhum!

– Tem um bonde turístico no centro histórico. E um outro que fica parado aqui perto, para dar informações aos turistas.

Igor entrou na ciclovia, junto ao calçadão, e rumou para a Ponta da Praia. Lara poderia ter uma excelente visão da praia durante o trajeto e...

– Vamos parar – pediu ela.

O garoto, então, desceu da bicicleta e cortou caminho por uma das alamedas do jardim até alcançar a areia fofa. Mais perto do mar, a areia ganhava uma tonalidade escura. Airton, o professor de geografia, explicara numa aula que Santos se localizava numa ilha. Morar numa ilha... Isto soava bastante estranho para alguém como Igor, que nascera e crescera no interior de São Paulo.

A presença de um garoto de roupas pesadas demais para o local, que largara a bike para se jogar na areia e, ainda por cima, falava sozinho chamou a atenção das pessoas que caminhavam perto das ondas. Igor não se importou. Só ele enxergava a fantasma que se sentara ao seu lado.

– Isso aqui não é melhor do que ficar trancada na biblioteca? – quis saber ele, com um sorriso de orelha a orelha.

Tinha consciência de que experimentava um momento único. O padrasto sonso e cruel, a gravidez da mãe, os assassinatos... nada daquilo parecia real. Era como se a vida de Igor se dividisse entre antes de o pai adoecer e depois que passara a noite conversando com uma certa fantasma.

– Obrigada por me trazer com você – disse Lara. A sombra da tristeza a abandonara por completo.

Os dois experimentaram um silêncio especial. Havia a brisa trazida pelo mar, o cheiro de maresia, a vontade de que as horas se esquecessem de avançar. O céu azul, de poucas nuvens, transmitia uma sensação esquecida por Igor há tempos, desde a morte do pai: esperança. Talvez aquela cidade não fosse um lugar tão ruim para se viver, afinal.

– Igor?

– Que é?

– Me lembrei de uma coisa.

– Do quê?

– Eu tenho um irmão.

A idosa Irmã Mariana estranhou ver na praia o complicado Igor, aluno da 8ª. série. O menino estava tão entretido, falando sozinho, que não reparou na professora de língua portuguesa que, a alguns metros dele, fazia no calçadão sua caminhada de fim de semana. Igor deixou a faixa de areia, montou na bicicleta e sumiu para pegar a ciclovia. “Melhor acompanhar com mais atenção esta criança difícil”, pensou a religiosa.

Outro pensamento a fez refletir sobre o futuro do Colégio Santa Maria. No dia seguinte, 17, segunda-feira, a mãe de Eunice, Vera, assumiria a direção da escola. Irmã Mariana suspirou. Vera, que até então cuidava do financeiro da escola, não entendia o mínimo sobre o processo ensino-aprendizagem. Se não fosse pelas dificuldades financeiras em manter um colégio de alto padrão como o Santa Maria, as freiras não o teriam vendido há três anos. Irmã Mariana lamentou novamente que uma instituição centenária, que prezava a qualidade de ensino e o bem-estar e desenvolvimento dos alunos, estivesse agora nas mãos de um dono desconhecido. Vera, segundo falavam à boca pequena, não passava de testa de ferro de alguém que preferia agir nos bastidores.

Meia hora de caminhada mais tarde e a religiosa avistou quem pedira para encontrá-la naquela manhã ensolarada, longe da escola e dos alunos barulhentos. Ele a aguardava em um dos bancos do jardim. E se levantou para recebê-la.

– Irmã, bom-dia. Eu gostaria de... – começou ele.

– Acreditou mesmo que eu não reconheceria você em seu disfarce, Luke?
– sorriu docemente a religiosa antes de prender com as mãos o hábito que o vento agitava.

Emocionado, Luke lhe devolveu o sorriso que não mudara, apesar de seus quase 60 anos. Ainda era o sorriso inocente da criança que Irmã Mariana ensinara a ler e a escrever. Luke tinha sido seu aluno preferido. Um menino que dominava de modo exemplar a língua portuguesa, que se deixara seduzir pelas propostas infinitas da filosofia e pelas opiniões polêmicas dos grandes pensadores.

– Há muito tempo não me chamam por este apelido, Irmã.

– Você veio por causa do menino, não foi? – facilitou ela, objetiva. Luke empalideceu. – Ele se parece muito com você. E com sua irmã Lara também.

A religiosa pretendia aprofundar o assunto. Seu coração afirmava que havia uma enorme injustiça a ser corrigida.

– Acredite, Irmã – disse Luke, sombrio –, quanto menos a senhora souber, mais segura estará.

CAPÍTULO 7

Investigação

– Mas... onde estão os trens? – perguntou Lara, espantada, novamente invisível para Igor. Naquele momento, a bicicleta descia a Avenida Ana Costa e passava em frente a um hipermercado.

– Que trens? – estranhou o garoto.

– Ali é a Sorocabana!

– Quem?!

– Não é quem, é o quê. A Sorocabana é uma estação de trens.

– Pelo jeito, era uma estação de trens.

Igor parou a bike ao lado de um carrinho de pastéis, no ponto de ônibus em frente a um pequeno prédio histórico. Ao fundo, no mesmo terreno, estava o hipermercado e seu enorme estacionamento a céu aberto. O prédio histórico, restaurado recentemente, tinha acima da porta principal um relógio que marcava 12h13. Ali funcionara, durante décadas, a estação de trem.

– Acho que agora é um espaço de cidadania ou algo assim – contou Igor.

O pasteleiro, que fritava dois pastéis para um casal de fregueses, espiou, desconfiado, o garoto que falava sozinho.

– Lara, você lembra o nome do seu irmão?

– Acho que era Luke.

– Skywalker?

– Hum?

– Esquece! Não é da sua época.

– Luke é um apelido.

– De Luiz?

– Sim.

Lara se tornou visível outra vez para Igor e apenas para ele. Após receber um olhar atravessado do garoto, o pasteleiro disfarçou o interesse na conversa alheia ao mostrar para o casal de fregueses os sucos e os refrigerantes que também vendia no carrinho.

– Vou voltar para a biblioteca – avisou a fantasma.

– Mas ainda é cedo!

– Não é, Igor. E você precisa dormir.

O garoto desviou o rosto para o hipermercado. Não podia mais adiar a bronca materna.

Lara se aproximou mais e, num gesto suave, pousou sua mão sobre a que o novo amigo mantinha no guidão da bike. Igor, porém, não sentiu o toque. Ele se virou para a fantasma, fitou as mãos que jamais poderiam se tocar e, com um nó estranho entalado na garganta, não conseguiu dizer nada. Pela primeira vez desde que conhecera a garota, entendeu o que se recusava a enxergar. Lara morreria de verdade.

– Obrigada por tudo – disse ela, com um sorriso tímido, antes de desaparecer no ar.

A solidão nunca pesou tanto para Igor. As pedaladas, sem pressa, o deixaram novamente na ciclovia da orla e, a seguir, o despejaram no bairro em que morava, a Ponta da Praia. Quando chegou ao condomínio, o garoto dirigiu um bom-dia seco ao porteiro na guarita, deixou a bike no bicicletário e tomou o elevador para a cobertura. Escolheu a cara mais indiferente para lidar com a mãe.

Para seu total alívio, não encontrou ninguém à vista. Domingo era dia da folga de Julieta, portanto ninguém na cozinha cuidando do almoço. Já passava das duas horas da tarde e seu estômago lhe avisou, pela nona vez, que ficar sem comer por tantas horas jamais seria um hábito saudável. Na sala, encontrou indícios de que a noite fora agitada para a mãe e o padrasto. A mesa do jantar continuava da mesma forma que a deixara. O cenário, no entanto, exibia a prova que Igor preferia não encontrar: as roupas da mãe e do padrasto, inclusive as íntimas, espalhadas pelo chão e pelo sofá. Adriana acrescentara mais um presente de aniversário ao marido... E agora os dois dormiam, exaustos, no quarto.

Igor fez questão de ignorar as roupas que seriam recolhidas antes de o garoto, teoricamente, sair do quarto, onde deveria estar de castigo. Há muito desistira de inocentar a mãe. Ela era tão culpada quanto Gustavo.

Após entrar em seu quarto, o garoto fechou a porta atrás de si e se esparramou de bruços sobre a cama. O cansaço vencera.

– Igor?! – chamou Adriana dois minutos mais tarde, do corredor, enquanto batia de leve à porta do filho. Ela e o marido acabavam de

levantar. – Você já pode sair do castigo. E não demore! O Gustavo vai pedir comida chinesa para o almoço...

Nem Adriana nem Gustavo tocaram no assunto “jantar de aniversário”. Igor, livre de qualquer cobrança, se dedicou a planejar o dia seguinte, que começou ensolarado, ideal para ficar zanzando na praia. Só que o garoto, naquela manhã, estava mais interessado em ir à escola. Chegou pontualmente. O portão, como sempre, era vigiado pelo sinistro Gilmar.

As três aulas antes do intervalo foram sem graça. Até aí, nenhuma novidade para o garoto que estava com a cabeça em outras coisas. Assim que o sinal do intervalo tocou, Igor disparou para a secretaria. Paola, a secretária escolar que resolvia todos os pepinos administrativos, estava atrás do balcão, terminando de atender um telefonema.

– Fala, Igor! – disse ela assim que depositou o fone no gancho. Era uma jovem de uns vinte e poucos anos, de piercing na orelha, outro no nariz e diversas tatuagens pelo corpo bonito, sempre coberto de preto. Um comportado rabo de cavalo prendia o cabelo de três cores.

– Minha avó me pediu um favor... E vou precisar da sua ajuda!

– O que é?

– Sabe, minha avó estudou aqui no Santa Maria entre as décadas de 50 e 60. Daí... – prosseguiu Igor, puxando a câmera digital do bolso – ela me pediu pra fotografar as fotos antigas dos colegas dela na época. As fotos que estão nas fichas dos alunos, entende?

– E pra que tua avó quer isso?

– É pra montar um painel. É que ela está organizando uma festa de confraternização da turma e quer fazer uma surpresa pra todo mundo.

– Tendi. Mas... tua avó não é de Bauru? Como é que ela pode ter estudado aqui?

– Ah, não é a mãe do meu pai. É minha avó postiça, a mãe do meu padrasto. O nome dela é Valentina Velásquez Aguiar. Ó, saiu foto dela no jornal de ontem. Você viu?

A edição de domingo estava sobre o balcão. Curiosa, Paola folheou o jornal até parar na coluna social de Luiz Alca de Sant’Anna. Valentina se destacava na foto principal, clicada durante um evento beneficente.

– Importante tua avó, né?

– Só é.

– Bom, Igor, tenho que pedir autorização para a nova diretora.

– Já tem nova diretora? – admirou-se ele.

– Sim, é a mãe da dona Eunice.

Paola esticou o braço para pegar novamente o telefone. O garoto precisava ser rápido.

– Mas ela deve estar superlotada de coisas pra fazer – argumentou.

– Eu sei, mas não posso deixar você mexer nas fichas antigas sem falar com a dona Vera antes.

– Droga, Paola, você sabe que ela vai ficar me enrolando! É capaz de pedir pra minha mãe assinar algum pedido oficial, essas burocracias. E minha avó precisa das fotos pra hoje!

– Hoje?!

– É, ela me pediu isso no começo do mês, mas aí eu fui enrolando...

– E deixou pra última hora, certo? – sorriu a jovem, cúmplice. O braço esticado se encolheu de novo, sem tocar o telefone. – Tá certo, Igor. Eu mexi nos arquivos deste período na semana retrasada. Estão numa caixa, na outra sala...

Paola indicou o local com uma cara que dizia “anda logo!”. Igor contornou o balcão, atravessou a secretaria e virou à esquerda em segundos, direto para uma salinha entupida de móveis de metal e suas enormes gavetas para arquivo. As fichas dos alunos das décadas de 50 e 60 estavam numa caixa de papelão, encostada contra uma das paredes.

O garoto fuçou tudo até encontrar a ficha de Lara, que fotografou de ponta a ponta, além de memorizar todos os dados disponíveis. Depois, fotografou as fotos de vários outros alunos aleatoriamente, enquanto buscava a ficha de Luke. Só faltava ela estar na década de 40, perdida em uma das gavetas! Não havia nada sobre o irmão da Lara na caixa de papelão.

Inquieto, Igor retornou para perto de Paola, que atendia alguém no balcão.

– Você sabe onde está a ficha de um aluno antigo, chamado Luiz Tierni? – perguntou, sem perceber que atrapalhava a conversa. – Não estava na caixa de papelão.

Do outro lado do balcão, o professor Luiz não disfarçou uma expressão assustada. Era a ele quem Paola atendia.

– Essa ficha é daquela época sim – respondeu a funcionária. – Mas eu a peguei na semana retrasada, a pedido da dona Eunice.

– Tá... hum... tava com a Eunice?! E por que ela pediu a ficha?

– Assunto dela, né?

Era a deixa para o garoto se mandar. Afinal, a presença de um aluno atrás do balcão se mostrava bastante irregular, principalmente diante de um professor.

– São 25 fotocópias da prova, professor? – quis confirmar Paola.

– Vinte e seis, por favor – corrigiu Luiz. – E... ahn... será que posso pedir uma fotocópia particular? É que saiu um artigo meu no jornal e eu gostaria de deixar uma cópia no meu prontuário...

– Mesmo, professor? Que legal! É sobre o quê o artigo?

Igor, que já deslizava para fora da secretaria, não escutou o restante da conversa, com o pensamento centrado numa única pergunta: por que a falecida diretora Eunice se interessaria em pegar a ficha de Luiz Tierni?

O intervalo terminara há mais de meia hora, só que isto não impediu Igor de escapar para a biblioteca. A nova funcionária, que substituía Conceição, não reparou no garoto que entrou sem fazer barulho e se escondeu em um dos corredores.

– Lara? – chamou ele, baixinho. – Me espera na saída da aula. Tenho uma surpresa pra você!

Na hora marcada, no meio da multidão de alunos que deixava a escola, apenas Igor viu a amiga Lara, à sua espera a poucos passos do portão e seu fiel defensor, Gilmar. Este, sem sequer imaginar que fazia sombra para uma fantasma, rangeu os dentes ao avistar o garoto que o ignorou, já montado na bike, sorriu discretamente para a amiga e, assim que ela sumiu de vista, investiu na sua mais rápida pedalada.

– Já se pendurou no guidão? – perguntou, rindo, Igor.

– Claro que não! – resmungou Lara, agora invisível para ele.

– Puxa, você tinha que me esperar logo do lado do perigoso do Gilmar?

– Fantasmas são assim mesmo... – respondeu ela, embarcando na brincadeira. – Gostamos de viver perigosamente!

A bicicleta chegou à Avenida Ana Costa e desceu alguns quarteirões antes de pegar a Rua Pedro Américo. A fantasma, em silêncio, parecia intrigada com a paisagem.

– Aposto como você fazia este caminho para ir pra escola – comentou Igor.

– Você... você está me levando para...? – disse Lara, emocionada demais para concluir a pergunta.

– Hum-hum. Estou levando você para sua casa!

Para Igor, a informação mais importante na ficha de Lara era o endereço. Naturalmente ficara impressionado com as notas altas da menina, também marcadas na ficha. Alguém com um excelente potencial para matemática era tão difícil de encontrar quanto um fantasma numa biblioteca...

Segundo a ficha, Lara morava com a avó numa das casas na Avenida Bernardino de Campos, no trecho em frente ao hospital Beneficência Portuguesa. Ou no Canal 2, como chamavam os santistas. Algumas das principais avenidas da cidade acompanhavam canais, construídos no começo do século 20, que desembocavam no mar. Na Bernardino de Campos, havia o Canal 2, ladeado por duas pistas. Igor parou a bicicleta na calçada que beirava uma das pontes para veículos e esperou Lara falar alguma coisa.

Ela apareceu ao lado do amigo. Seus olhos vermelhos denunciavam o choro contido.

– Ali ficava a pensão da dona Nena – disse a fantasma, apontando para uma casa que agora abrigava uma escola de enfermagem.

Igor conferiu pela décima vez a numeração das residências. Onde deveria existir a antiga casa de Lara, havia um prédio de três andares.

– Sua casa deve ter sido demolida – disse ele, aborrecido. – Desculpe, eu não sabia disso. Queria que você visse sua casa, que lembrasse como era viver nela e...

– Tudo bem, Igor – sorriu a fantasma, surpreendendo o garoto. – A imagem da minha casa... como era, como vivíamos, está tudo na minha mente! *Eu consigo me lembrar!!!*

Igor ia abrir a boca, mas não teve tempo. Eufórica, a fantasma indicava uma senhora idosa que acabava de chegar ao portão de uma das casas.

– É a dona Ruth, nossa vizinha! – disse Lara. – Vamos, ela deve saber onde está o Luke!

Igor estava ficando bom em mentiras. Para conquistar a confiança de dona Ruth, inventou um parentesco com os Tierni e pediu informações sobre a família. Foram as palavras certas que abriram ao garoto e à fantasma a porta da residência da vizinha. Comovida, ela o convidou para o almoço.

Igor adorou a porção de batata frita que dona Ruth preparou especialmente para ele, enquanto ouvia tudo o que a vizinha sabia sobre a família Tierni. Lara acompanhava a conversa sem abrir a boca.

– A dona Clotilde já era viúva quando os pais da Lara e do Luke morreram em um acidente automobilístico – contou dona Ruth. – Os dois eram tão pequeninos... Lara ainda era um bebê!

– Foi a avó quem criou as crianças? – perguntou

Igor, dando uma pausa no garfo que se atracava com o bife delicioso, o arroz, o feijão, a salada e as batatinhas crocantes.

– Sim. Dona Clotilde morreu do coração, quase um ano depois da morte da Lara.

As lágrimas silenciosas da fantasma inibiram o apetite do amigo. Despertar sua memória também significava acordar o sofrimento em sua vida.

– E o Luke? – perguntou Igor. – A senhora sabe onde posso encontrar?

Dona Ruth se sentou à mesa, numa cadeira colocada em frente ao convidado. Também era doloroso para ela recordar o passado.

– A Lara morreu no dia em que o Luke foi preso.

– Ele era... algum bandido?

– Não. Ele foi preso durante a ditadura militar.

Desta vez, Igor se preparara melhor para lidar com o assunto. Uma rápida pesquisa no Google, feita na véspera, lhe mostrara que o Brasil sofrera um golpe militar em 1964. O fato desencadeara um período de perseguições a todos que eram contrários ao novo regime. A pior fase ocorrera com o Ato Institucional nº. 5, o temido AI-5, que cassou dezenas de mandatos parlamentares, permitiu a intervenção nos estados e municípios, confiscou bens e ainda suspendeu os direitos políticos dos cidadãos. Em outras palavras, o Executivo passara a mandar e desmandar no país, sem garantir um mínimo de liberdade para as pessoas. Meses após o AI-5, o Brasil ganhava a Copa do Mundo de 70, o que mergulhara o país em um clima de euforia e, ao mesmo tempo, escondera dos olhos da população as torturas e mortes sofridas pelos presos políticos.

– Como a Lara morreu? – perguntou o garoto, evitando olhar para a fantasma que o encarava.

– Ela levou um tiro no coração.

– Um tiro?! Mas... quem fez isso com ela?

– Ninguém explicou para a pobre da dona Clotilde. Ligaram para ela da polícia, avisando que o corpo da neta seria encaminhado para o necrotério. E não deram mais detalhes. Dona Clotilde só soube que o Luke havia sido preso no mesmo dia porque alguém da escola contou para ela.

– Ele foi preso na escola?!

– Na biblioteca. Ele ficou de encontrar a irmã lá. Dona Clotilde me contou que a neta ia levar dinheiro para ele poder fugir. Luke estudava filosofia na USP, em São Paulo, e estava envolvido com movimento estudantil, o que era proibido na época.

Se Lara tinha sido assassinada na biblioteca, então, com certeza, a antiga bibliotecária, Conceição, sabia de tudo! Somente ela poderia ter contado sobre a prisão de Luke para a avó. Talvez até tivesse visto o assassino de Lara...

– Nunca mais vimos o Luke – explicou dona Ruth. – Até hoje, tenho uma procuração que dona Clotilde me deixou. Cuidei do enterro dela e vendi a casa da família, após anos de abandono. O dinheiro está no banco, rendendo juros até hoje, à espera de que alguém da família, como você, aparecesse.

Igor forçou um sorriso de agradecimento. Pensava nas flores frescas que vira sobre o túmulo de Lara e Clotilde.

– A senhora costuma visitar sempre a campa da família Tierni?

– Oh, filho, há anos não piso em um cemitério. Sofro de labirintite e mal posso sair de casa.

Se não foi a vizinha... Quem deixara as flores no local?

– Ele está vivo – disse Igor para Lara que, agora cabisbaixa, continuava a assimilar todos os fatos de sua vida. A fantasma o fitou, sem entender. Já a vizinha começou a se perguntar se o garoto tinha algum problema mental. Ele falava com o vazio... – Luke está vivo! Foi ele quem deixou as flores no cemitério!

Igor respeitou o silêncio de Lara no caminho até a escola. Fora muita informação para absorver de uma vez só. O garoto esperou que ela atravessasse os muros do colégio antes de pedalar para casa. Iria dar uma de zé-mané e esquecer a hora marcada no psicólogo. Estava agitado demais para aguentar mais uma sessão olhando para o teto do consultório.

– Não vai almoçar, Igor? – estranhou Julieta, que usava o aspirador na sala, ao descobrir que o garoto chegava na ponta dos pés para ser invisível.

– E você já viu que horas são? Sua mãe vai ficar brava quando voltar da loja e descobrir que você perdeu a consulta do psicólogo!

Igor deixou Julieta falando sozinha. Iria pesquisar o nome Luiz Tierni na internet e...

Assim que fechou a porta do quarto, descobriu que não estava sozinho no local. Alguém estava remexendo nas suas coisas.

– Eu... hum... estava procurando o tubo de cola – justificou Gustavo, sem muita convicção.

– Está em cima da escrivaninha.

A cola, em destaque sobre o móvel, jamais poderia passar despercebida por quem entrasse no quarto.

– É, tá, obrigado – disse o padrasto antes de pegar o que dizia procurar. – Ahnn... você não devia estar agora no psicólogo?

– E você não devia estar agora no hospital? – contra-atacou Igor.

– Devia.

– É, eu também devia estar no psicólogo.

Gustavo não arrumou mais assunto. Guardou a cola no bolso de sua camisa branca e, com uma cara de culpado, saiu do aposento. Igor correu para vistoriar a boca do peixe taxidermizado, perto do computador. O molho de chaves da escola desaparecera do esconderijo.

Quando a mãe chegou da loja e descobriu, por Julieta, que o filho não comparecera à sessão com o psicólogo, foi imediatamente cobrar uma desculpa. E esta veio perfeita: um complicado trabalho de história, pedido pela professora Márcia, tinha de ser entregue na manhã seguinte. Ou o garoto ia ao psicólogo ou fazia o trabalho.

– Não posso tirar nota baixa na escola, né, mãe? – emendou Igor, na sua melhor interpretação de aluno estudioso.

A pesquisa na internet não revelou nada sobre Luiz Tierni, pelo menos o Luiz Tierni que o garoto procurava. Achou um homônimo, mas se tratava de um jovem que se formara em jornalismo, trabalhava como modelo e fizera até uma ponta na novela *Malhação*.

As aulas de terça ocorreram sem nenhuma novidade. Na saída, Lara esperava o amigo para a carona de bike.

– Você me leva para dar mais uma volta na Vila Belmiro? – pediu ela.

Aquele era o nome do bairro onde a fantasma morara em vida, exatamente o trecho em que se localizava o Estádio Urbano Caldeira, do

Santos Futebol Clube.

Igor não se opôs à sugestão. Ir para qualquer lugar já estava bom. Só queria colocar os pensamentos em ordem.

– Meu padrasto matou a diretora da escola – contou para Lara logo que a bicicleta deixou a rua da escola para trás.

A fantasma, naturalmente, se mostrou chocada com a informação.

– Comece do começo...

O garoto, então, lembrou em detalhes tudo o que acontecera desde a morte da bibliotecária: o encontro dos amantes, a perseguição no cemitério, o fatídico jantar de aniversário e, na véspera, o flagrante em seu quarto.

– O Gustavo roubou o meu molho de chaves!

– O molho de chaves da escola, você quer dizer.

– Mas estava comigo, guardado nas minhas coisas!

– Você acha que a morte da bibliotecária e a da diretora...

– ... têm o mesmo assassino, Lara! Sei disso como sei que você está agora falando comigo!

A fantasma ficou pensativa. Igor já dera duas voltas imensas de bicicleta pela Vila Belmiro. Passou em frente ao estádio antes de retornar para a avenida do Canal 2, distraído com os próprios argumentos. Tinha que provar a culpa de Gustavo. Um assassino como aquele merecia morar na prisão o resto da vida!

A bike atravessou a ponte do canal para a outra pista, sempre seguindo pela direita, junto ao meio-fio. Logo adiante, havia um semáforo, que marcava vermelho para os veículos. Igor reduziu a velocidade para obedecer à sinalização. Andar de bicicleta no trânsito santista podia ser uma aventura arriscada para o ciclista descuidado.

– Cuidado!!! – gritou Lara.

Igor não viu nada. Seu corpo foi arrancado da bike, voou para dar uma cambalhota no ar, tudo girando rápido demais. Na queda, veio o baque do próprio corpo contra o asfalto, o rosto batendo com força na superfície dura. Um táxi, que vinha logo atrás, freou para não atropelá-lo. Os pneus enormes de um ônibus passaram raspando por Igor. Adiante, um carro em fuga ultrapassava o semáforo no vermelho. Arrastou o que sobrara da bicicleta por alguns segundos antes que ela se desprendesse sozinha.

Lara surgiu no campo de visão de Igor.

– Você se machucou? – perguntou a fantasma, ajoelhada diante do garoto. – Consegui tirar você da bicicleta antes que o carro te atropelasse...

Igor se apoiou nas mãos para erguer o tronco e se sentar. Estava no meio da rua, o trânsito todo parado ao seu redor. A veterinária de um pet shop, em frente, foi a primeira a correr até o garoto. Outras pessoas apareceram também. Um motoqueiro saltou da moto para ajudar, xingando o maldito que escapara.

– Vocês viram? – falava o motoqueiro. – Aquele motorista foi com tudo em cima do coitado do moleque! Subiu até em cima da calçada do pet shop...

A veterinária, já de joelhos ao lado de Igor, checava se ele estava realmente bem. Lara se afastou da pequena multidão que se formava.

– Como você conseguiu saltar daquele jeito, filho? – perguntou o motorista do táxi, que largara o carro na pista para acompanhar de perto a situação. – Você pulou da bicicleta para escapar do carro, voou no ar por cima dele e foi cair no meio da pista!

– É, parecia *Matrix*! – comparou uma adolescente que assistira à cena da calçada do canal. No colo, ela segurava um poodle pintado de cor-de-rosa.

– Foi um milagre! – comentou um velhinho, o passageiro do táxi. – Menino, Deus gosta mesmo de você!

– Melhor chamar uma ambulância... – sugeriu alguém.

– Deixa que eu chamo a polícia! – ofereceu a adolescente, sacando da bolsa o celular de última geração.

– Alguém anotou a placa daquele filho da mãe? – perguntou o motoqueiro.

– Só vi o carro – disse a veterinária. – Era uma Pajero Sport prata.

CAPÍTULO 8

O Garoto das Poesias

Igor só pensava em sair dali o mais rápido possível. Ele se levantou, à procura da bicicleta, mas desistiu ao constatar que ela se tornara um pedaço de metal retorcido.

– Acho que o menino pode ir andando até o hospital – disse o motorista de táxi, indicando o prédio branco na outra esquina.

– Nem precisa! – garantiu Igor. – Estou bem.

– Sei que é pertinho, mas é melhor chamar a ambulância – ponderou a veterinária.

– Já liguei para a polícia! – avisou a adolescente com o poodle cor-de-rosa no colo.

Nem polícia nem ambulância e muito menos médico! O garoto escapou dos braços que surgiram para detê-lo e correu até um ponto de ônibus na outra pista da avenida, a tempo de embarcar em um coletivo que pegava passageiros. Com pressa, pagou o motorista, girou a roleta e se enfiou na última fileira de bancos. O lado direito do rosto, o mesmo que batera contra o asfalto, começava a latejar de dor. Lara não estava em lugar nenhum. Igor não precisou mudar de ônibus, um Circular 194. Este o levou até a Ponta da Praia, onde desembarcou sob alguns olhares curiosos. A lateral do rosto já tivera tempo para inchar. Seu corpo também doía, principalmente o braço direito. Caíra bem em cima dele.

Andando com dificuldade, o garoto foi até o condomínio. Evitou cumprimentar o porteiro, preocupado com a aparência do jovem morador, e, por sorte, chegou à cobertura do prédio sem ser visto por outras pessoas. Julieta, que pendurava roupas nos dois varais da área de serviço, não o viu entrar no apartamento e tampouco se dirigir para o quarto dele, onde se trancou antes de se deitar, encolhido, na cama. Foi lá que passou o restante da tarde, sozinho, sem vontade de se mexer. Não queria falar com ninguém, não queria pensar, não queria entender nada.

No final da tarde, Julieta terminou o serviço, fechou o apartamento e foi embora. Já Adriana apareceu em casa apenas à noite, por volta das 20h.

Chamou pelo filho e, como não obteve resposta, foi bater à porta do quarto, que descobriu trancada.

– Igor, saia já daí e venha jantar! – convocou ela.

No automático, o filho obedeceu. Levantou-se devagar, com dor, destrancou a porta e arrastou os pés até a cozinha. A mãe estava encostada no fogão, preparando-se para esquentar o jantar que Julieta deixara pronto. Ao reparar no garoto, a mãe surtou.

– Pelo amor de Deus, o que aconteceu com você???

Só então o filho descobriu que Gustavo chegara junto com Adriana. O padrasto veio por trás de Igor e, ao descobrir o rosto inchado, se aproximou para examiná-lo.

– *Não toca em mim, seu assassino!!!* – berrou Igor, recuando para se defender.

A reação, aprisionada desde a época da doença do pai, veio aos turbilhões. Gustavo também se afastou, assustado com o que viria.

O garoto apontou o dedo para ele, tremendo de ódio.

– *Você matou meu pai...* – acusou. – Você era o médico dele... E o deixou morrer pra ficar com a minha mãe!

– Igor, não é o que você está pensando... – interveio Adriana.

– E você, mãe? Pensa que eu não vi? Você e esse assassino aos beijos, enquanto meu pai morria lentamente naquela cama de hospital...

O dedo inquisidor mirou Adriana com a mesma fúria.

– Você foi cúmplice... Deixou meu pai morrer só para ficar com o amante rico!

Chocada, a mulher cobriu a boca com as mãos. O marido partiu em sua defesa:

– Não é nada disso...

– E agora você se livrou da outra amante!

– A Eunice?! Igor, nem em um milhão de anos eu...

– Matou a dona Conceição...

– Fiz o quê?!

– E tentou me matar porque sou o único que sei que você é um assassino!

– Deixa eu explicar...

– Eu vi o carro... Seu carro, Gustavo! Você me atropelou lá no Canal 2...

– Impossível!

– Ah, é? E como você acha que eu me machuquei desse jeito, hein?

Adriana perdeu o equilíbrio e se apoiou na pia para não cair.

– Você foi atropelado... – murmurou ela, numa voz abafada.

– Hoje cedo, roubaram meu carro do estacionamento perto do hospital – argumentou Gustavo.

– É mentira!!! – gritou Igor.

– Tenho o boletim de ocorrência para provar...

Igor começou a rir, um riso nervoso, fora de controle. Era engraçado ver como o padrao sempre arrumava as desculpas mais improváveis para se livrar da culpa por seus crimes. Mas ele nunca enganaria o garoto que conhecia a podridão oculta naquele espírito cruel.

– *Tudo mentira!!!* – decretou Igor, interrompendo o riso de modo abrupto. – Você é um assassino. E eu vou provar isso!

Não havia mais o que falar. Igor girou os calcanhares e voltou a se trancar no quarto. As lágrimas brotaram com intensidade. Não lembrava mais como era chorar. Sentado na beirada da cama, o garoto chorou, chorou muito, até que o peso que esmagava seu coração ganhou uma leveza suportável.

– Você se sente melhor? – perguntou Lara, surgindo à esquerda dele no colchão.

– E por que me sentiria? – rosou o garoto. – Gustavo é um assassino, minha mãe é cúmplice dele e quase morri hoje, na hora do almoço!

– Você colocou tudo pra fora. E isto é bom.

– Ei, como você descobriu onde eu moro?

– Vim com você. Não ia te deixar sozinho num momento como esse, não é?

A sinceridade daquelas palavras desmanchou o que sobrara da raiva. E sua única amiga, uma fantasma que ninguém enxergava, o salvara da morte.

– Como fez aquilo, Lara?

– O que eu fiz?

– Me arrancou da bike antes que o carro do Gustavo me pegasse!

– Ah, é só mais um dos meus poderes – sorriu a garota, timidamente.

– Você também consegue tirar coisas concretas do lugar...

– Como você acha que eu me virei nesses 37 anos morando numa biblioteca? Eu precisava tirar os livros das prateleiras pra ler, certo? Tinha que virar a página...

– E você é muito, mas muito mais forte do que aparenta!

Envergonhada, Lara abaixou a cabeça. Ah, como Igor gostaria de beijá-la naquele minuto! Seria seu primeiro beijo de verdade numa garota... Se

pudesse, ao menos, tocá-la...

– Você salvou minha vida – disse ele. – Você é incrível, sabia?

Foi quando seus olhares se cruzaram. E Igor finalmente entendeu o que se agitava em seu coração desde que conhecera Lara. Um sentimento novo, esquisito, que mexia com cada célula do corpo, que o levava a pensar naquela garota, a querer ficar com ela, apenas com ela.

Uma batida na porta quebrou o clima de compreensão mútua. Era Adriana.

– Por favor, Igor, abra a porta. Preciso fazer um curativo no seu rosto...

Adriana insistiu várias vezes. No quarto do filho, o silêncio era total. Gustavo não demorou a aparecer no corredor, segurando um envelope pardo.

– Não acho que... – se opôs a esposa.

– Seu filho não é mais criança – defendeu ele.

– Mas, Gustavo...

O marido se agachou e, sem se abalar com a opinião contrária, passou o envelope por debaixo da porta, direto para o garoto que o odiava.

– Ele tem que conhecer a verdade, Adriana.

Igor e Lara se entreolharam. Tinham escutado a conversa travada no corredor. O envelope, agora no interior do quarto, repousava misteriosamente sobre o piso de madeira. O garoto não hesitou em deixar a cama e recolher o material. Abriu, curioso.

– O que é? – perguntou Lara.

– Tem um documento dentro do envelope...

As mãos de Igor tremeram. Era a certidão de casamento dos pais, Antonio Martins e Adriana Silva. E trazia o registro do divórcio, ocorrido em 27 de julho de 2005, ou seja, dias antes de o pai descobrir que o câncer afetava seus dois pulmões. *Divórcio...?* Seus pais tinham se divorciado e ele nem sabia?

Lara, que se esticava atrás de Igor para também ler o documento, não segurou um oh de espanto. Dentro do envelope havia ainda uma foto antiga, datada de 23 de janeiro de 1989. A imagem exibia uma cena feliz: um Gustavo de 19 anos e uma Adriana de 24 seguravam um menininho loiro, de uns dois anos de idade. Uma criança que se parecia demais com

Gustavo. Os três estavam atrás de um bolo enorme, na festa de aniversário do menininho...

– É você? – duvidou Lara.

– Não sou loiro nem nasci em 87.

– Então, quem é o menino?

Por último, o envelope continha uma cópia do boletim de ocorrência, tirado naquele mesmo dia. O furto da Pajero Sport prata de Gustavo... O boletim marcava a hora da comunicação do furto: 11h30.

– Nesse horário, a gente ainda estava no colégio – disse Lara, que acompanhava a linha de dedução de Igor.

– Este BO só pode ser falso!

– Não parece falso.

– Agora você acredita no Gustavo, é? – brigou o garoto.

– Não. Mas acho que não custa nada ouvir o outro lado da história.

Igor franziu a testa. Que outro lado? Neste instante, Adriana bateu novamente na porta.

– Podemos conversar, filho?

O garoto não queria se dar ao trabalho sequer de responder. Foi Lara, muito brava, quem o obrigou a atender a mãe.

– Medroso! – provocou a fantasma.

– Não sou medroso, sua mala!

– Pra mim, você está morrendo de medo de descobrir que pode estar errado.

– Eu *não* estou errado!

– Quer apostar?

Bufando, Igor destrancou a porta e a abriu com ímpeto. Adriana o aguardava sozinha no corredor.

– Com quem você estava falando? – perguntou ela, desconfiada.

– Com ninguém. O que você quer falar comigo?

– Vamos até a cozinha. Vou fazer um curativo no seu rosto.

Mãe e filho, seguidos pela fantasma, cruzaram a sala antes de alcançar a cozinha. Gustavo, deitado no sofá, assistia à TV com um ar sombrio. Ele pegou o controle remoto e mudou de canal. Não pretendia se intrometer na conversa que Adriana adiará por tempo demais.

Na cozinha, Igor se sentou numa cadeira diante do estojo de primeiros socorros, aberto sobre a mesa. Adriana, em pé, pegou um chumaço de

algodão para iniciar o curativo.

– Por que nunca me contou que você e o pai tinham se divorciado? – começou o garoto, sem esconder a mágoa.

– Para evitar que você descobrisse o motivo do divórcio.

– Qual foi o motivo, mãe?

– Lembra a Ivone, que trabalhava com seu pai no banco?

– Ele traiu você com ela?

– Sim. E com mais duas depois dela.

Adriana respirou fundo. O assunto também a machucava.

– Eu não queria destruir a imagem perfeita que você guarda do Antonio. E, como pai, ele foi mesmo perfeito.

– Daí vocês esconderam o divórcio de mim...

– Você estava entrando na adolescência e nós não queríamos... Você sabe, a adolescência é uma fase difícil. E seu pai e eu, apesar de tudo, mantínhamos um convívio pacífico para poupar você de aborrecimentos.

O curativo fazia o rosto de Igor doer ainda mais. Só que ele não valorizava a dor, concentrado em entender o passado.

– O Antonio descobriu que estava com câncer logo depois de assinarmos o divórcio. Pedi que não saísse de casa para que eu pudesse cuidar dele. A doença, Igor, estava em um estágio muito avançado... Seu pai fumava desde os 16 anos.

– E como o Gustavo virou médico dele?

– Foi uma coincidência. Seu pai tinha escolhido um médico do convênio do banco e era justamente o Gustavo.

– Por que você nunca me contou que já conhecia ele em 1989?

– Eu o conheci três anos antes, na verdade.

– Aqui em Santos?

– Foi.

Adriana terminou de limpar o rosto inchado. A seguir, aplicaria uma pomada no local. Lara, sentada em cima da pia, prestava toda a atenção do mundo na conversa.

– Naquele tempo, Gustavo não passava de um surfista adolescente querendo impressionar a garota mais velha – recordou Adriana, com ternura. – E eu estava há pouco tempo em Santos, morando com uma tia solteirona, hoje falecida. Meus pais tinham morrido e não vi perspectiva nenhuma em Bauru.

– Não sabia que você tinha morado aqui antes.

– Conheci o Gustavo na praia e... Bom, ele sempre foi um rapaz bonito e... hum... teve uma noite que a camisinha estourou e eu... bom, eu engravidei...

Igor procurou pela foto que largara sobre a mesa, junto com os dois papéis e o envelope. Aquele menininho...

– É meu irmão? – quis confirmar.

– Sim, o nome dele era Rafael. Estaria com 20 anos hoje.

– E-ele morreu?

– Logo depois que tiramos esta foto.

A mãe se sentou em outra cadeira, próxima ao filho caçula. Já finalizara o curativo.

– Os pais do Gustavo eram contra nossa união – continuou Adriana. – Ele saiu de casa e foi procurar emprego quando descobrimos que eu estava grávida, adiando a vontade de cursar medicina. O que eu ganhava como vendedora de loja mal pagava minhas despesas. Minha tia foi um amor. Deixou o Gustavo morar com a gente, nos ajudou com o bebê e...

– O Rafael morreu de quê, mãe?

– Foi um acidente.

Adriana começou a chorar. Não conseguia mais responder às perguntas do filho.

– Abrace sua mãe... – aconselhou Lara, ainda em seu posto sobre a pia.

Igor não evitou uma careta. Não era muito chegado nesse lance de ficar abraçando, dando beijinho, essas coisas melosas.

– Anda logo! – insistiu Lara.

A perda de um filho devia doer muito. O garoto apertou as mãos de Adriana contra as suas, desejando lhe passar um pouco de conforto. A mãe respirou fundo novamente, desta vez para conter o desespero.

– Nós estávamos passeando pelo jardim da praia – disse ela. – Era um domingo de sol e o Rafael tinha muita energia. Quando íamos atravessar a avenida, ele... ele escapou da mão do Gustavo...

Fora uma moto apressada que não respeitara o sinal vermelho nem a faixa de segurança. O menino morrera nos braços do pai, a caminho do hospital.

– O Gustavo nunca superou a morte do Rafael – disse Adriana, num fio de voz.

– Mas não foi culpa dele! – analisou Igor, espantado consigo mesmo.

Nunca imaginara que um dia estaria defendendo o padrasto assassino.

– Talvez ele não seja um assassino – ponderou Lara.

– Não se meta!

– O que disse, Igor? – estranhou a mãe.

– Nada! Ahn... o que aconteceu depois?

– O Gustavo e eu não conseguimos mais ficar juntos. Retornei para Bauru, conheci seu pai meses depois, nos casamos... Só fui reencontrar o Gustavo há dois anos, quando ele se tornou médico do seu pai.

– E onde entra a Eunice nessa história?

– Ela foi noiva do Gustavo por um tempo.

– Noiva?

– Sim, a noiva ideal aprovada pelos Velásquez Aguiar.

– E...?

Adriana retirou gentilmente as mãos que o filho ainda segurava para secar as próprias lágrimas. Falar da rival lhe dava força.

– O Gustavo jamais gostou dela. Quando rompeu o noivado, a maluca começou a persegui-lo, a ameaçar qualquer garota que saísse com ele, até macumba ela fez!

– Caramba!

– Ele resolveu mudar de cidade...

– Foi para Bauru.

– Sim. Isto foi um ano antes de nos reencontrarmos.

– E a noiva maluca?

– Ele não soube mais dela até descobrir, no dia da morte da bibliotecária, que ela era a diretora do Santa Maria.

– E você não sabia que ela...?

– Nunca imaginei que a diretora Eunice era a mesma Eunice, a noiva maluca.

Com um suspiro, a mãe se preparou para outra parte difícil daquela conversa. Ela tocou com carinho os cabelos do filho, que não evitou o contato.

– Reencontrar o Gustavo após tantos anos... – murmurou ela. – Seu pai pressentia a morte, Igor. Não havia nenhuma chance de cura para ele. E o Gustavo... Ele estava mais maduro, mais seguro de si. E foi um apoio fundamental para mim naqueles meses difíceis.

– Meu pai sabia sobre vocês dois?

– Hum-hum. Ele queria que eu fosse feliz. E tinha certeza de que o Gustavo seria um pai excelente para você.

Igor afundou na cadeira, escapando do carinho materno. Seu pai escolhera Gustavo como substituto?! Não, não e não! Aquilo era muito difícil de engolir.

O assunto principal da conversa entrou na cozinha naquele instante. Ainda com uma expressão fechada no rosto, Gustavo abriu a porta da geladeira para pegar uma garrafinha de suco.

– Se o teu padrasto não matou a bibliotecária e a diretora, então quem matou? – quis saber Lara, balançando de um lado para outro as pernas penduradas na pia.

Gustavo parou o que fazia no mesmo instante. A porta da geladeira permaneceu aberta, a garrafinha numa das mãos... e os olhos arregalados fixos na pia. Ou melhor, fixos em Lara!

– Você também pode me enxergar? – admirou-se a fantasma.

Gustavo piscou, deu meia-volta e quase pisava na sala quando Adriana o convocou para a mesa da cozinha.

– Você também faz parte da família – reforçou ela. – Me ajude a tirar todas as dúvidas do Igor.

Gustavo olhou de esguelha para a pia, só que Lara não estava mais lá. Voltara a ficar invisível. E quando reapareceu, estava sentada na cadeira vazia que ele ia ocupar. Instintivamente, Gustavo recuou e puxou outra cadeira. Agora os dois estavam de frente para Adriana e Igor, um ao lado do outro na mesa.

– Eu não matei a bibliotecária e nem a diretora – afirmou Gustavo. – E também não atropeliei você.

– E o sangue na sua camisa? – intimou Igor.

– Eu ajudei no atendimento do pronto-socorro na noite em que a Eunice foi assassinada. Já expliquei isso, não foi?

– E você pode provar?

– Igor! – censurou Adriana.

– Pode perguntar para qualquer médico, enfermeiro ou paciente que estava lá naquela hora – disse o padrasto.

Igor considerou seriamente aquela sugestão.

– E que desculpa você dá por ter se encontrado sozinho com a Eunice antes dela morrer? – insistiu.

– Ela me ligou. Queria conversar.

– Sobre o quê?

– Foi só um pretexto pra tentar me seduzir.

- Mas eu vi vocês dois se beijando!
- Não – corrigiu Gustavo. – Você viu a Eunice querendo me beijar.
- Cara, não mente! Eu estava lá!

O padraço apoiou os cotovelos sobre a mesa, jogando os ombros na direção do enteado.

- Você me viu retribuindo o beijo? – fuzilou ele, com toda razão.

Igor não assistira à cena completa. Era Eunice quem enlaçava o ex-noivo pela cintura, fora ela quem se aproximara para beijá-lo... O garoto, com medo de ser descoberto, se encolhera atrás da árvore e só voltara a espiar quando o padraço, já dentro do carro, acelerava para ir embora.

– E qual é o seu alibi para a morte da bibliotecária? – atacou Igor, contrariado.

– Por que eu ia querer matar a dona Conceição? Ela era uma pessoa maravilhosa!

- Você a conhecia?

– Estudei no Santa Maria, esqueceu? Dona Conceição começou a trabalhar no colégio no tempo em que minha mãe estudava lá!

Valentina também fora aluna do Santa Maria?! Até que a mentira que o garoto contara para Paola, a secretária da escola, não era tão mentirosa assim...

- E a Eunice? Também estudou lá?

– Foi.

– Da tua classe?

– Não. Ela era mais nova do que eu.

– E você se lembra dela daquela época?

– Não. Mas ela se lembrava de mim. A psicótica dizia que já era apaixonada por mim e...

– Me lembrei dela! – interrompeu Lara. – A Eunice era uma garotinha de voz fina, que vivia contando vantagem, dizendo que era muito rica, que viajava para a Europa nas férias etc. Até que um dia descobriram que ela era bolsista e que a família vivia na pobreza.

– Como uma família pobre consegue comprar um colégio de elite como o Santa Maria? – questionou Gustavo, como se falasse sozinho.

– Que família pobre? – quis saber Adriana, que não podia escutar a fantasma.

– Se você estudou lá, eu deveria me lembrar de você, certo? – disse Lara, ainda tentando contato visual com Gustavo. Este tirava e recolocava os

remédios no estojo de primeiros socorros, sem nada melhor para fazer.

Igor se sentiu ignorado. Amarrou a cara para a fantasma. Só faltava ela ter conhecido o padrasto assassino nos tempos em que ele era aluno do colégio e...

– Claro, você era o garoto das poesias! – sorriu Lara, feliz.

– Que poesias? – retrucou Igor, se remexendo na cadeira.

– Quem falou em poesias? – perguntou Adriana, sem entender nada.

Gustavo sufocou um sorriso. Desistira dos outros remédios para brincar de enrolar e desenrolar a gaze. A garrafinha de suco, ao lado do estojo, permanecia intocada.

– Você e o Igor foram as duas únicas pessoas que me viram na biblioteca até hoje... – disse Lara. – Quantos anos você tinha quando me viu pela primeira vez? Uns nove?

– Sete – respondeu Gustavo.

– Sete o quê? – disse Adriana.

– Você era tão tímido! – prosseguiu a fantasma. – Mas comigo você falava pelos cotovelos!

– Grande coisa! – resmungou Igor.

Adriana olhou para o filho, que espumava de ciúme, e depois para o marido, mergulhado em lembranças antigas.

– Por acaso vocês dois estão se comunicando telepaticamente? – perguntou ela.

– Ensinei você a ler poesias – disse Lara. O assunto “infância de Gustavo” soava interminável. – Você cresceu, virou adolescente e começou a escrever suas próprias poesias que lia somente para mim, com vergonha de mostrar para os outros...

O padrasto assassino dera em cima de Lara com um punhado de poesias idiotas?! Igor liberou ar pelas narinas, feroz.

– Você encontrou seu lugar no mundo, Gustavo? – perguntou Lara. – Você sempre me pareceu tão deslocado, tão infeliz com seus pais...

Agora a fantasma vinha com papo filosófico? Aquilo já passara de qualquer limite suportável! Igor empurrou a cadeira para trás e se ergueu para abandonar a cozinha.

– Vou dormir! – avisou ele.

Lara e Gustavo o encararam, surpreendidos com aquela atitude.

– Não vai jantar comigo? – cobrou a mãe.

– Pra quê? Você já tem a companhia do garoto das poesias!

Bem que Igor tentou dormir. Adriana, no entanto, só sossegou quando conseguiu arrastá-lo, com Gustavo de motorista no carro dela, até o hospital mais próximo. Tanto o padrao assassino quanto a fantasma camarada permaneceram no mais completo silêncio, como se fossem apenas figurantes na sequência interminável de exames, raios X e até tomografia a que Igor foi submetido. O médico que o atendeu no PS foi categórico: o garoto levava um simples tombo, sem maiores complicações. De nada adiantou Igor argumentar que uma Pajero Sport prata, com um motorista desconhecido – sim, o BO parecia isentar Gustavo do crime, pelo menos *daquele* crime –, quisera atropelá-lo de propósito. Adriana deduziu, pela falta de gravidade dos ferimentos, que o fato não merecia um registro policial. No final das contas, tudo não devia ter passado de um acidente corriqueiro que a imaginação do filho transformara numa perseguição eletrizante.

Foi com um terrível mau humor, frustrado, com fome e sem nenhuma vontade de abrir a boca que Igor finalmente se jogou sobre o colchão de sua reconfortante cama. Faltava pouco para o dia nascer. Lara, a única que o acompanhara até o quarto, sentou-se na beiradinha da cama.

– Acho que o Gustavo não é o assassino que procuramos – opinou ela.

A frase errada para o momento ainda mais errado. Instintivamente, Igor desviou para a fantasma toda a pressão que o consumia.

– *Sai daqui!!!* – rugiu, outra vez fora de controle.

Não precisou falar duas vezes. Imensamente ressentida, Lara apenas se desmanchou no ar.

CAPÍTULO 9

A Ficha

“Você é um burro, Igor Silva Martins!”, xingou-se tão logo recuperou parte de sua paz interior, o que aconteceu lá pelo segundo dia após o atropelamento. A mãe o liberara da escola naquela semana, ainda apreensiva com a recuperação física e emocional do filho. Também não fora cuidar da loja no shopping, menos pelos primeiros enjoos matinais da gravidez do que pelo receio de deixar Igor sem a vigilância materna.

Lara sumira mesmo. Ou, então, como suspeitava o garoto, só esperava por um pedido oficial de desculpas. Ele exagerara na dosagem de grosseria com sua única amiga.

A segunda-feira, dia 24 de setembro, chegou e, com ela, o esperado retorno às aulas. Sem a bike – e sem qualquer previsão de ganhar outra –, Igor foi obrigado a aceitar a carona do padrasto, que agora, além de assassino, resolvera se comportar igual ao haitiano na primeira temporada de *Heroes*: entrava mudo e saía calado.

– Ele anda aborrecido porque você o chamou de assassino – justificara Adriana na véspera.

– E não estou dizendo a verdade? – provocara o filho, à espera da cara feia materna.

No minuto seguinte após ser despejado do carro por Gustavo, exatamente diante do portão do colégio, o garoto já estava na biblioteca, percorrendo os corredores em busca da garota que realmente importava. Chamou baixinho por ela, pediu desculpas oficialmente, perdeu a primeira aula só esperando um feedback vindo do além e... *nada!* Lara não demonstrava a mínima vontade de perdoá-lo.

Arrasado, Igor foi assistir à segunda aula. Acomodou-se na carteira de sempre, ignorou o professor de sempre e a matéria de sempre. Aliás, o professor Luiz só sabia falar de Platão, é? Ainda pior porque era aula dupla e antes do intervalo. Já pensando na coxinha que compraria na cantina, Igor foi um dos primeiros a sair da classe após o sinal para o intervalo. Engoliria

o salgadinho apenas para tapear o estômago e voaria novamente para a biblioteca. Lara tinha que aparecer!

– Droga, esqueci minha mochila... – resmungou, entediado.

Deu meia-volta. Luiz deixava a sala de aula naquele instante e, ao ver a idosa Irmã Mariana carregada de livros no outro lado do corredor, foi gentilmente acudi-la. Igor interrompeu a corrida para prestar atenção na cena. Curioso como aquele professor de filosofia era sempre legal com todo mundo... Filosofia... Não era o curso que Luke fazia na época em que desaparecera? Com um arrepio na nuca, o garoto fixou o olhar na bengala em que Luiz se apoiava... Luke era apelido de Luiz... O professor ficara com a perna ruim após ter sido preso e torturado durante o regime militar... E ele estava na mesma faixa etária em que o irmão de Lara estaria hoje, por volta dos 60 anos.

A religiosa agradeceu a ajuda com um sorriso bondoso.

– Professor? – chamou Igor, num impulso, antes que Luiz acompanhasse a religiosa pelo corredor. – Posso falar com você?

O homem hesitou, já com os livros de Irmã Mariana no colo.

– Vá conversar com o menino – dispensou ela. – Não vou precisar deste material tão cedo.

– Está bem, Irmã – agradeceu o professor. – Depois entrego os livros para a senhora.

Um pouco torto pelo peso dos livros e mal se apoiando na bengala, Luiz se aproximou de Igor enquanto a religiosa desaparecia de vista.

O garoto apertou os lábios, indeciso. Tá, eram coincidências demais... E tudo dizia que Luiz e Luke eram a mesma pessoa.

– Na época em que você estudava filosofia... – perguntou Igor, optando por uma abordagem mais genérica – ... por acaso ouviu falar de um cara chamado Luiz Tierni? Talvez ele fosse da sua classe na faculdade...

Luiz empalideceu violentamente. Não conseguia falar.

– E você, por acaso, bem por acaso mesmo... hum... acredita em fantasmas? – acrescentou o garoto, bastante embaraçado com aquela reação.

– Igor!!! – chamou alguém, num tom de voz marcial.

Um calafrio tenebroso sacudiu o garoto de ponta a ponta. Após sair de uma sala de aula próxima, de vassoura em punho, Gilmar, o funcionário assustador, completou o cenário. Num tom áspero, ele repetiu o nome do aluno.

– Estou conversando com o Igor agora – acudiu Luiz, para salvar a pobre e indefesa vítima.

Gilmar lançou para ele um sorriso de deboche.

– Não sou cego, *professor* – retrucou, mal escondendo uma ponta de ironia. – É a dona Vera, a nova diretora, que quer falar com o moleque.

Luiz estreitou as pálpebras para o velho. Por fim, teve que reconhecer a autoridade da diretora. E Igor, em pânico, foi obrigado a acompanhar os passos apressados de Gilmar pelo corredor.

A sala da nova diretora não fazia parte do trajeto. Cada vez mais aterrorizado, Igor seguiu Gilmar até a silenciosa capela do colégio, diante da ponta direita da biblioteca. O local estava vazio àquela hora da manhã.

O velho indicou para o aluno uma flanela e dois antigos castiçais de prata sobre o altar. O que ele queria? Um ajudante para a limpeza?

– Limpe! – ordenou o velho. Com a vassoura ainda a tiracolo, ele começou a varrer o piso de mármore ao redor do altar.

Igor, imediatamente, se pôs a limpar os castiçais. Não tinha coragem de emitir nenhum som, em especial a pergunta mais importante do dia: por que estava ali?

De repente, Gilmar parou de varrer, apoiando as mãos sobre a vassoura.

– Não venha mais à noite perambular pelo colégio, entendeu, moleque? – advertiu ele. – E evite a biblioteca, mesmo de dia. Fui claro?

Igor assentiu com a cabeça em movimentos curtos e rápidos. Gilmar voltou a varrer o chão.

– Por quê? – ousou a voz do garoto antes que o medo a impedisse de se manifestar.

– *Limpe os castiçais!* – brigou o velho ao notar que o aluno parara de usar o pano no metal para formular a pergunta.

Igor engoliu em seco e continuou a tarefa no maior capricho. Após alguns minutos, o velho retomou o bate-papo unilateral.

– Qualquer noite dessas vou levar você no centro espírita que frequento – avisou. – Você quer ir?

Andar por aí com aquele homem assustador? Nem pensar! Igor balançou a cabeça com força. Negativo!

Gilmar pareceu desapontado. Mas isto não o impediu de alimentar o monólogo.

– Você sabia que brasileiros e argentinos têm mais em comum do que imaginam?

Igor não sabia e nem queria saber. Diante da nova negativa do aluno desinformado, Gilmar apenas comentou:

– É, moleque, está na hora dos poderosos pagarem por seus crimes.

O silêncio durou algum tempo. Igor, que finalizava a limpeza do último castiçal, prometera a si mesmo que não faria nenhuma pergunta, apesar da vontade começar a vencer o medo.

– Luiz Tierni é um nome que não deve ser sequer sussurrado entre os muros dessa escola. Você entendeu, moleque?

Não, ele não entendia.

– Por quê? – insistiu, corajosamente.

O velho não respondeu. Apenas esboçou um sorriso na carranca malvada. Mesmo sem compreender bem o motivo, Igor relaxou um pouco.

– Você sabe como dar um brilho extra nesses castiçais – elogiou Gilmar.

– Pode ir agora, moleque.

Igor fez questão de devolver a flanela. Procurou não tremer quando esticou o braço para entregá-la ao velho.

– Por quê? – perguntou o garoto pela terceira vez.

Gilmar não disse nada. Virou as costas para o garoto e recomeçou a varrer o chão limpo. Inconformado por não ter resposta nenhuma, Igor tomou a direção de uma das portas laterais do altar, a que dava para o jardim externo da escola.

– Moleque? – chamou o velho no último minuto. – Você gosta de histórias de fantasma, não é?

E indicou para o aluno um livro jogado sobre um dos bancos da capela. Era *O fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde.

– Fique com ele – acrescentou. – E guarde muito bem guardado com você.

Igor continuava sem entender nada, mas tudo bem. Ao pegar o livro, descobriu, interessado, que havia algo mais entre as páginas. Uma ficha escolar iniciada em fevereiro de 1977... A ficha de Gustavo Velásquez Aguiar, com sua foto de seis anos, quase sete, colada nela, a idade em que começara a estudar no Colégio Santa Maria.

– M-mas... – balbuciou Igor, confuso.

– Procure as respostas nas fotos que você tirou dos alunos antigos – direcionou o velho, antes de encerrar de vez aquela conversa sem pé nem

cabeça.

A múmia do Gustavo foi buscar o enteado na escola. Já estava de carro novo, um presente da mamãe Valentina. Igor, ansioso para chegar em casa e fuçar com privacidade seus arquivos no laptop, escondera o livro e a ficha escolar dentro da mochila. E foi justo esta ansiedade que o deixou tagarela após quase uma semana compartilhando a mudez do padrasto.

– Há quanto tempo você vê fantasmas?

Gustavo o espiou pelo canto dos olhos antes de mudar a marcha do carro, já em movimento. Igor puxando conversa? Aquilo era mesmo uma novidade.

– Sei lá – respondeu. – Acho que desde que me entendo por gente.

– E esses fantasmas nunca assustaram você?

– São espíritos, Igor, e não fantasmas. Nos hospitais, há muitos que nem imaginam que morreram. Outros vagam por aí preocupados com alguma pendência que deixaram em vida. E tem aqueles que só querem proteger suas famílias.

O garoto, acomodado no banco da frente, cruzou os braços, com um pensamento na amiga.

– Por que você acha que a Lara acabou presa na biblioteca?

– Ela nunca lembrou nem o próprio nome – disse Gustavo. – Só descobri que ela se chama Lara naquele dia, no cemitério, quando vi a foto dela no túmulo.

– Ela morreu assassinada, com um tiro no coração, há 37 anos.

– Na biblioteca?

– É.

Gustavo desconhecia aquelas informações.

– Ela sabe? – perguntou, chateado.

– Já.

– Não deve ser fácil pra ela lidar com isso.

O ciúme rondava o coração de Igor desde que começara a falar da amiga.

– Esqueci que você a conhece muito bem, né? – zombou. – Afinal, você era pequenininho, depois cresceu, virou adolescente, escreveu poesias e tal... Sempre do lado dela!

O carro parou no primeiro semáforo vermelho do caminho. O padrasto aproveitou a chance para, muito sério, encarar o garoto que, desde o atropelamento, o desafiava abertamente.

– Você nunca vai entender, Igor. E simplesmente porque não faz o mínimo esforço para entender.

E foi a vez de Gustavo encerrar a segunda conversa esquisita do dia.

Após o almoço, Igor se trancou no quarto. Ainda tinha umas duas horas antes de o *motorista* Gustavo levá-lo até o psicólogo. O azar é que o padrasto estava disponível *full time* até a semana seguinte, quando terminaria a licença que pegara no hospital. E nem doente ele estava! Alegara para o chefe amigo que precisava de uns dias com a família...

Com curiosidade, Igor analisou detalhadamente a ficha escolar de Gustavo. Divertiu-se sozinho ao descobrir notas baixas em praticamente todas as disciplinas, com exceção de biologia. O padrasto tinha sido um aluno muito do medíocre.

– Qual é a graça em ver as notas ruins dos outros? – encrespou-se Lara, surgindo do nada para assustar o garoto, como de hábito.

– Você não entenderia porque simplesmente não quer entender! – defendeu-se ele, que apenas esperava a oportunidade para repetir aquela frase de efeito.

– E ainda por cima rouba a frase dos outros!

– Você estava no carro, ouvindo tudo, sua mala!

– Não me xingue!

– Não estou xingando... Olha, Lara, fui na biblioteca hoje cedo para pedir desculpas.

– Ouvi você.

– E por que não respondeu? Fiquei lá, que nem bobo, falando sozinho!

– Você mereceu.

– E depois? Você me viu falando com o professor Luiz?

– Não.

– E com o seu Gilmar?

– Você conversou com ele?!

Empolgado, Igor contou tudo o que lhe acontecera de manhã. Era bom demais ter a amiga de volta!

Lara demorou para digerir tanta novidade, principalmente o monólogo sem sentido do zelador.

– Acha mesmo que o professor Luiz é o Luke? – duvidou ela.

– Tudo indica que é! Você o reconhece como o Luke?

– Não lembro se já vi esse professor. E depois eu...

– Tá, já entendi. Você não lembra como o Luke era.

– Desculpe.

– Se ao menos a ficha do seu irmão estivesse junto com os alunos dos anos 50 e 60... O que você acha que o seu Gilmar quis dizer com “procure as respostas nas fotos”?

Intrigado, Igor abriu o laptop sobre a cama. Jogara nele todas as fotos digitais que fizera das fichas guardadas na caixa de papelão da secretaria. Faltava uma ou outra e a maioria estava escura demais, o que o obrigou a clareá-las no Photoshop.

A câmera havia registrado a foto de cada aluno, na época de sua entrada no primeiro ano do primário, o atual ensino fundamental, e seu nome datilografado à direita da ficha.

– Alguém conhecido? – perguntou o garoto à fantasma, que, deitada de bruços como ele sobre o colchão, acompanhava o tratamento das imagens.

– Por enquanto, não...

Igor suspirou, cansado. Daqui a pouco teria que sair para a sessão do psicólogo e...

– Espera! – pediu Lara. – Mas esta é a Tina!

– Quem?

– Ela estava sempre lá em casa!

– E daí?

– A Tina era amiga do Luke desde o primário.

– Eram da mesma classe?

– Meninas e meninos estudavam em classes separadas naquela época.

Mas a Tina e o Luke tinham a mesma idade...

– Entraram juntos no colégio?

– No mesmo ano. E foram da mesma classe no clássico, que tinha turma mista. Eles se formaram juntos.

O garoto prestou mais atenção na foto que aparecia na tela do laptop. Pertencia a uma menina morena de uns seis, sete anos. A ficha, à direita, mostrava seu nome completo: Valentina Peixoto.

– Peraí! Essa é a mãe do Gustavo... – reconheceu Igor.

– Jura? A Tina se casou cedo com um construtor ricoço, mais velho do que ela...

– Osvaldo Velásquez Aguiar.

– Esse mesmo!

As respostas estavam nas fotos... Igor mordeu a unha, pensativo. A seguir, ampliou a foto de Valentina para encher toda a tela.

– O Gustavo não se parece nem um pouco com a mãe – observou a fantasma, comparando a imagem de Valentina com a foto do filho, colada na ficha dele que estava perto do laptop.

– Nem com o pai. O arrogante do Osvaldo é feio de doer!

De repente, Lara ficou ainda mais branca do que já era.

– Igor, por favor, mostra a minha foto...

O garoto estranhou o pedido. Clicou no arquivo da reprodução que fizera da ficha escolar de Lara. A foto da menina, também aos sete anos, ocupava a área esquerda do cabeçalho.

– Amplia como você ampliou a foto da Tina.

Igor obedeceu. Passou o minuto seguinte comparando as duas fotos: a de Lara e a de Gustavo, os dois fotografados com a mesma idade, mas em anos diferentes. Lara em 1963 e Gustavo em 1977.

– Sinistro... Ele se parece com você, Lara!

– Você ainda não percebeu, não é?

– Perceber o quê?

– O Gustavo não é um Velásquez Aguiar. Ele é um Tierni.

PARTE II

“Nenhuma verdade me machuca
Nenhum motivo me corrói (...)
Nenhuma doutrina me convence
Nenhuma resposta me satisfaz
Nem mesmo o tédio me surpreende mais!”

PITTY/PEU SOUSA

CAPÍTULO 1

Terça-feira, 11 de setembro de 2007

Encontro

Eunice entregou a chave do seu carro para o manobrista e caminhou elegantemente até a entrada da academia. Malhar era seu melhor vício desde que abandonara o cigarro, há cinco anos. Ficava das 22h até a meia-noite na academia, de segunda a sexta, se revezando entre os aparelhos de musculação e a última aula de alongamento do dia.

Mal alcançou a recepção e seu celular tocou. Com visível satisfação, ela reconheceu na tela do aparelho o número que ligava. Era ele.

A academia, infelizmente, teria que esperar. Eunice ia atender a ligação quando reparou que quem discara para ela estava no outro lado da rua, parado ao lado de uma Pajero Sport. Gustavo também tinha um modelo igual, só que numa versão prata. Aquele era preto, com os vidros escurecidos para manter o sigilo de quem entrava no veículo. Eunice se acomodou no banco da frente após o homem sorrir para ela, guardar o celular e abrir a porta do carro para recebê-la. A diretora sabia que estava muito sexy com o minitop de ginástica e a bermuda justa, de lycra. O desejo masculino aprovou o visual.

Eunice percebera a química entre eles no instante em que o conhecera, na manhã daquele mesmo dia. Tinham trocado telefone, sorrisos e muitos olhares significativos. Ele não era nenhum garotão como o Gustavo, mas tinha um charme que compensava sua idade. Há muito Eunice não se sentia tão atraída por um homem, ainda mais alguém famoso como ele, além de muito inteligente e sofisticado. E que aparecia na hora certa para compensar o fora que ela recebera de Gustavo, na noite anterior. Aquele medicozinho imaturo pagaria muito caro por tê-la rejeitado novamente!

O homem mais interessante do mundo estava ali, ao alcance de todos os atributos físicos muito perfeitos de Eunice. Ele contornara o carro e já se sentara no banco do motorista. Eunice estremeceu de prazer quando ele a fitou diretamente nos olhos.

– Aonde você gostaria de ir? – perguntou o jornalista Henrique Sobral, com um sorriso irresistível.

Sábado, 15 de setembro de 2007

Após liberação do Instituto Médico Legal, na véspera, o corpo de Eunice foi velado e o enterro ocorria naquela manhã quente, no Cemitério da Filosofia, no Saboó. Após um discurso exagerado de Victoria, da 8ª. série, os coveiros iniciaram o fechamento do túmulo. A tristeza era geral.

Aos poucos, a multidão de alunos, professores, conhecidos e amigos reunida para se despedir de Eunice começou a se dispersar. O desconfiado Igor foi o primeiro a sumir de vista entre as campas. O professor Luiz se despediu da aluna que consolava, Victoria, e tomou uma direção para ir embora. Irmã Mariana, ainda com o terço entre os dedos, escolheu outro caminho. Afastado de todos, Henrique Sobral, o famoso jornalista que abrira a Semana das Profissões do colégio, fazia anotações em uma caderneta.

Paola, a secretária da escola, fez o possível para endossar a tristeza unânime, apesar de se sentir extremamente feliz. Gilmar, ao lado dela, se aproximou ainda mais para lhe cochichar um aviso preocupado:

– Você está brincando com fogo...

Para a jovem, a vingança sempre falaria mais alto.

– Todos vão pagar pelo que fizeram – murmurou ela com o olhar fixo em Vera, a mãe de Eunice, que chorava desesperada no ombro de alguém. – E ela será a próxima.

CAPÍTULO 2

Terça-feira, 25 de setembro de 2007

Terceira Vítima

Igor madrugou na cobertura triplex dos Velásquez Aguiar, em um edifício luxuoso na avenida do Canal 3, a Washington Luiz, a duas quadras da praia. Assim que chegara à escola, entregue pelo *motorista* Gustavo, o garoto despistara o esperto Gilmar antes de utilizar sua rota de fuga pelo buraco no muro do playground. Sorte que o colégio ficava a cinco minutos de caminhada do triplex.

– *Quem é?* – perguntou a voz do porteiro na guarita, pelo interfone.

Igor, colado ao portão da rua e muito bem acompanhado pela fantasma Lara, escolheu seu rosto mais inocente para a câmera de segurança que o filmava.

– Diz para a dona Valentina que o Igor, enteado do Gustavo, quer falar com ela.

Sua entrada no edifício foi liberada após alguns minutos. O porteiro o acompanhou até o hall elegante e seu elevador principal.

– Dona Valentina aguarda pelo senhor no estúdio – disse o porteiro.

Havia apenas um apartamento por andar. Na cobertura, foi a empregada quem atendeu o visitante.

– Uau, que prédio bacana! – impressionou-se Lara. E ficou ainda mais impressionada com o primeiro pavimento da cobertura espaçosa, de decoração requintada, feita pela própria moradora. O estúdio se localizava no segundo pavimento, uma área exclusiva onde Valentina desenvolvia seu hobby preferido: pintar flores e paisagens em quadros a óleo.

Valentina recebeu o garoto com um sorriso estudado e uma ponta de surpresa. Igor, muito convincente, mostrou seu lado bom menino. Educado, elogiou o quadro ainda incompleto preso ao cavalete, perguntou pela saúde de sua anfitriã e do marido dela e, objetivo, foi direto ao assunto principal.

– Preciso muito da sua ajuda para um trabalho da escola – mentiu. – A professora pediu que a classe pesquisasse sobre as pessoas mais famosas que estudaram no Santa Maria. E eu fiquei com os alunos da década de 50.

Valentina avaliou o garoto de cima a baixo. Jamais demonstrara qualquer simpatia pelo filho da nora que a desagradava.

– É ela, Igor – confirmou Lara. – É a Tina.

– Me falaram que o governador Mário Covas estudou no Santa Maria – inventou o garoto para sustentar a mentira.

– Não. Ele estudou no Colégio Santista – corrigiu Valentina.

– Foi, é? Puxa, a senhora viu só como preciso da sua ajuda?

Despachado, Igor tirou o laptop da mochila e o colocou sobre o banco alto em frente ao cavalete, automaticamente impedindo a anfitriã de retomar a pintura do quadro.

– Trouxe algumas fotos para a senhora identificar quem é quem... – prosseguiu ele, abrindo o equipamento para exibir as imagens digitais. – Prometo que termino antes do almoço!

Lara aproveitou para circular pelo estúdio à procura de pistas. Se aquele era o canto da casa mais íntimo para Valentina, naturalmente seria o lugar ideal para se guardar coisas que não deveriam ser encontradas pelos outros. A fantasma fuçou a cor respondência largada sobre uma mesa – de maneira discreta, óbvio, para Valentina não ver nenhum papel se mexendo sozinho. Não achou nada especial. Era melhor procurar nos outros cômodos do apartamento imenso.

Aproveitando seu poder de passar por superfícies sólidas, Lara investigou closets, armários, gavetas e até um cofre na parede, oculto por um Monet. Na gaveta do criado-mudo do quarto do casal, remexeu em documentos que não traziam nenhuma informação suspeita. Se Valentina escondia alguma coisa, só podia ser no estúdio.

Ao retornar ao local, deparou-se com a anfitriã apática, apenas à espera de que a tortura terminasse, e com o malabarismo de Igor para manter a farsa que era aquela visita.

– E este menino aqui? – disse ele, repetindo a pergunta a cada arquivo de fotos que abria na tela para Valentina. Aquela já devia ser a 49ª. criança a ser mostrada e a quinta da turma que entrara no primário em 1957, no mesmo ano da entrada de Luke e Tina. – Virou alguém famoso?

– Não – disse a anfitriã, secamente. – Da última vez que o encontrei, era gerente de um banco em São Paulo.

– Que nem meu pai! Só que ele era gerente de banco em Bauru.

Valentina suspirou, sem alterar a expressão de tédio. A 50ª. criança era uma menina de rosto redondo e cabelos castanhos, presos numa maria-chiquinha.

– E esta menina? – continuou Igor. – Ficou famosa? Ao se deter na garotinha, Valentina reprimiu algum sentimento que trairia sua indiferença. Desviou rapidamente os olhos para Igor.

– Não me recordo desta criança – disse, num tom arrogante.

– Tem certeza? – cutucou Igor. – Na ficha, está marcado o nome Sandra Peixoto. O sobrenome da senhora também era Peixoto e, pela data, a menina foi da sua classe. Duas Peixoto na mesma turma não é assim tão fácil de esquecer, né? Ainda mais que vocês devem ter estudado juntas por uns 10 anos antes de se formarem...

– É como falei, Igor – reforçou Valentina, estreitando o olhar que refletia ódio. – Não me recordo desta criança.

Lara, que chegara mais perto da tela do laptop, sentiu uma saudade imensa daquela menina da foto. Sim, ela a conhecia.

– É a Sandrinha – disse para o garoto. – Era namorada do Luke quando morri.

Igor estava se especializando em disfarçar seus sentimentos. Não demonstrou surpresa pela informação e, calmamente, passou para a foto seguinte.

– E esta outra menina? Famosa ou não?

– Não – disse a anfitriã. – Morreu de meningite aos 12 anos.

Neste instante, a empregada entrou no estúdio para trazer a correspondência do dia e deixá-la sobre a mesa. Algo entre os envelopes chamou a atenção de Valentina, que se afastou de imediato de Igor para pegá-los diretamente da empregada. Lara, ao contrário do garoto, quase se colou à anfitriã para xeretar o que estava acontecendo. Nervosa, Valentina retirou um envelope vermelho do meio dos outros e o guardou, ágil, no bolso do avental de pintura.

– Sua visita foi muito interessante, Igor, mas, infelizmente, não poderei mais colaborar com o seu trabalho – dispensou ela. – Já é tarde e tenho que me preparar para um compromisso.

– Volto depois.

– Melhor não. Estarei ocupada a semana inteira.

– Apareço aqui na semana que vem.

– Será difícil me encontrar em casa. Adeus.

Sorridente, o garoto fechou o laptop, guardou-o na mochila, que pendurou nas costas, agradeceu a ajuda e se deixou conduzir até a saída pela empregada. Ele entrou no elevador, apertou o botão do térreo e, assim que a porta se fechou, sorriu para a fantasma.

– Pegou? – cochichou ele, tomando o cuidado de cobrir a boca com a mão. A câmera de segurança do elevador registrava todos os seus movimentos.

– Já está no seu bolso! – garantiu a fantasma.

Quando a porta do elevador se abriu, Igor acelerou o passo e cruzou o hall. O porteiro, que já o vira, acionou da guarita a abertura do portão automático. No mesmo segundo, o interfone o chamou.

– Corre! – mandou Lara.

O rosto simpático do porteiro mudou para pior após atender a ligação. Havia um ladrãozinho no edifício... Igor fugiu na maior velocidade possível, saiu pelo portão e ainda viu o porteiro abandonar a guarita para tentar detê-lo.

– Ei, garoto, volta aqui!!!

Ágil, Igor virou na primeira esquina, com a mochila sacolejando nas costas e o envelope vermelho muito bem escondido em um dos bolsos da calça jeans.

Igor não podia voltar para a escola nem para casa. Valentina o encontraria rápido demais. A melhor solução foi se esconder na praia. Sem fôlego, escolheu o banco mais discreto do jardim, de frente ao mar e cercado atrás por uma vegetação espessa, que o tornava invisível para quem viesse da avenida.

– Abre o envelope! – disse Lara, aparecendo à esquerda do garoto no banco.

Igor tirou o envelope do bolso, mas preferiu analisá-lo antes de abrir. Fora postado na véspera, na agência dos Correios do Gonzaga, o mesmo bairro do Colégio Santa Maria. A área do destinatário trazia o nome de Valentina Velásquez Aguiar e seu endereço digitados no computador. O mesmo acontecia com o remetente, Luiz Tierni, e o endereço que antes pertencera à família de Lara.

– Abre logo! – cobrou a fantasma.

Com cuidado, o garoto rasgou a lateral do envelope. Retirou uma folha de sulfite dobrada ao meio. Havia uma única frase, digitada em Times New Roman, possivelmente no tamanho 24 de letra.

– “Três de setembro de 1970” – leu a fantasma. – Foi nesse dia que eu...

– Que você morreu.

– E que o Luke foi preso.

– Sabe o que parece? A Valentina anda recebendo ameaças anônimas.

– Do meu irmão, você quer dizer.

– Ele não seria burro de colocar o próprio nome no envelope. E nem o endereço de vocês.

– Também acho. Quem faria isso?

– E por quê?

Lara entrelaçou os dedos das mãos, angustiada. O mar, diante dos adolescentes, misturava tons de azul e verde, aperfeiçoando a paisagem bonita de primavera. Adiante, uma garça solitária buscava alimento na areia molhada. Uma das ondas se esticou para tocá-la e, num movimento suave, se recolheu, marcando o território com espuma. Era uma manhã fria e poucos se aventuravam a caminhar pela praia.

– Se o Gustavo é um Tierni mesmo... – começou Igor.

– Um Tierni sim! Você também comparou as fotos.

– Ele não é seu filho, é?

– Igor, eu morri aos 14 anos! – reclamou ela, horrorizada.

O garoto riu gostoso. Atraída pelo som, a garça virou o bico para os dois no banco do jardim.

– Tô zoando!

– Como o Gustavo é um Tierni – retomou a fantasma, impondo seriedade ao assunto –, ele só pode ser filho do Luke.

– E com quem? Com essa Sandrinha, talvez?

– É possível.

– O Gustavo nasceu em setembro de 1970, no dia 15. Isto quer dizer que a Sandrinha estaria no final da gravidez quando você morreu no dia 3.

– Não lembro se ela estava grávida!

– O que você consegue lembrar dela?

– Sei que o Luke e ela se amavam muito. E minha avó a adorava!

– Só isso?

– Hum-hum.

– E onde entra a Valentina nessa história?

- Reparou na cara dela quando você mostrou a foto da Sandrinha?
- Vi sim. Ódio mortal, cara.

A garça abriu as asas para um voo rasante. Pousou metros mais para a frente, na mureta de um dos canais que terminavam na praia.

- Talvez a Tina fosse apaixonada pelo Luke – disse a fantasma.

– Ontem, antes de dormir...

– E ele nunca deu bola pra ela.

– ... eu fiquei pesquisando na internet...

– A Tina devia morrer de ciúme da Sandrinha.

– Você sabe o que brasileiros e argentinos têm em comum?

– Hum?

– Sabe ou não?

– Talvez a mesma paixão pelo futebol.

– A Argentina também passou por um regime militar terrível.

– E o que isso tem a ver com...?

– Um dos sites que li falava das Avós da Praça de Maio.

– E quem são elas?

– É um grupo de avós, lá na Argentina, que procura descobrir o paradeiro dos netos que nasceram nos cativeiros clandestinos, filhos de mulheres presas e mortas pelo regime militar. Esses bebês ficaram com os próprios torturadores ou foram dados para adoção.

Chocada, Lara fez o raciocínio seguinte.

– Você acha que a Sandrinha foi presa junto com o Luke? E que o Gustavo...

– Nasceu numa cela para presos políticos.

– Igor, você não está fantasiando demais? A Sandrinha pode ter dado o filho para a Tina criar. O Luke tinha sumido na época, ela ficou sozinha, e a Tina, rica depois que casou...

– Se ofereceu para cuidar do Gustavo?

– Pode ser, não?

– Pensa, Lara. O Luke some, a Sandrinha fica sozinha e tal. O mais lógico não seria procurar a tua avó?

– Sim, mas...

– E a tua avó deu para a vizinha uma procuração para ela cuidar de tudo porque não havia mais nenhum Tierni... Quer dizer, nem tua avó sabia que tinha um bisneto!

– Ainda acho que a Sandrinha pediu para a Tina ficar com o bebê e...

– Se fosse tão simples, então por que a Valentina recebeu o envelope vermelho?

– Porque ela deve ter feito alguma coisa ruim...

– Como, por exemplo, roubar o bebê da antiga colega de classe.

– Acha mesmo que...?

Lara não terminou a pergunta. E com razão. Aquela teoria soava fantástica demais até para seu autor.

– O seu Gilmar me deixou a ficha do Gustavo, falou das fotos antigas, da Argentina... Se ele me deu pistas, Lara, é porque sabe de tudo! É a única pessoa que pode contar pra gente o que realmente aconteceu em setembro de 1970.

O jeito foi ficar fazendo hora para escapar de Valentina e, principalmente, de Gustavo na saída da escola. Apenas no começo da noite é que Igor voltou para o Santa Maria. Já Lara quis ir sozinha até o triplex dos Velásquez Aguiar, atrás de provas para rebater ou finalmente aceitar a teoria fantástica do amigo. Ficou na dúvida se tinha visto ou não mais envelopes vermelhos em algum lugar da residência...

Mais uma vez, Igor invadiu a escola através da passagem secreta e personalizada. Escorregou para o playground, passou pelo pátio e pela casinha de fundos de Gilmar, espiou as quadras esportivas e verificou se havia algum movimento no prédio principal. O colégio estava deserto. O último aluno do período da tarde saía há mais de uma hora, às 18.

Uma das portas laterais da capela permanecera aberta. E as luzes, no interior do local, estavam acesas. Gilmar só poderia estar lá. Igor entrou na capela e viu a imagem de Nossa Senhora, acima do altar, rodeada pelos dois castiçais que limpava na véspera. Sorriu, satisfeito. O metal brilhava, refletindo a luminosidade do ambiente.

A presença de mais alguém assustou o garoto. Ele demorou milésimos de segundo para reconhecer um transtornado Gustavo, parado no centro da capela, entre as duas fileiras de bancos. Aos pés do padrao, Gilmar jazia de bruços numa poça de sangue, com a cabeça esfacelada de modo brutal.

CAPÍTULO 3

Visita

Sempre nos dias de folga, o delegado Jonas Beltrão tomava a estrada para Embu das Artes, uma estância a 30 minutos do centro de São Paulo. Não foi diferente naquela terça-feira. As folgas eram a única oportunidade para visitar a esposa, internada há três anos na Clínica Esperança. Na prática, a esquizofrenia, que se tornara crônica, a alienara da vida em família muito antes disso. Durante anos, a esposa convivera com crises agudas e a maratona de psiquiatras e remédios em busca de alívio e de uma vida normal. Beltrão lembrou o desespero em acompanhar a mente da esposa se perder pouco a pouco, os acessos de raiva, que a deixavam violenta, a fuga da realidade e do convívio social. Tornara-se doído amá-la tanto, um amor que começara na infância, quando a conhecera, ainda no primário. Haviam estudado no mesmo colégio, o Santa Maria, mas em classes separadas – meninas numa sala e meninos em outra. Beltrão costumava levar dois pedaços de bolo para o recreio. Um para ele e outro para a menina bonita, sempre de marias-chiquinhas no cabelo: a pequena Sandra. Ou Sandrinha, como todos a chamavam.

Somente na adolescência é que haviam compartilhado a mesma sala de aula para cursar o clássico, equivalente hoje ao ensino médio. Daqueles tempos de escola, Beltrão mantinha sólidas amizades. Havia o Inocêncio, hoje gerente de banco em São Paulo; a Margô, médica pediatra em Cubatão; o Waldemar, corretor de imóveis em Guarujá; o Oscarzinho, suplente de deputado federal em Brasília; o Laire, despachante aduaneiro no porto de Santos; a Vera, contadora que agora assumia o lugar da filha Eunice no Colégio Santa Maria; e, finalmente, a bondosa amiga Valentina, quem realmente custeava a permanência de Sandrinha na clínica psiquiátrica. Se não fosse por ela, Beltrão e seu salário de delegado jamais poderiam arcar com o tratamento de Primeiro Mundo disponibilizado pela Clínica Esperança.

Sandrinha não oferecia mais risco para si e tampouco para os outros. Ela vivia em um dos apartamentos para internos, na própria clínica, localizada

em um terreno de quase 30 mil metros quadrados que incluía, além do bloco de apartamentos, enfermaria, salão de atividades, refeitório, oficinas lúdicas e artesanais, horta comunitária e uma enorme área verde. Beltrão passou o dia ao lado da esposa, o coração oprimido pela tristeza. Sandrinha não se lembrava dele, não perguntou pela filha e, pior, mergulhou em um longo período de silêncio.

– Sempre amarei você – disse o delegado antes de encerrar a visita. A esposa não reagiu e se deixou levar por uma enfermeira que viera buscá-la no apartamento para o jantar.

Já anoitecia quando o celular tocou. O carro de Beltrão passava por Cubatão após deixar para trás as curvas sinuosas da Rodovia Anchieta, na descida da Serra do Mar em direção ao litoral. A tela do aparelho acusou o número do celular da filha, uma garota difícil com quem tentava se entender há anos. O delegado parou no acostamento para atender a ligação e, com interesse, ouvir o que a garota tinha a dizer.

– *Paola, você fez o quê???* – reagiu ele, nervoso.

CAPÍTULO 4

Interrogatório

A cabeça de Igor pirou. Gustavo matava para proteger o segredo da mãe adotiva... Só podia ser isso! Um assassino que não hesitaria em eliminar sua testemunha...

– Igor... – murmurou o padrasto, lentamente reassumindo o próprio controle – ... eu não...

O garoto não esperou pela oportunidade de virar a quarta vítima. Saiu correndo da capela, feito doido, para ficar o mais longe possível do assassino. Em sua rota desesperada para reencontrar o playground, trombou com alguém oculto pelas sombras da noite em um dos cantos do jardim. Um grito feminino e assustado o avisou de que atropelara uma mulher... O celular que ela utilizava voou para longe.

– Paola?! – reconheceu Igor, parando para entender o que estava acontecendo.

Neste instante, a voz de Gustavo o lembrou qual era a prioridade. O padrasto o chamava, correndo atrás dele. O instinto de sobrevivência de Igor vislumbrou o portão da escola. Estava parcialmente aberto.

– Vem! – disse para Paola. – Ele vai te matar também!!!

A jovem, no entanto, não o acompanhou, preferindo sumir na direção da biblioteca. Igor, ainda mais veloz, cortou caminho por cima do jardim, passou pelo portão e, na rua, escolheu a direita.

– Igor!!! – insistia Gustavo, atrás dele.

Até que para um sujeito de 37 anos o padrasto corria rápido. O garoto dobrou uma esquina, atravessou uma rua, entrou em outra e continuou fugindo, mal sentindo o peso da mochila pendurada nas costas. Saiu da Rua Luiz de Faria, virando à esquerda na Avenida Ana Costa, extremamente movimentada naquele começo de noite. O padrasto, com um fôlego invejável, continuava em seu encalço. Inúmeros veículos lotavam as duas pistas da avenida, separadas por um canteiro central. Na altura do Cine Roxy, que recebia várias pessoas para a próxima sessão, Igor espiou a

retaguarda. Gustavo estava perigosamente perto demais. Um braço de distância os separava.

Igor não hesitou. Deixou a calçada, sem ver direito que se jogava na pista tomada pelos veículos. Só ouviu a freada brusca de um ônibus e sentiu os braços que o puxavam para evitar o baque violento que o atingiria. Ele e mais alguém caíram no asfalto, fora do alcance do ônibus, mas ao alcance do veículo que vinha na faixa da esquerda. Nova freada. Quem o agarrara o obrigou a rolar agilmente de volta, a tempo de evitar um segundo atropelamento. E os dois acabaram espremidos no vão entre os pneus imensos do ônibus e os pneus menores do carro.

Igor começou a tremer de alívio, de nervoso, de tudo. Como não vira o ônibus? Estaria morto agora se não fosse por... O garoto, de queixo caído, finalmente reparou em quem ainda o segurava com medo de perdê-lo, mais trêmulo do que ele.

– Consegui segurar você, Rafael... – disse Gustavo, o homem que o salvara da morte.

Rafael não era o nome do irmão mais velho que...? Finalmente Igor entendeu o que não se esforçava para entender. O pai que perdera um filho muito pequeno também o enxergava como filho.

– Estou bem – garantiu Igor. – Você se machucou?

Gustavo o liberou para se sentar no asfalto. Negou com um movimento de cabeça qualquer ferimento. Sua camiseta não trazia nenhuma gota de sangue, as mãos idem... A razão de Igor voltava à tona. Se Gustavo tivesse acabado de esmagar a cabeça de Gilmar, estaria coberto de sangue...

– Não matei ninguém – murmurou o padrasto, procurando o olhar do enteado.

O motorista do ônibus desceu para checar o estado dos dois malucos que haviam se metido na frente do veículo. O motorista do carro ao lado fez o mesmo. Em segundos, o trânsito todo parou e a pista se encheu de curiosos. Um deles se destacou ao se agachar entre Gustavo e Igor: o jornalista Henrique Sobral.

– Por que vocês dois estavam correndo daquele jeito? – perguntou ele, intrigado.

Foi Sobral quem tirou os dois do meio da rua e os levou para uma das mesinhas da pequena lanchonete na entrada do cinema. Os motoristas retomaram seus respectivos veículos, os curiosos foram cuidar da própria

vida e Igor ganhou um refrigerante deliciosamente gelado do pessoal da lanchonete. O jornalista pediu um café e Gustavo, ainda abalado com o excesso de adrenalina dos últimos minutos, não conseguiu beber nada.

– Temos que chamar a polícia – disse ele. – O seu Gilmar foi assassinado...

Sobral o fitou, o rosto sem qualquer emoção. A seguir, puxou um cigarro do bolso, que acendeu com um isqueiro. Deu uma primeira baforada antes de falar:

– O que aconteceu exatamente, dr. Gustavo?

– Você vai publicar isso, é? – quis saber Igor.

O jornalista o ignorou. Aproveitaria a vulnerabilidade momentânea de Gustavo para arrancar a manchete de amanhã.

– Como você sabe que o seu Gilmar foi assassinado, doutor? – prosseguiu Sobral.

– Gustavo, me dá o celular! – pediu Igor. – Vou ligar pra polícia!

O aparelho, pendurado no cinto da calça do padraço, escapara ileso do resgate de Igor. Gustavo o entregou ao enteado, que rapidamente se pôs a discar 190.

– Este código é da Polícia Militar – disse Sobral, pousando a mão sobre o celular para impedir a ligação. – O da Polícia Civil é outro.

Igor rangeu os dentes. Odiava gente manipuladora. Sobral recolocou o cigarro na boca para fazer fumaça.

– Você já viu o pulmão de quem fuma? – rosnou o garoto para ele. – Fica todo podre e preto! O seu já deve estar igualzinho...

O jornalista o ignorou pela segunda vez para continuar interrogando Gustavo.

– Você encontrou o cadáver, certo, doutor?

– Foi – confirmou o médico.

– E como o seu Gilmar foi assassinado?

Igor tentou arrancar o celular que o jornalista ainda o impedia de usar, sem sucesso. A salvação veio na forma de dois PMs que circulavam em frente ao cinema.

– Ei, nós vimos um crime!!! – berrou o garoto, acenando escandalosamente para eles. – Mataram o porteiro da minha escola!

Deu certo. Conquistou a atenção dos PMs e, de quebra, o ódio do famoso jornalista Sobral, que o mirava com um olhar assassino.

Gustavo adoraria ter a frieza de Igor para lidar com uma situação como aquela. Suas reações voltaram aos poucos, como se estivesse despertando de um sono pesado e imobilizador. Primeiro, viera o sumiço do garoto. Ele não apareceu na aula, fato que descobriu apenas quando foi buscá-lo na hora do almoço. Para não preocupar Adriana, Gustavo passou o restante do dia atrás do enteado em shoppings, locadoras, lan houses, supermercados e qualquer outro lugar onde um adolescente pudesse se esconder sem despertar atenção. No final da tarde, recebeu uma estranha ligação de Gilmar, no celular, pedindo para encontrá-lo na capela do colégio, às 19h. Imaginando que o velho zelador soubesse do paradeiro de Igor, Gustavo foi voando para a escola, apesar do trânsito complicado que o atrasou e da demora em achar uma vaga para o carro. O portão trancado do Santa Maria não foi problema para uma das chaves do conhecido molho que Gilmar carregava há décadas para todo lado. O médico, entretanto, só teve a dimensão da tragédia ao entrar na capela e descobrir o cenário aterrador do crime. O que piorou quando Igor apareceu um minuto depois e entendeu tudo errado...

Gustavo não soube bem como acabou na delegacia, com Igor em alerta máximo. Um sujeito que ele nunca vira antes, o mesmo que o chamara pelo nome e que o levara, junto com o enteado, para a lanchonete, desapareceu de vista em algum momento. Quando Gustavo deu por si, estava numa sala com o delegado Beltrão. Igor conferia todas as respostas do padrasto. Este lembrou em detalhes o que ocorrera naquele dia difícil.

– E como o senhor conseguiu o molho de chaves do colégio? – questionou Beltrão.

Gustavo hesitou. Não envolveria Igor ainda mais naquela confusão. Por outro lado, era péssimo em inventar mentiras. Tinha que pensar – e rápido! – em alguma mentira convincente e...

– Teve uma aposta na minha classe pra ver quem pegava escondido o molho de chaves do seu Gilmar e eu venci – contou Igor, na maior naturalidade. – Meu padrasto estava fuçando outro dia no meu quarto e achou lá.

– Fuçando? – repetiu o delegado.

– É! Eu também queria saber o que ele estava fazendo lá.

Gustavo coçou a cabeça. Não tinha como escapar da verdade.

– Desde a morte da bibliotecária, minha esposa ficou com aquele lance na cabeça de que o Igor pudesse estar usando drogas – contou, a

contragosto. – Então, fui investigar o quarto dele para ver se achava alguma coisa...

Igor o encarou, indignado. E ficou ainda mais indignado com a pergunta seguinte do delegado.

– E o senhor achou alguma coisa?

– Não. É como eu disse para o senhor da outra vez, dr. Beltrão. O Igor não usa drogas.

O ar de espanto do enteado soou como recompensa. O padraço o defendera? “Sim, seu cabeça-dura, eu te defendo quando você tem razão”, pensou Gustavo.

– E o que você, Igor, estava fazendo na capela, ou melhor, na cena do crime? – interrogou o delegado, voltando-se para o adolescente.

Da última vez que contara a verdade para a polícia, fora considerado maluco por ver uma aluna que ninguém via. Lição aprendida e Igor já tinha uma história na ponta da língua.

– Fiquei na praia pra fugir da aula – explicou, caprichando na cara de pau. – Daí, fiquei zanzando no Gonzaga, passei perto da escola e vi quando o Gustavo chegou lá. Fiquei curioso e entrei atrás dele. Imaginei que ele ia falar com a nova diretora sobre mim, sei lá, que ia sobrar bronca, sabe? Mas aí ele foi pra capela e eu fui espiar... Vi a cena do crime, me assustei e saí correndo. O resto o Gustavo já contou, né?

Beltrão, desconfiado ao extremo, fez mais algumas perguntas, confiscou o molho de chaves e, por hora, liberou as duas testemunhas. Na porta da delegacia, Gustavo e Igor pegaram um táxi até o carro que o padraço deixara próximo ao colégio. E, de lá, tomaram o caminho para casa. Já era madrugada.

– Você viu onde deixei meu celular? – perguntou Gustavo antes de abrir a porta da cobertura. – Tua mãe deve ter deixado milhares de recados a noite inteira...

– Aquele jornalista o roubou debaixo do teu nariz! – resmungou o enteado.

– Que jornalista?

– Cacete, Gustavo, ele estava te entrevistando e você nem reparou!

– O homem da lanchonete?

– O cara é o Henrique Sobral, um jornalista superfamoso que mora em Brasília!

– É? Nunca ouvi falar... Não é estranho que um jornalista superfamoso que mora em Brasília estivesse passando na Ana Costa justo naquela hora?

Igor, que já xingava mentalmente o padrasto de tonto e tapado, refez aquela pergunta: não era estranho que Sobral estivesse tão perto do Santa Maria justo naquela hora?

Ao entrarem no apartamento, Gustavo e Igor encontraram uma cena inusitada. Acompanhados por Adriana e vigiados de longe por Lara, dois visitantes, Valentina e Osvaldo Velásquez Aguiar, esperavam pelos recém-chegados no sofá da sala.

– Viemos buscar a correspondência que seu enteado roubou da minha casa hoje cedo – adiantou Osvaldo, erguendo-se, agressivo, na direção de Igor.

Rápido, Gustavo se colocou entre eles.

– Calma, pai – pediu, com firmeza.

– Calma?! Você está criando um delinquente com o *meu* dinheiro!

– Primeiro, eu já falei pra mãe que posso viver muito bem sem esse luxo todo que ela faz questão de me dar. E segundo... Igor, você roubou alguma correspondência na casa dos meus pais?

– Não – disse o garoto, sem precisar mentir.

– Fui eu, Gustavo – disse Lara, sabendo exatamente que seria ouvida e entendida pelos únicos capazes de enxergá-la. Igor fez cara feia. Já imaginava que a fantasma linguaruda falaria demais.

O médico evitou olhar para Lara. Continuou em seu posto entre o pai que pretendia esganar o adolescente e o adolescente que corria o risco de ser esganado.

– E o que tinha na correspondência? – perguntou Gustavo.

– Isto é assunto meu e da sua mãe!

– Seus pais estão recebendo ameaças – contou a fantasma. – Investiguei a casa deles e descobri mais três envelopes vermelhos iguais ao que roubei hoje para o Igor. Foram postados em meses diferentes, desde janeiro deste ano. E todos trazem a mesma mensagem: 3 de setembro de 1970, o dia em que fui assassinada.

– E por que vocês acham que foi o Igor que roubou o envelope? – disse Gustavo. Parecia ganhar tempo.

– Seu enteado apareceu lá em casa com uma desculpa esfarrapada! – gritou Osvaldo, furioso.

– Não é desculpa! – sustentou Igor. – É um trabalho para a escola!

Lara, então, desapareceu de onde estava, próxima à janela, para aparecer mais perto de Gustavo.

– Pergunte sobre Luiz Tierni... – sussurrou ela para o médico.

– Quem é Luiz Tierni? – disse ele para os pais.

Valentina reprimiu um grito, quase desfalecendo sobre o sofá. Adriana, sem entender nada, foi acudi-la. Em Osvaldo, a raiva se transformou em medo. Como um animal acuado, ele partiu para o ataque.

– *Cale-se!* – mandou, erguendo um dedo para o filho.

– Acho que a dona Valentina agora vai se lembrar da Sandra Peixoto... – provocou Igor.

A menção de um segundo nome fez Osvaldo redirecionar sua agressividade. Ele avançou contra Igor, pronto para bater nele. Foi Gustavo, com seu porte alto e atlético, quem segurou o velho mais baixo e imensamente mais truculento. O magricela Igor não se intimidou. Cara a cara com seu possível agressor, mantido a custo pelo médico, ele continuou a cutucar a onça com vara curta.

– O que aconteceu em setembro de 1970, hein, seu Osvaldo?

– Vou fazer você engolir essa sua cara de delinquente!!! – ameaçou o velho.

– Ah é? E como vai fazer isso, hein? Vai mandar me matar?

Como se levasse um choque, Osvaldo se afastou. Respirava com dificuldade, ofegante pela fúria. Não tinha saída, exceto optar pela retirada estratégica. Sem nem esperar que a esposa se restabelecesse, ele a arrancou do sofá e se dirigiu para a porta da frente do apartamento.

– O que está acontecendo, pai? – tentou Gustavo, sem êxito. Os Velásquez Aguiar acabavam de encerrar a visita nada cortês à família do filho.

– Muito bem, Igor, você me deve muuuitas explicações – intimou Gustavo assim que os pais saíram. – E você também, mocinha. E nem pense em desaparecer!

Lara, a quem a cobrança era dirigida, não se atreveu a sair do lugar.

– Eu?! – estranhou Adriana, que não enxergava nenhuma mulher na sala além dela mesma.

– Você não, Dri. *Ela*.

– Ela quem?

– O espírito de uma adolescente que fez amizade com seu filho.

Adriana abriu a boca, depois fechou e se encolheu no sofá. Sabia que o marido via espíritos em todos os lugares, mas daí a ter certeza de que um deles estava em sua sala...

– E quero a história do começo – exigiu Gustavo, com uma autoridade paterna que, pela primeira vez, Igor não hesitou em reconhecer.

Ainda alterado, Osvaldo enfiou a esposa no carro, parado junto à calçada do condomínio, antes de assumir seu posto ao volante. Desde que aquele inferno começara, não sabia mais o que era ter um minuto de paz. E as ameaças, como sempre defendeu, jamais poderiam atingi-lo. Consciente do próximo passo, tirou o celular do bolso do paletó para digitar o número da única pessoa capaz de resolver todos os seus problemas.

– Há o enteado do meu filho... – disse para a voz que o atendeu.

– Osvaldo, não, por favor! – interferiu Valentina. – Já chega...

O marido, porém, tinha tomado mais uma decisão.

– Faça o que deve ser feito – mandou para a pessoa do outro lado da ligação.

CAPÍTULO 5

Quarta Vítima

– Tá, do começo – concordou Igor.

Igual a um especialista que expõe suas técnicas de trabalho, ele tirou o laptop da mochila, conferiu o equipamento, que não sofrera nenhum arranhão com o último quase atropelamento, e o abriu sobre a mesinha da sala. A seguir, contou tudo o que ocorrera desde a manhã em que descobrira o corpo de Conceição na biblioteca.

Mãe e padrasto escutaram as explicações em silêncio. Ao final, Gustavo tinha os olhos vermelhos, sufocando a muito custo a vontade de chorar. Relutava em acreditar na teoria de que fora adotado, que nascera numa cela, que os pais biológicos haviam sido torturados... Mas, ao mesmo tempo, algumas coisas pareciam fazer sentido para ele. Somente para Lara ele contara, nos anos que haviam compartilhado no Santa Maria, o quanto era difícil conviver com um homem violento e irascível como Osvaldo e suas cobranças absurdas para que o filho fosse o melhor em tudo, o quanto era complicado ter uma mãe distante e egoísta, que o entupia de presentes por ser incapaz de um gesto de carinho, e o quanto se sentia estranho numa família que parecia tratá-lo como um bem adquirido entre tantos outros. Gustavo, que crescera sem sequer se identificar com os Velásquez Aguiar, encontrara sua fuga da realidade nas poesias, na prática de esportes e, principalmente, no gosto pela biologia.

Ao terminar a explanação, Igor esperou, ansioso, pelo feedback de seu público exclusivo. Decepcionado, constatou que Adriana parecia perdida no meio da trama confusa para ela e que Gustavo, sem dizer nada, se levantava para ir ao quarto do casal.

– Ei, você não vai falar nada? – cobrou Igor.

O padrasto não respondeu. Apenas saiu da sala.

– Ele precisa de um tempo – argumentou Lara. – Seja paciente com ele, tá?

De manhãzinha, um insone Gustavo se trancou no banheiro para uma ducha demorada. Adriana, que custara muito a pegar no sono, finalmente dormia na cama do casal. O médico temia que toda aquela tensão afetasse tanto o bebê quanto afetava a esposa. Adriana era alguém simples, tremendamente dedicada à família, dona de um coração lindo, que fazia um bem imenso a Gustavo. Ela sofrera muito ao saber, por Igor, sobre o acidente que quase ocorrera na véspera, na Avenida Ana Costa. Não merecia passar pela turbulência que atingia sua pequena família.

Gustavo se preparou para sair de casa. Igor dormia no quarto dele, Lara sumira de vista e Julieta chegava para mais um dia de trabalho.

– O doutor não vai tomar café da manhã? – perguntou ela, ao ver o patrão pegar a chave do carro, largada sobre a mesinha da sala.

– Estou sem fome, obrigado.

– Não quer mesmo que eu faça um café fresquinho? O médico recusou a oferta com um sorriso distraído. Não conseguia mais ficar parado em casa. Aquela teoria fantástica de Igor exigia provas urgentes.

Lara ainda não vira a nova diretora, mãe de Eunice. Vera era uma mulher de cinquenta e poucos anos, quase 60. Muito maquiada, ela tentava aparentar uma década a menos, enquanto as roupas de juvenzinha – uma saia curta demais e uma blusa decotada – pretendiam lhe conferir os 30 anos que a mulher tivera há muito tempo. Os cabelos longos e lisos, tingidos de loiro, pareciam ter saído do secador de algum salão de beleza. Lara não gostou dela. Algo deixava Vera estranhamente familiar.

As aulas haviam sido suspensas e a escola fora interditada pela perícia que investigava a morte de Gilmar, mas isto não impediu Vera de resolver alguns assuntos na sala da diretoria. Foi neste local que a fantasma a encontrou, remexendo na papelada sobre sua mesa. Lara se aproximou devagar, xeretando tudo com a atenção redobrada. Entre os papéis... havia um envelope vermelho! Vera também estava recebendo ameaças?

Com pressa, a diretora levou o envelope vermelho até um cofre na parede. Utilizou a combinação para abri-lo e, a seguir, trancou o papel lá dentro. Depois, pegou a bolsa que largara sobre a mesa e deixou a sala. Lara, que se preparava para atravessar o cofre, se deteve ao notar que havia mais alguém na sala. Uma sombra saiu do esconderijo atrás de um armário e, sorradeira, foi até o cofre. Era uma mulher jovem, com menos de 30 anos, com um vestido curto e preto, tênis de cano alto na mesma cor, piercing na

orelha e no nariz e duas tatuagens de destaque, uma no pescoço e outra no braço direito, entre outras menores espalhadas pelo corpo. Lara se lembrava de tê-la visto uma vez na biblioteca, conversando com Conceição. Era a secretária Paola.

Do esconderijo privilegiado, Paola observara a combinação usada por Vera. Com uma expressão malvada no rosto, a jovem repetiu os números e imediatamente a porta do cofre se abriu. Ela espiou a quantidade de papel e dinheiro guardados no local. Escolheu uma folha, leu com calma antes de dobrar e a escondeu rapidamente dentro do sutiã.

Era a escritura do Colégio Santa Maria, adquirido há três anos por Osvaldo Velásquez Aguiar. Lara piscou, assombrada. O pai adotivo de Gustavo era o verdadeiro dono da escola?! Mas... a dona não era a falecida Eunice? De repente, a situação ganhou uma nova perspectiva. Por que Osvaldo entregaria a escola para a ex-noiva do filho, aliás a mulher que ele defendia como nora ideal? Eunice vivera uma imensa fixação por Gustavo, algo que, como Adriana descrevera, tinha beirado a paranoia. Nenhum pai em sã consciência desejaria alguém assim para o próprio filho. A não ser que...

“E se Eunice e Vera estivessem chantageando os Velásquez Aguiar?”, deduziu a fantasma. As duas vinham de família pobre, Eunice fora uma aluna bolsista... Casar com o herdeiro Gustavo a incluiria no testamento de Osvaldo. Mas o casamento não saíra e, como compensação, ela exigira o colégio. Por que o colégio, especificamente aquele colégio, e não um imóvel qualquer, ainda mais valioso? Talvez porque o Santa Maria sempre seria o melhor lembrete do que ocorrera em setembro de 1970... “Aposto como a Eunice conhecia o segredo sujo de Osvaldo e Valentina... E talvez a mãe dela também saiba!” Tinha que contar aquela descoberta imediatamente ao Igor! Bom, não imediatamente. Paola já alcançara o corredor e Lara não perderia a chance de segui-la.

A secretária continuou se esgueirando pelos cantos até uma das janelas que davam para o jardim. Mais adiante, ela pôde ver que o delegado Beltrão e a diretora Vera mantinham uma conversa tensa do lado de fora da capela. Vera gesticulava muito, um tanto dramática. O delegado, mais contido em sua aparência de lobo grande, feroz e perigoso, a escutava com atenção. Lara também não gostara dele assim que o vira, há dias, na biblioteca, com outros policiais investigando a morte de Conceição.

Paola escapou pelo corredor até a porta interna que a deixaria na biblioteca. Lara hesitou em segui-la. Poderia aproveitar para ouvir a conversa entre Vera e Beltrão, com um olho na biblioteca. Paola não poderia sair da escola sem que a fantasma a visse.

Em milésimos de segundo, Lara surgiu à esquerda do delegado.

– Você não pode permitir que o assassinato de Gilmar vaze para a imprensa! – dizia Vera, perturbada. – Será o fim do meu colégio!

– Não posso fazer isso.

– Que droga, Jonas! Nós estudamos juntos desde o primário. Eu, você, a Sandrinha e a Tina... Nós éramos inseparáveis!

Vera e Beltrão também tinham estudado no Santa Maria?! “Isto está ficando cada vez mais surpreendente...”, refletiu Lara.

– Além disso, não preciso lembrar o passado, não é mesmo? – atirou a diretora, como uma cascavel prestes a dar o bote. – Você me deve essa!

– Você se esqueceu de citar o Luke – disse o delegado. – Nós cinco éramos inseparáveis.

– O Luke morreu naquela cela e você sabe muito bem disso. Meu pai só conseguiu tirar de lá a Sandrinha.

Luke... morto?! A fantasma cambaleou, com o coração apertado pela dor.

– Você não me deixa esquecer o quanto seu pai era um militar influente e quanta saliva você gastou para convencê-lo a libertar a Sandrinha – comentou Beltrão, com ironia.

– Ora, Jonas, não se faça de santo! Você ficou com a garota que sempre amou, cuidou dela, casou com ela, entrou para a polícia... Não arrumei até um emprego para a filha lindinha de vocês? Quem se deu bem foi você! A morte só tirou o Luke do caminho...

Os dedos das mãos de Beltrão se encresparam. Ele, no entanto, se controlou para não sacudir aquela mulher odiosa pelos braços.

– O Luke foi meu melhor amigo – disse ele. – A Sandrinha o escolheu e eu sempre respeitei isso.

– Oh, no fundo você é um romântico... – zombou Vera. – Se o Luke não tivesse morrido, você passaria a vida inteira amando a Sandrinha em segredo...

Jonas... claro, Lara se lembrava dele! Um moleque gordinho e grande que também vivia na casa dos Tierni. Agora, quanto à Vera... Havia uma Veroca que Luke detestava, mas aceitava no grupo por ela ser amiga da Tina. A fantasma tentou se recordar da Veroca... Ela não cursara o clássico como os

outros quatro amigos. Escolhera técnico em contabilidade, o que a afastara um pouco de todos. Quando fora mesmo a última vez que a vira?

– Quando dona Conceição foi morta, você testemunhou afirmando ter visto um ladrão em fuga, pulando o muro – retomou o delegado, numa calma aparente. – Em nome de nossa amizade, acreditei em você e direcionei as investigações para este lado.

– Mas foi o que aconteceu! Um marginal entrou na biblioteca para assaltar a pobre dona Conceição!

– Depois, sua filha também foi morta...

– Mais uma vítima da violência urbana, você sabe disso.

– Não, Veroca. A morte do seu Gilmar não é mais uma coincidência. O que está acontecendo, afinal?

Uma imagem brotou na mente de Lara, vinda do nada. A manhã de 3 de setembro de 1970... Ela passou por Gilmar no portão do colégio, acenou para as amigas que cochichavam, caminhou até a biblioteca... Na porta, esbarrou numa jovem loira, muito maquiada, alguém que não reconheceu... *Tinha esbarrado em Veroca!*

– Você não é o idealista que entrou para a carreira policial acreditando que faria do mundo um lugar mais justo? – disse a diretora, ainda zombando do velho amigo. – Pois então faça seu trabalho, meu querido!

Vera não deu nenhuma satisfação ao delegado. Simplesmente foi embora do colégio. Na capela, alguns peritos continuavam a examinar o local. Lara jogou para o fundo da mente a notícia de que Luke morrera e foi atrás de Paola na biblioteca. O que aquela garota estranha estaria fazendo?

Após uma longa e detalhada busca, a fantasma verificou que Paola *desaparecera!* Não saíra pela porta interna, nem pela principal, que dava para o jardim, e, como Lara checou, por nenhuma das janelas altas e inacessíveis da biblioteca. Cansada, ela foi visitar Igor. Estava na hora daquele dorminhoco acordar.

Gustavo estacionou o carro na rua ao lado do hospital Beneficência Portuguesa, na avenida do Canal 2. Ficou um bom tempo no interior do veículo, indeciso. Fizera o mesmo na esquina próxima ao edifício dos pais, logo que saíra de casa. Após mais de uma hora, desistira de confrontá-los. A teoria de Igor, apesar da semelhança física de Gustavo com Lara e de

outros indícios, talvez não tivesse um pingão de verdade. Foi quando lhe ocorreu a ideia de visitar Ruth, a vizinha dos Tierni.

Era quase meio-dia quando Gustavo, enfim, tomou sua decisão. Trancou o carro, esperou uma brecha para atravessar as duas pistas da avenida movimentada do Canal 2 e, já do outro lado, tocou a campainha da casa de Ruth. Ela não demorou a abrir a porta.

– Luke?! – disse ela, emocionada, ao avistá-lo parado junto ao portão. – Oh, Deus, você está vivo!

Gustavo engoliu em seco, sem saber como agir. Feliz, a velhinha veio rapidamente até ele. Tinha lágrimas nos olhos e um sorriso suave que transmitia esperança.

– Desculpe, mas meu nome é Gustavo – disse o médico, odiando decepcioná-la.

Ruth parou de sorrir por alguns segundos. O sorriso, no entanto, ganhou mais força com as palavras seguintes.

– Sim, hoje ele seria mais velho do que você... Meu Deus, você se parece tanto com ele! E tem os olhos da Lara... Você é pai do garotinho simpático que estive aqui no outro dia, não é? Por favor, entre e almoce comigo!

Após dispensar educadamente a refeição, Gustavo aceitou receber uma caixa com documentos e fotos antigas que haviam pertencido a Clotilde Tierni.

– Guardei isso aqui por tantos anos... – justificou Ruth. – Não me conformo de ter esquecido de entregá-la ao seu filho, Igor.

Com cuidado, o médico revirou o interior da caixa. Havia inúmeras imagens do passado, amareladas pelo tempo, a maioria de pessoas desconhecidas para ele. Reconheceu Lara numa foto em que ela aparecia ainda bebê. E em outras que marcavam seu crescimento até a adolescência.

– Este é o Luke – disse a vizinha, mostrando a foto de uma criança.

Gustavo admitiu que o garotinho se parecia muito com ele naquela mesma idade. E continuou ainda mais parecido nas fotos que o registravam como adolescente.

– Veja esta aqui – indicou Ruth.

A nova imagem trazia Luke rodeado por mais quatro amigos: três garotas e um rapaz. Eles riam muito na hora da foto.

– Esta menina de rostinho redondo é a Sandrinha, namorada do Luke. Ao lado dela, está o Jonas, que sempre levava pedaços dos meus bolos para a

escola, e a Veroca... Hum, esta última aqui é a Tina.

Era a futura senhora Valentina Velásquez Aguiar. Ao reconhecer a própria mãe, Gustavo sentiu aumentar o peso que esmagava seu espírito. Havia uma prova que poderia confirmar a teoria inacreditável de Igor.

– Você está bem, Gustavo? Ficou tão pálido de repente...

– Agradeço a caixa, dona Ruth. É que realmente eu preciso ir... Gustavo guardou a caixa no bagageiro do carro. Ruth, que o acompanhara até o portão, já retornara para o interior da casa. E agora? O próximo passo seria pedir um exame de DNA aos pais. Localizar Sandrinha e Luke seria o seguinte e...

– Apenas entre no carro, dr. Gustavo – disse uma voz atrás dele, no mesmo instante em que o cano de uma arma tocava sutilmente suas costas.

– Nós vamos dar uma volta.

CAPÍTULO 6

O Assassino

– Quem estava falando com quem? – resmungou Igor, sonolento demais para entender qualquer coisa.

Lara, impaciente, teve que usar um de seus poderes para literalmente arrancá-lo da cama. O garoto rolou sobre si mesmo antes de se estatelar no chão. Levantou-se, dolorido, a carranca furiosa segurando um imenso palavrão.

- Antes de me xingar, escuta o que descobri hoje de manhã na escola!
- Tá, fala logo, coisa!

Lara fizera descobertas incríveis! Jonas Beltrão, Vera, Sandrinha, Valentina e Luke como amigos inseparáveis... Tudo estava amarrado. E as peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar, apesar de continuarem gerando novos desdobramentos. De qualquer forma, Igor sentia que estava muito perto de descobrir toda a verdade.

Com pressa, ele ocupou o banheiro, escovou os dentes, tomou uma ducha rápida para despertar de vez e vestiu as roupas de sempre, jeans e camiseta preta. Estava pronto para mais um dia de ação.

– Aonde você pensa que vai? – perguntou Adriana ao pegar o filho em flagrante diante da porta de serviço do apartamento.

Eram quase 15h e ele nem almoçara ainda. Lara fora na frente. Pretendia descobrir, nos registros da escola, o endereço da muito suspeita Paola.

– O Gustavo saiu? – despistou Igor, vendo que a mãe estava acordada há bastante tempo.

- A Julieta falou que ele saiu bem cedo.
- E onde ele foi?
- Ele não disse.

Esquisito... O apartamento estava cheirando a fumaça de cigarro. Farejando o ar, Igor atravessou a cozinha e entrou na sala. Em sua tentativa

de fuga, se preocupara mais em passar despercebido por Julieta, que usava o aspirador no quarto de casal, do que em reparar que a mãe tinha visita.

A fonte de poluição ambiental estava debruçada sobre a janela da sala, com o cigarro aceso e a postura dissimulada que ocultava segundas e terceiras intenções.

– Olá, Igor – cumprimentou Sobral, com um meio sorriso irônico. – Vim devolver o celular do seu padrasto que acabou ficando comigo ontem, por engano.

– Filho, seja educado, por favor – pediu Adriana, sem graça, ao se dar conta de que o filho não disfarçava sua antipatia pelo visitante.

Sobral levou o cigarro à boca. A fumaça veio a seguir, em espirais que envolveram o rosto envelhecido do jornalista. A barba negra que ele ostentava tinha dezenas de fios brancos, assim como seus cabelos curtos e escuros, com duas entradas que prometiam uma calvície indiscreta.

– Se precisar de alguma coisa, dona Adriana, por favor, entre em contato – despediu-se, entregando um cartão pessoal à mãe de Igor.

Antes de sair, lançou um olhar zombeteiro para o garoto. Este teve a certeza de que o encontraria novamente, muito em breve.

Óbvio que Adriana proibiu o filho de sair de casa. Com tanta coisa maluca acontecendo, podia ser perigoso andar sozinho por aí. Emburrado, o garoto mal almoçou, se trancou no quarto e só saiu de lá por volta da meia-noite. A mãe, aflita, andava de um lado para outro da sala. Gustavo ainda não chegara. E nada da Lara!

Com um barulho estridente, o telefone fixo tocou.

– Só pode ser o Gustavo! – animou-se Adriana antes de atender a ligação.

Não era. Igor começou a se preocupar realmente quando a mãe, com um ar assustado, deslizou para o sofá mais próximo, apertando com desespero o fone contra o rosto.

– Onde está o meu marido? – murmurou ela, tão branca quanto uma folha de papel. – E-eu não tenho esse valor...

Adriana afastou o fone lentamente. A outra pessoa já desligara.

– Mãe? O que foi que...?

– Sequestraram o Gustavo...

– Hã?

– Me proibiram de avisar a polícia e... exigiram R\$5 milhões como pagamento do resgate.

Lara não achou nenhum dado sobre Paola nos registros da secretaria da escola. Passou horas vasculhando minuciosamente arquivos velhos, até que, atrás de uma gaveta cheia de papel recortado para rascunho, descobriu uma caixa surrada. Dentro, havia meia dúzia de envelopes vermelhos... Era Paola quem enviava as cartas para Valentina?

A fantasma apertou os lábios, pensativa. Ainda não investigara a casa de Gilmar. Talvez houvesse alguns segredos entre os pertences de um homem que dera tantas pistas a Igor. Lara, porém, chegou tarde. A polícia já retirara do local tudo que pudesse ser investigado.

– Ai, o que faço agora? – disse a fantasma, pensando em voz alta.

Ela flutuou acima do telhado para observar a escola do alto. Algo escapava à sua compreensão... O colégio estava completamente vazio àquela hora da madrugada. O portão principal fora lacrado pela polícia. Ninguém entrava nem saía.

Uma sensação esquisita atraiu Lara para a biblioteca. Ela atravessou o telhado e aterrissou próximo ao balcão de atendimento. Um pressentimento ruim a oprimia. O ambiente... algo mudara. A tranquilidade que Lara experimentara durante anos na biblioteca não existia mais. Havia dor, sofrimento... E um ódio tão oculto quanto uma segunda pele. A fantasma sentiu medo como nunca sentira antes.

Depois que trombara em Veroca na entrada do local, naquele triste 3 de setembro de 1970, Lara havia escapado de Conceição para ir ao encontro de Luke. Sim, a bibliotecária sabia que ele caía numa emboscada... E tentara, inutilmente, salvar a menina. Lara avançou pelo décimo corredor da esquerda para a direita... Não, era o outro corredor, o décimo da direita para a esquerda... Naquele dia, há 37 anos, ela também pegara o corredor errado.

O medo foi crescendo para se transformar em terror. Lara lembrava... No décimo corredor, três homens surravam Luke. Ela tentara defendê-lo... Houvera o tiro. E o rosto do assassino, sua maldade, destacando-se na escuridão que a roubaria da vida.

A fantasma parou, hesitante, no décimo corredor. Havia um vulto, uma criatura sem coração, cruel, capaz das piores atrocidades... E com as mãos sujas de sangue inocente. Horrorizada, Lara não conseguiu mais se mover. O pânico a imobilizava.

– Lara, cadê você? – chamava Igor toda vez que se via sozinho em algum cômodo do apartamento.

Já haviam se passado dois dias desde o único contato do sequestrador. Ou sequestradores, no plural, como acreditava Adriana. Igor continuava preso em casa, sentindo-se o próprio sequestrado no cativo. E pior: sem direito a resgate. O ambiente familiar não podia ser mais depressivo. O garoto afligia-se com a fantasma sumida, o padrasto desaparecido, a mãe que chorava pelos cantos e a empregada que já acendera velas pelo apartamento inteiro, pedindo ajuda a todos os santos, Orixás e guias espirituais disponíveis. E enlouquecia com a presença constante dos Velásquez Aguiar no apartamento, desesperados por um novo contato dos sequestradores.

Cinco milhões de reais era muito dinheiro, ainda mais para alguém tão apegado a ele quanto Osvaldo. O homem reclamava em tempo integral, culpava a esposa a cada meia hora pelos gastos excessivos com o filho que considerava mimado por ela e, de cinco em cinco minutos, disparava algum ataque verbal e gratuito contra o único delinquente que enxergava pelo caminho. E sem polícia, como havia sido exigido. Igor ficou imaginando se não seria melhor avisar Beltrão. No final das contas, o cara rude parecia ser um bom sujeito. E, com certeza, não se oporia a ajudar a família do filho do melhor amigo Luke.

– Lara... onde você se enfiou?

A primeira oportunidade de escapar daquele inferno surgiu no sábado de manhã, dia 29 de setembro. Ligeiro, Igor aproveitou uma distração da mãe e, em minutos, estava na calçada do condomínio, com o laptop na mochila inseparável que carregava nas costas. Na esquina, alguém parecia aguardá-lo, em pé ao lado de uma Pajero Sport na cor preta.

– Ei, Sobral, você não tem nada melhor pra fazer da vida do que ficar de tocaia? – irritou-se o garoto ao passar por ele.

Não pretendia sequer diminuir o ritmo da caminhada veloz que o deixaria no ponto de ônibus mais próximo. Lara só podia estar na escola.

– Sabe aquele computador que a dona Conceição usava na biblioteca? – provocou o jornalista, após jogar no meio-fio o que sobrara de um cigarro. – Foi pra mim que o seu Gilmar entregou.

Nada melhor para obrigar Igor a parar diante do fumante compulsivo.

– Entra – convidou Sobral ao abrir a porta do carro para o garoto. – Nós vamos dar uma volta.

O bom-senso nunca seria o melhor conselheiro para Igor. Movido pela curiosidade, aceitou o convite e se acomodou, agitado, no banco ao lado do

motorista. Sobral também entrou no carro. Antes de dar a partida, acendeu um novo cigarro. Igor deduziu que, no fundo, o jornalista estava tão ansioso quanto ele.

Só quando a Pajero pegou uma rua paralela é que Sobral abriu a boca.

– Que tal um jogo? – propôs ele. – Você responde minhas perguntas e eu respondo as suas.

– Fechado. E eu começo!

– Fala.

– Quem tinha livro para devolver no dia 3 de setembro?

– Irmã Mariana.

– Só ela? – perguntou Igor, decepcionado.

– Uma pergunta, uma resposta. Agora é minha vez. Como você entra e sai do colégio sem ser visto?

O garoto arregalou os olhos. Depois, mais tranquilo, decidiu utilizar alguns truques para vencer o jogo.

– Por uma passagem secreta.

Os olhos castanhos de Sobral brilharam.

– Onde começa a passagem secreta?

– Uma pergunta, uma resposta – lembrou Igor. – Minha vez.

– Ok, pergunta.

– Quem matou dona Conceição?

– Não sei.

– Não sei não é resposta!

– Mas é a única que tenho no momento. Minha vez: onde começa a passagem secreta?

– Numa árvore.

– Que árvore? Certo, certo... já sei. Sua vez.

– Por que seu Gilmar deu para você o computador da biblioteca?

– Porque você estava interessado nele.

Igor franziu a testa. Sobral dominava os truques daquele jogo tão bem quanto ele.

– O que você sabe sobre Luiz Tierni?

– Tudo o que a Lara me contou.

– Lara Tierni foi assassinada com um tiro no peito no dia 3 de setembro de 1970, 22 anos antes de você nascer – disse o jornalista, com desdém.

– Fantasmas existem.

– Seu Gilmar era espírita e defendia o mesmo ponto de vista. Mas só existe o vazio após a morte.

– Diz isso pra Lara.

O carro entrava na avenida da praia naquele instante. Sobral, ao volante, esperou pela próxima pergunta do convidado.

– E você? O que sabe sobre Luiz Tierni?

– Ele morreu torturado pelos militares em setembro de 1970.

– Não, Sobral, ele está vivo. E deixou flores sobre o túmulo da Lara e da avó.

O homem mais velho jogou o restante do cigarro pela janela do carro e, no primeiro semáforo vermelho, tirou outro do maço.

– Quantos você fuma por dia? – assustou-se Igor.

– Nunca contei.

– Puxa...

– Agora tenho direito a duas perguntas.

– Duas? Não mesmo!

– Você me perguntou o que eu sabia sobre Luiz Tierni e quantos cigarros fumo por dia.

– Cacete, essa última pergunta não valeu!

– Troco as duas perguntas por outra coisa.

– Pelo quê?

– Você me leva até a passagem secreta.

– Nada feito!

– Ora, garoto, você estava saindo mesmo para xeretar na escola, certo? Aproveite a carona! Contrariado, Igor acabou levando o jornalista desagradável até a calçada do Santa Maria, perto de sua árvore preferida, a mesma que o conduzia pelo buraco do muro até o playground. Ele explicou o trajeto para Sobral, que, decepcionado, não se interessou pelos detalhes. Não era aquela passagem secreta que ele procurava.

– Seu Gilmar não sabia onde era? – perguntou o garoto.

– Ele nunca descobriu. Mas achava que você sabia e que a utilizava para fugir da aula e perambular à noite pelo colégio.

– E por que você acha que existe mesmo uma passagem secreta?

– Você conhece o passado desta cidade?

– Não...

– Santos já era uma cidade abolicionista anos antes da libertação dos escravos em 1888. Aqui existiram quilombos famosos. E muitos escravos

fugitivos vinham para cá.

– E...?

– O terreno do Santa Maria pertencia a um abolicionista, que escondia os escravos na época anterior à Lei Áurea. Foram os descendentes desse sujeito que doaram o terreno para as freiras construírem o colégio.

– Ainda não entendi o que...

– Há algumas histórias antigas que falam de túneis subterrâneos na cidade. Só que a existência deles nunca foi comprovada oficialmente.

– Se você esconde um escravo na sua casa...

– Precisa contar com uma rota de fuga.

– Você acha, Sobral, que há um túnel que passa debaixo do colégio...?

– E que termina em algum lugar que nunca descobri onde é.

– Através desse túnel subterrâneo, uma pessoa poderia entrar e sair do Santa Maria sem ninguém perceber...

– Teoricamente sim.

– Isto explicaria por que a Paola sumiu na biblioteca!

– A filha do delegado Beltrão sumiu?

– A Paola é filha do delegado?! – surpreendeu-se Igor. – A mãe dela, então, é a Sandra Peixoto!

Irrequieto, o jornalista se livrou de mais um cigarro que chegava ao fim e tratou de acender outro.

– A Sandra Peixoto está internada numa clínica psiquiátrica – contou ele.

– Por quê? Consequência das torturas que ela sofreu na prisão?

Sobral deu de ombros, pouco se importando com o assunto. Argh, como ele podia ser tão... tão indiferente com tanta desgraça? Igor lera sobre os métodos de tortura empregados durante o regime militar. Havia coisas medonhas, como pendurar a vítima em um pau de arara (uma barra de ferro atravessada entre os punhos amarrados e a dobra dos joelhos), onde se levava pancadas e choques elétricos em pontos sensíveis do corpo, além de simulação de afogamento, que consistia em colocar nas narinas e na boca da pessoa um pequeno tubo de borracha ligado a uma torneira de água corrente. Isto sem contar a humilhação, a pressão psicológica e as ameaças a parentes e amigos do preso.

Igor não perdeu mais tempo. Pendurou-se na árvore, buscando o galho que sempre o levaria para o interior da escola.

– Vou procurar a Lara. Você vem?

Sobral fez uma careta ao estilo “dane-se” e se afastou com o cigarro entre dois dedos da mão direita.

– Você é maluco mesmo, garoto – retrucou, baixinho, antes de atender o celular que tocava.

E agora era Igor que tinha sumido! Adriana, os nervos em frangalhos, foi atender a porta. Era o sogro, Osvaldo, que chegava para mais um dia tenso na casa do filho. Vinha sozinho, com uma mala de mão que jogou sobre o carpete antes de mirar o aparelho de telefone fixo, sobre um móvel ao lado de um dos sofás da sala.

– O sequestrador me ligou no celular – disse o homem, com uma expressão sinistra. – E me disse para trazer o dinheiro para cá.

– Ele falou do Gustavo? – perguntou Adriana. – Se está bem e...

– Não. Ele avisou que dará novas instruções. E que é você que levará o dinheiro.

Os olhos de Adriana ganharam mais lágrimas, que ela sufocou com coragem. Faria o que fosse possível para libertar o marido.

Neste minuto, o telefone tocou. Era o sequestrador. Lara pretendia investigar a secretaria. Para Igor, parecia um excelente lugar para procurar pela amiga. Ágil, ele pulou uma janela do térreo, esquecida aberta, e acabou dentro da sala de aula do maternal. De lá, pegou o corredor direto para a secretaria, ao lado da diretoria. A fantasma não estava naquele trecho do colégio.

“O cofre!”, lembrou-se Igor. Lara vira a diretora Vera guardar um envelope vermelho no cofre, mas se esquecera por completo de pegá-lo. O garoto abandonou a secretaria e entrou novamente no corredor para ir à diretoria. O cofre estava encravado na parede, como a fantasma dissera. E, detalhista ao extremo, ela fizera questão de repetir para o amigo a sequência da combinação utilizada por Vera. “Fácil...”, pensou Igor sorrindo, sentindo-se o herói de um filme de espionagem. Ele se esticou para a porta do cofre, usou a combinação certa e, cleck, mais um segredo foi revelado.

Havia dois envelopes vermelhos no cofre e não apenas um: o que a diretora guardara, datado de 24 de setembro pelos Correios, e o outro, de 11 de setembro, enviado para Eunice. Igor valorizou a data, que considerou um detalhe importante. Se a carta fora postada no dia 11, na Agência Gonzaga, provavelmente chegara ao destinatário no dia seguinte, 12, no endereço do colégio também no Gonzaga. Justo a quarta-feira em que Eunice, nervosa,

ligara várias e várias vezes, sem sucesso, para Gustavo. O dia em que ela fora assassinada.

Dentro dos dois envelopes havia a mesma mensagem enviada a Valentina: 3 de setembro de 1970. Igor ficou alguns minutos analisando a questão. Valentina, Vera e Eunice receberam envelopes iguais, com a mesma ameaça nas entrelinhas. Pela teoria de Lara, mãe e filha conheciam o segredo sujo dos Velásquez Aguiar e, através de chantagem, tinham conseguido o Santa Maria como um tipo de compensação porque o casamento com Gustavo não aconteceu. Só que elas agora também recebiam ameaças, como Valentina. Isto colocava uma quarta pessoa na trama. Alguém que sabia o que Valentina tinha feito e que considerava Vera e Eunice cúmplices por tirarem vantagem da situação. Uma quarta pessoa que também queria fazer chantagem? Não, foram apenas ameaças. Talvez o assassino fosse movido por vingança...

– Igor, o que você está fazendo aqui? – brigou Paola, num sussurro. Ela acabava de descobrir o intruso na diretoria.

Era sábado de manhã, a escola fora interditada... O que a secretária fazia por lá? Intimidado, Igor baixou o olhar para o revólver que Paola carregava junto ao corpo.

Valentina saiu de casa antes do marido. Mentira para ele, alegando que iria à missa rezar para que Gustavo fosse resgatado são e salvo. Na prática, era uma meia mentira. Valentina tomou um táxi até a capela de uma escola católica, na Avenida Ana Costa, distante apenas algumas quadras do Colégio Santa Maria. Encontraria alguém com quem não conversava havia décadas demais.

Após entrar na capela, Valentina fez um sinal da cruz e caminhou até a pessoa que a aguardava sentada no primeiro banco junto ao altar.

Foi Osvaldo quem atendeu o telefone. Ele ouviu as novas instruções do sequestrador, mas não as compartilhou com Adriana. Esta cruzou os braços trêmulos de nervoso. Teria que levar a mala jogada no chão e...

Com uma pontada no coração, descobriu que o zíper da mala estava parcialmente aberto. Do seu interior, escapavam alguns papéis... Adriana avançou para a mala, abrindo-a sem qualquer constrangimento. No lugar do dinheiro esperado pelo sequestrador havia jornal!

Osvaldo, que terminava de depositar o fone no gancho, voou para arrancar a mala das mãos da nora.

– O senhor vai enganar o sequestrador! – protestou Adriana. – E ele vai matar o Gustavo para se vingar!

– Me recuso a gastar mais um único centavo com um filho irresponsável que só me dá dor de cabeça! – rugiu o homem. – O Gustavo já me custou muito caro!

Adriana recuou. De modo inusitado, a teoria maluca de Igor começava a fazer sentido... Osvaldo nunca amara o filho porque simplesmente ele não era seu filho. Gustavo não passava de uma aquisição para dar continuidade aos negócios da família.

– Quanto o Gustavo já custou ao senhor? – questionou a nora, revoltada. – Quanto o senhor pagou por ele para dá-lo de presente à dona Valentina?

Eram as palavras que o temperamento brutal de Osvaldo esperava para ser libertado, o mesmo temperamento que aplicava surras terríveis em Gustavo na infância, entre as paredes da residência luxuosa dos Velásquez Aguiar. Adriana cobriu o ventre que protegia seu terceiro filho e recuou de novo, mas não a tempo de evitar a primeira bofetada do sogro. Frágil, a mulher caiu sobre o piso de madeira, enquanto Osvaldo a cobria de socos.

Igor suou frio. Paola olhava para os dois envelopes vermelhos que ele ainda segurava. Era como se...

– Foi você que enviou as ameaças! – apostou Igor, seguindo um palpite.

A garota apertou com força o cabo do revólver. “É agora ou nunca”, pensou o garoto. Antes que Paola pudesse prever, ele disparou para fora da diretoria. Não demorou muito para ela correr em seu encalço.

Igor quase derrapou no corredor, a mochila sacudindo em suas costas, quando olhou para trás. Paola era tão rápida numa perseguição quanto Gustavo. Como a porta da frente do prédio estava trancada, a solução foi fugir para os fundos, direto para a porta interna que dava para a biblioteca.

Bem que Lara podia aparecer para dar uma forcinha... Igor invadiu a biblioteca, a cabeça pensando rápido para achar um esconderijo. Numa das mãos, ainda segurava os dois envelopes vermelhos. Paola, logo atrás, lhe deu a certeza de que não teria tempo para se esconder. O garoto tomou um dos corredores formados por estantes de livros... Como por milagre, o professor Luiz surgiu para salvar a manhã. Estava parado naquele corredor, tranquilo, numa postura de quem apenas esperava a vida passar.

Desesperado, Igor correu até ele. Paola iria matá-lo também!

– Fuja! – gritou o garoto, pronto para arrastar o professor pela camisa.

Luiz, porém, o segurou pelo pulso com firmeza.

– Calma, filho – assegurou ele. – Vai ficar tudo bem.

Igor interrompeu a fuga, assim como Paola interrompeu a perseguição ao avistar o professor. Com a respiração entrecortada, ela apontou o revólver para ele. Havia um ódio profundo refletido nos olhos femininos.

“Vamos morrer”, deduziu Igor, considerando aquele seu último pensamento antes da morte próxima. Foi quando sentiu o cano de um segundo revólver encostar em sua testa.

– Largue a arma, secretária, ou mato o aluno – ameaçou Luiz, o dono do segundo revólver, ainda mantendo Igor preso pelo pulso.

CAPÍTULO 7

Terça-feira, 11 de setembro de 2007

Envelope Vermelho

O homem mais interessante do mundo estava ali, ao alcance de todos os atributos físicos muito perfeitos de Eunice. Henrique Sobral contornara o carro e já se sentara no banco do motorista. Eunice estremeceu de prazer quando ele a fitou diretamente nos olhos.

– Aonde você gostaria de ir? – perguntou o jornalista, com um sorriso irresistível.

Sempre acontece alguma coisa para estragar um momento especial. Para Eunice, foi o celular que ela se obrigou a tirar da bolsa para atender.

Compreensivo, Sobral reforçou o sorriso antes de acender um cigarro.

– *Eunice, precisamos conversar!* – avisou Valentina, desesperada, do outro lado da ligação.

– É que estou ocupada no momento e...

– *Alguém mais sabe... Estou recebendo cartas assinadas pelo Luke.*

– Impossível! Ele não morreu?

– *Sim, morreu há 37 anos! É alguém se passando por ele para me assustar. As cartas trazem sempre a mesma mensagem: 3 de setembro de 1970.*

Aquilo, infelizmente, era um excelente motivo para adiar uma noite deliciosa. Eunice tinha esperado muito para recuperar o status e o dinheiro roubado por um pai que a abandonara e à mãe havia muitos anos. Dinheiro, aliás, que Vera recebera em 1970 por conseguir realizar o maior sonho de Valentina.

Graças ao pai tão golpista quanto a mãe, Eunice passara a infância e a adolescência na miséria. Estudara no Santa Maria graças a Valentina, que sempre aparecia para tirar a amiga Vera do sufoco financeiro. Ao se apaixonar pelo garoto mais bonito do colégio, Eunice desenvolvera o plano perfeito. Tornar-se uma Velásquez Aguiar. Por que se contentar com as esmolas de Valentina se podia ter tudo?

Mas o plano dera errado e Eunice tivera que convencer a mãe a dar a cartada final. Osvaldo fora, então, obrigado a comprar o Santa Maria, posto à venda pelas freiras que o administravam na época. E Eunice, uma pedagoga desempregada, realizou a ambição de ter um colégio que a astúcia de Vera recolocou nos trilhos do lucro. A próxima etapa, com o dinheiro de Osvaldo, seria adquirir uma universidade da região e, na sequência, comprar mais duas universidades em outros estados, formando um holding poderoso e influente. Não seria um punhado de envelopes vermelhos que mudaria os planos de mãe e filha!

– Tenha calma – pediu a Valentina. – Já estou indo aí. Ela desligou o celular e o guardou de volta na bolsa.

– Algum problema? – perguntou Sobral.

– Surgiu uma emergência – explicou Eunice. – Tudo bem se adiarmos nosso encontro? Nem precisa dizer que Eunice odiava lidar com Osvaldo Velásquez Aguiar. Tinha pena de Valentina, por quem o marido nutria uma paixão sem limites, e de Gustavo, o alvo preferido do temperamento violento do pai adotivo.

Após se despedir de Sobral, suspirando, Eunice pegou o próprio carro no estacionamento da academia e foi para o triplex dos Velásquez Aguiar. Osvaldo a recebeu no lugar de Valentina, que fora se deitar mais cedo, aconselhada pelo marido. Ela acabara de receber naquele dia seu terceiro envelope vermelho. Isto abalara seu controle emocional.

– Sei que é você quem está enviando essas cartas – rosnou Osvaldo. – Será que já não chega todo o dinheiro que apliquei naquele colégio?

Eunice colocou as mãos na cintura. Não tinha medo de enfrentar aquele velho estúpido, que só ocultava seu gênio ruim na presença da adorada Valentina. Além disso, desta vez, era inocente.

– Não enviei nada, sr. Osvaldo – defendeu-se.

– Você não me engana, sua golpista.

– O senhor está me ofendendo!

– É você e a lacraia da sua mãe que ofendem a minha família, abusando da nossa boa vontade!

– Boa vontade? – riu Eunice. – Ou medo de que a verdade seja descoberta?

Osvaldo avançou, ameaçador. A mulher leu a tensão que o corroía há algum tempo, prestes a arrebentar. Coitada da pessoa que estivesse por

perto quando isto acontecesse... E esta pessoa, naturalmente, não seria a esperta Eunice.

– Veja bem, sr. Osvaldo – começou, calmamente, com sua pose de educadora. – Ninguém tem interesse que a verdade seja descoberta, não é mesmo? Minha mãe e eu mesma também seríamos prejudicadas se isto ocorresse.

O velho não pareceu muito convencido. Ele apontou o dedo para a porta por onde Eunice entrara no triplex.

– Fora da minha casa! – expulsou, espumando em fúria.

Eunice nunca fora tão humilhada! De queixo erguido, deu as costas para o homem insuportável e se preparou para sair. A humilhação, no entanto, viria acompanhada por uma ameaça.

– Você e sua mãe terão o que merecem...

Quarta-feira, 12 de setembro de 2007

Eunice não conseguiu dormir. Aquela ameaça... Sua cabeça começou a conectá-la com a morte recente da bibliotecária. E se Conceição não tivesse sido morta por um ladrão? Impossível. Por outro lado...

A manhã seguinte, passada no colégio, foi insuportável. Eunice, em pânico, descobriu que também recebera um envelope vermelho. Gustavo tinha de descobrir a verdade. Era um direito dele! Ter um pai monstruoso como aquele... Se Gustavo soubesse o que estava realmente acontecendo, talvez esquecesse a esposa insossa para valorizar a mulher que abandonaria tudo – o colégio obtido pela chantagem, o dinheiro, o status – apenas para protegê-lo. Eunice ainda sentia nos lábios o gosto do beijo roubado na segunda-feira, quando arrumara uma desculpa qualquer somente para ter um momento a sós com Gustavo. Reencontrá-lo após três anos, numa reunião com Adriana e o delegado Beltrão para falar sobre o esquisito Igor, despertara a paixão doentia que Eunice achava ter superado.

A droga é que Gustavo não atendia o celular. A ex-noiva, no meio da manhã, desistiu de telefonar e foi procurá-lo no hospital. Gustavo estava auxiliando uma cirurgia, sem hora para terminar. Para piorar, o pronto-socorro estava uma loucura, com gente de sobra à espera de atendimento.

Nervosa, Eunice foi para casa. Já ligara para a mãe – que esticava o feriado de 7 de setembro em um spa no interior de São Paulo – para contar o que estava acontecendo. Foi Vera quem a fez mudar de ideia sobre avisar

Gustavo. “Oswaldo só vai ficar nessas ameaças tolas”, opinou a mãe. “Não se preocupe mais com isso.”

Uma ducha mais tarde e Eunice já estava pronta para ir à academia, o melhor remédio para combater o estresse das últimas horas. Como sempre, entrou no carro e saiu da garagem de seu prédio. Brecou ao notar que Luiz, o professor incompetente que Oswaldo a obrigara a contratar no começo do ano, a esperava em pé na calçada, apoiado na bengala. Choviam reclamações dos pais e alunos contra ele na diretoria. Luiz não sabia dar aula, não dominava a matéria e Eunice duvidava até mesmo que ele tivesse cursado filosofia.

Ela abaixou o vidro do carro para falar com o professor. Apesar de tudo, gostava do temperamento calmo e simpático do homem, sempre disposto a ajudar os outros. Luiz exibiu um sorriso bonito antes de se aproximar da janela do carro. Eunice apreciava, particularmente, os olhos azuis que se destacavam no rosto masculino. Pareciam esconder um grande mistério.

– Você é linda... – elogiou Luiz, para surpresa de sua diretora. Mas a surpresa virou pânico quando o cano de um revólver apareceu em seu campo de visão. – Pena que eu tenha que matá-la...

CAPÍTULO 8

Sábado, 29 de setembro de 2007

A Verdade

Valentina caminhou sem pressa até a pessoa que a esperava na capela do colégio, a poucas quadras do Santa Maria. Não retribuiu a doçura do sorriso que a recebeu. Irmã Mariana sempre seria um anjo que escolhera viver entre os mortais. Estes, sim, mereciam sofrer. Como a própria Valentina, que agora pagava cada um dos seus pecados com lágrimas de sangue.

– Espero que você não se importe, Tina... – disse a religiosa – ... mas acabei de chamar mais uma pessoa para nossa conversa.

Automaticamente, Valentina girou a cabeça em direção à porta da rua. Um vulto, delineado pela claridade do dia, avançou para o interior da capela. A luz impedia Valentina de ver os traços do homem – sim, era um homem, dono de um porte alto e elegante. A intuição, porém, reconheceu aquele modo de andar. A pequena Tina que ainda existia dentro dela vibrou de alegria, mas a sra. Velásquez Aguiar endureceu o coração.

Quando seus olhos puderam, enfim, enxergar em detalhes o recém-chegado, notaram o quanto ele mudara. Um rosto rígido e vazio agora ocupava o lugar do semblante sempre brincalhão e alegre do garoto idealista que Valentina conhecia desde o primário. Um menino que lia os grandes pensadores desde cedo, devorava livros numa velocidade impressionante e conversava sobre política com a avó e a irmã na mesa do jantar. Os cabelos estavam escuros, apesar de grisalhos, num tom que não correspondia aos fios claros e naturais, quase loiros. Ele não engordara com a idade. Ainda era o mesmo homem bonito e charmoso que teria todas as mulheres caso desejasse. Mas ele escolhera apenas uma para amar: Sandrinha.

– Pensei que você estivesse morto – comentou Valentina, indiferente.

– Você não se enganou – disse ele, após tirar o cigarro da boca para liberar fumaça. – Luiz Henrique Tierni morreu em 3 de setembro de 1970, quando foi traído por dois de seus melhores amigos. Hoje sou o jornalista Henrique Sobral.

Valentina engoliu saliva, amarga. Ninguém nunca o chamara pelo nome completo e sim pelo apelido, uma mistura de Luiz com Henrique, inventada pela irmãzinha caçula, Lara.

– Luke, não fume dentro da capela – repreendeu Irmã Mariana.

Zombeteiro, ele se afastou para jogar o cigarro na rua. Tinha entrado de propósito na capela com o cigarro na boca pelo simples prazer de quebrar regras. Talvez Luke não tivesse mudado tanto assim.

– Me explica uma coisa, Tina – disse ele ao retornar para perto das duas mulheres. – Quando foi que você e a Veroca resolveram roubar meu filho: antes ou depois que eu morri?

Adriana tentou proteger o bebê em sua barriga como pôde. Osvaldo, num surto violento, batia nela com vontade. A vítima não conseguia gritar nem reagir. Os socos vinham rápidos e certos, a válvula de escape para uma panela de pressão que finalmente explodia.

– *Larga ela, seu velho safado!!!* – vociferou a corajosa Julieta, surgindo por cima do agressor.

Osvaldo levou na testa o rolo de macarrão, aplicado com toda energia pela empregada que viera correndo da cozinha. Ele cambaleou para o lado, dando uma trégua forçada ao ataque contra Adriana. O rolo de macarrão, porém, não o deixou em paz. Continuava em ação para golpear o agressor sem piedade.

– Sai, seu peste!!! *Fora, fora!!!* – mandou Julieta, em vantagem sobre o homem mais forte do que ela.

Tonto e com a testa ensanguentada, Osvaldo pegou a mala cheia de jornal e saiu pela porta da frente do apartamento.

– Ai, dona Adriana, a senhora se machucou feio... – alarmou-se Julieta ao socorrer a patroa.

– Chame a polícia... o delegado Beltrão... – murmurou Adriana, sem querer dimensionar os estragos da surra. Sofrera hematomas e cortes dolorosos.

– O bebê... A senhora está sangrando!

Paola cedeu, abaixando o revólver que apontava para Luiz. Este, ainda insatisfeito, girou o tambor da arma que encostava na cabeça de Igor.

– Não atire... – pediu a secretária.

– Coloque sua arma no chão e a faça deslizar para mim – disse Luiz.

Lentamente, para não provocar nenhuma reação no assassino, Paola se curvou para depositar o revólver sobre o piso da biblioteca. Com a ponta do tênis, ela o chutou com suavidade, apenas para impulsioná-lo para a frente. A arma chegou aos pés de Luiz, que soltou o pulso de Igor para pegá-la. A outra mão ainda mantinha o garoto sob controle.

“Não tente nada”, implorou Paola, em pensamento, torcendo para que Igor a entendesse. “Você ainda não sabe do que esse monstro é capaz.”

Igor avaliou o risco se tentasse escapar. Luiz não estava de bengala... Só se fingia de manco para ganhar a simpatia dos outros? O professor se inclinava para pegar o revólver de Paola a seus pés. Usaria a mão que antes prendia o garoto pelo pulso... Igor desistiu de pensar, apenas reagiu. Com toda força, empurrou o homem para desequilibrá-lo e ganhar segundos preciosos para escapar. Ouvia o grito assustado de Paola, já sentindo a bala que o atingiria pelas costas...

Luiz, porém, não atirou nele ao recuperar o equilíbrio. Mirou a arma para um novo alvo: Paola.

– Ela vai morrer no seu lugar – avisou, com calma.

Foi o suficiente para obrigar o garoto a desistir da fuga. Estancou o passo, voltando-se para o homem que, ao vê-lo novamente parado, pegou o segundo revólver no chão, que guardou no cinto, entre a camisa e a jaqueta, e caminhou até ele. Luiz atingiu Igor com uma coronhada na cabeça para derrubá-lo e, então, enchê-lo de pontapés.

Veroca e Tina haviam *roubado* o filho de Luke? Em sua ingenuidade, Irmã Mariana achava que o encontro na capela reuniria dois ex-amantes... Nunca imaginou que o menino não fosse filho de Tina!

No fundo, Luke ser o verdadeiro pai de Gustavo não era uma surpresa para a observadora Irmã Mariana. Ela acompanhou o crescimento de Gustavo dos sete até os 17 anos, o período de 1977 a 1987 em que ele estudara no Colégio Santa Maria. Neste período, percebera o quanto o menino se parecia fisicamente com Luke. A personalidade tendia mais para a timidez e a sensibilidade de Lara, de quem herdara os expressivos olhos azuis. Além disso, nada parecia ligá-lo a Osvaldo, um pai que demonstrava claramente o quanto o filho o desagradava. Para a religiosa, isto confirmaria sua hipótese: Osvaldo apenas tolerava o bastardo da esposa. Esta rejeição prejudicara o desenvolvimento de Gustavo como aluno. Ele fora uma

criança melancólica e quieta demais, com um rendimento escolar abaixo da média.

A religiosa não tinha sido a única a reparar que o filho de Valentina se parecia com Luke. Tanto Conceição quanto Gilmar, os funcionários mais antigos do colégio, haviam compartilhado a mesma suspeita nesses 10 anos de convivência com o aluno Gustavo.

– Tina, você roubou o filho do Luke? – quis confirmar Irmã Mariana, perplexa.

– Deixa ele em paz, seu covarde! – revoltou-se Paola, obrigada a permanecer no mesmo lugar. Luiz não hesitaria em atirar nela.

O professor só se afastou após machucar bastante o garoto. Este, encolhido de dor, não gritara e se recusava a chorar como a criança que ainda era.

– Ajude o heroizinho aqui a ficar em pé – autorizou Luiz para a secretária. – Tem uma surpresa para vocês dois logo ali adiante.

Beltrão massageou a testa, exausto. A preocupação com Paola, ao mesmo tempo que o consumia, também o obrigava a avançar sem tréguas nas investigações. E a garota ainda lhe devia explicações!

No dia em que ela lhe telefonara no celular, estava desesperada e muito arrependida por ter enviado cartas com ameaças às pessoas que culpava pela doença da mãe, Sandrinha. Acabara de descobrir o corpo de Gilmar na capela, minutos antes de o médico Gustavo e seu enteado Igor fazerem o mesmo. Beltrão, aflito, nunca imaginara que a filha, após sair de casa há quase um ano, estivesse planejando uma vingança ao arrumar o emprego de secretária no colégio. Uma vingança que, para o delegado, não fazia qualquer sentido. Sandrinha fora presa e torturada em 1970 pelo regime militar por se envolver, junto com Luke, com o movimento estudantil. Os dois conheciam amigos que atuavam na militância contra o governo, mas não haviam participado dela de forma direta. O que, na prática, não dizia muito aos torturadores, que enxergavam complôs conspiratórios em todo canto. Por que culpar Vera, Eunice e Tina pelo que ocorrera a Sandrinha há 37 anos?

Para ampliar ainda mais a pressão dos últimos dias, a mídia armara um circo ao redor do assassinato de Gilmar, questionando possíveis ligações com as duas mortes anteriores. O assunto ganhara destaque até no Jornal

Nacional. A sociedade cobrava respostas da polícia para desvendar o mistério do assassinato da diretora e de dois funcionários da mesma escola. Na véspera, o enterro de Gilmar recebera, inclusive, cobertura jornalística.

Em sua sala na delegacia, Beltrão tomou mais um café. Sobre a mesa de trabalho, havia várias caixas com os pertences recolhidos na casa do zelador. Faltava apenas uma para ser analisada com calma.

– Vamos lá, seu Gilmar... – murmurou o delegado. – Me ajude a decifrar esse enigma...

Foi difícil para Igor se levantar sozinho. Praticamente todo seu corpo doía. Ele se livrou da mochila quando Paola o ajudou, colocando o braço do garoto sobre seus ombros. Os dois jovens tinham a mesma altura.

– Que papéis são esses? – interessou-se Luiz ao reparar nos dois envelopes vermelhos que o garoto largara no chão durante a surra.

Não teve jeito de impedi-lo de se apoderar do material. O professor examinou os envelopes antes de abri-los e conhecer a mensagem que carregavam.

– Três de setembro de 1970... – sorriu, maldoso. – Não foram apenas os Velásquez Aguiar que andaram recebendo ameaças, não é mesmo? E então? Qual de vocês dois é responsável por isso?

“Como ele sabe dos envelopes?”, pensou Igor. Será que Osvaldo e Valentina teriam contado para ele? Então, os três se conheciam... E se eles se conheciam...

– Eu enviei os envelopes – admitiu Paola, erguendo o queixo para confrontar o professor. – Algum problema? Ou você não gostou da cor?

Luiz engoliu abruptamente o sorriso antes de deixar o cano do revólver a milímetros do rosto dela.

– Gosto de respeito, secretária – frisou ele. – Agora, andando, vamos!

Beltrão estranhou encontrar a antiga ficha escolar de Luke, um registro que deveria estar nos arquivos do colégio, e não entre os pertences de Gilmar. Junto à ficha, o zelador guardara alguns recortes de jornais e revistas, todos com textos assinados por um jornalista famoso, Henrique Sobral. E ainda havia uma reportagem traçando um perfil da carreira premiada do profissional, publicada em 3 de setembro. “Que coincidência!”, refletiu o delegado. “O mesmo dia em que dona Conceição foi assassinada.”

A reportagem trazia uma foto do tal jornalista. Um sujeito de uns 60 anos, com um sorriso cínico que Beltrão conhecia...

– Doutor? – chamou um escrivão ao entrar na sala. – Tem uma Julieta ao telefone querendo falar urgentemente com o senhor.

– Não tenho nada a lhe dizer – afirmou Valentina. – Gustavo é meu filho.

– Nada que um exame de DNA não possa comprovar, não é mesmo? – ironizou Luke, sentando-se em um dos bancos da capela numa postura relaxada. – Ah, qual é, Tina? Contar a verdade agora pouparia a gente de muito desgaste, você não acha?

– Desgaste?

– Arrã. Imagina a repercussão da reportagem completa, com todos os detalhes picantes, que vou escrever sobre o assunto...

– Você não se atreveria!

Num pulo de gato, Luke agarrou os antebraços de Valentina. Irmã Mariana, apreensiva, avançou para separá-los, mas hesitou ao ver o ódio contido na expressão fria do homem.

– Só descobri que meu filho não tinha morrido no parto há poucos dias, sabia? – contou ele. – A Sandrinha e eu... nós perdemos 37 anos de convívio com nosso próprio filho!

Valentina tremia. Já a mente procurava um responsável.

– Q-quem, Luke...? Quem lhe disse que Gustavo era seu filho...?

– Uma pessoa observadora que somou um mais um e mais um: seu Gilmar. Foi ele quem descobriu a verdadeira identidade de Henrique Sobral. E ligou para mim, em Brasília, no dia da morte de dona Conceição.

– Foi por isso que você aceitou o convite da escola para participar da Semana das Profissões... – ponderou Irmã Mariana.

– Uma excelente oportunidade para investigar o assunto, não é mesmo? A Veroca estava viajando e, portanto, não estaria aqui para me reconhecer. Bastava me aproximar das pessoas certas e reunir o maior número de provas.

– Você não tem provas contra mim! – atacou Valentina. – Se tivesse, não estaria aqui, mendigando por informação!

Luke apertou com mais força os antebraços que aprisionava.

– Não a machuque, filho, por favor – intercedeu Irmã Mariana.

Valentina não escondeu o ar de vitória. Tudo o que Luke possuía eram pedaços de uma verdade que ele não poderia comprovar.

– Tem certeza, Tina? – disse ele com uma convicção que derrubou a aparente vantagem. – E se eu lhe contasse que não fui o único a investigar

seu segredo?

O carro de Osvaldo pegou a Rodovia Anchieta, conforme a orientação que recebera. Entrou por uma estrada de terra no quilômetro indicado, numa área de matagal, sem residências próximas, a mais apropriada para a ocasião. Assim que a vegetação o escondeu do movimento da rodovia, o velho reduziu a velocidade do carro, espreitando ao redor. Não viu ninguém.

Com o coração pulando mais forte, parou o veículo. Esperou ainda alguns minutos antes de sair, carregando a mala que fechara cuidadosamente para esconder os jornais. Não daria o gostinho de entregar parte de seu valioso patrimônio a um bandido! Ainda mais *àquele* bandido. Alguém, aliás, que tivera a audácia de ligar para o celular de Osvaldo, que reconhecera pela voz. Um maldito que o traía por excesso de ambição. “Ele merece morrer”, pensou Osvaldo, tocando de leve a arma que escondia sob o paletó. Ninguém humilhava um Velásquez Aguiar.

O movimento de uma pessoa saindo do matagal o fez se virar para descobrir quem se aproximava. E não era o bandido que esperava encontrar.

– *Você???* – surpreendeu-se Osvaldo, sem entender mais nada.

Paola e Igor obedeceram à ordem. Puxa, como era difícil andar... Igor tentou não se importar com a dor que ganhava intensidade a cada passo. Ele e a secretária se dirigiam para os fundos da biblioteca, seguidos por Luiz. A maior preocupação do garoto ainda continuava a ser a amiga Lara. Onde ela se enfiara?

Ao passar em frente a um dos corredores, Igor finalmente a avistou. A fantasma estava encolhida contra uma das estantes de livros, com uma expressão de terror no rosto bonito que a paralisava por completo. Consciente de que Luiz vigiava cada gesto dos dois prisioneiros, o garoto não chamou a amiga e tampouco interrompeu a caminhada trôpega. De qualquer forma, duvidava de que Lara o escutasse. Parecia alheia a tudo, como se estivesse em estado de choque.

Dois corredores adiante, os três viraram à esquerda e seguiram até a parede lateral, repleta de prateleiras com livros que subiam até o teto. Naquele trecho da biblioteca, havia um terceiro prisioneiro: um corpo imóvel caído sobre o piso, com a cabeça coberta por um capuz. Igor teve

medo de entender o significado da cena. Era Gustavo... Ele... *ele estava morto?!*

– Surpresa! – zombou Vera, também conhecida como Veroca, a poucos passos de Osvaldo. Ela trazia um revólver apontado para ele.

– O-o que... você...?

– Vim buscar o dinheiro, sr. Osvaldo. Bom, na verdade, eu esperava encontrar sua nora e não você.

– Achei melhor vir pessoalmente.

– Você acaba de salvar a vida dela, querido. Já vim pronta para matá-la.

– Mas... por quê?

– Por que matar sua nora ou por que mandei sequestrar o Gustavo?

– Os dois.

Vera ergueu a mão livre, com suas unhas pintadas de vermelho berrante, para ajeitar alguns fios do penteado loiro que o vento suave desmanchava. No céu, o sol fora encoberto pelas sombras de um dia nublado.

– A Eunice era minha única família – disse a mulher, a voz conduzida pelo ódio. – E você tirou minha filha de mim.

– Eu não...

– Nem tente mentir! Sei que você mandou seu *funcionário* fazer o serviço.

Osvaldo se remexeu, inquieto. A arma sob o paletó pedia para ser usada.

– Você mandou matar minha filha – disse Vera. – E eu mandei matar o seu filho. Pago melhor do que você, e seu *funcionário* nem piscou quando fiz a oferta para contratá-lo!

– O Gustavo está morto?!

– E a esposa inocente ia lhe fazer companhia... Que pena!

O homem desviou o rosto. Gustavo, morto...

– Achou mesmo que eu não descobriria seu *funcionário* infiltrado na minha escola? Minha memória apenas demorou um pouco para reconhecê-lo. Afinal, eu o vi apenas uma vez, há 37 anos. E ele envelheceu bastante com a idade...

– Na *minha* escola – reforçou Osvaldo.

– Não importa, querido. Não vai restar muito dela daqui a pouco.

– O que você...?

– Além disso, este dinheiro aí na sua mala me dará liberdade! A cartada final: tenho minha vingança e ainda arranco R\$5 milhões de um velho

trouxa como você! Quem poderia desejar mais?

Quem mais poderia estar investigando o assunto, além de Luke? Valentina conseguiu se libertar das mãos que machucavam seus antebraços. Já tinha um suspeito: o garoto que inventara uma pesquisa escolar para fuçar o passado.

– Você mandou uma criança me investigar! – acusou ela. – Um golpe realmente baixo. Igor não...

– Não mandei o Igor investigar você! – defendeu-se Luke.

– Mas então quem...?

– Você acha mesmo que vou te contar isso?

Irmã Mariana finalmente se colocou entre os dois, com a autoridade proporcionada pelo respeito que ambos nutriam pela antiga professora que os acompanhara na infância e na adolescência.

– Chega de mentiras, de provocações e ameaças! – impôs ela. – Quero que os dois falem a verdade agora mesmo.

– Agora, sr. Osvaldo, chega de lenga-lenga! – mandou Vera. – Passando o dinheiro, já!

O velho nem pestanejou. Com um movimento largo, seu braço recebeu impulso para jogar a mala para a frente enquanto a mão livre tirava o revólver do esconderijo.

– A verdade? – começou Luke. – Pois bem, Irmã. A verdade é que depois de me torturarem numa prisão clandestina, me obrigarem a ouvir os gritos desesperados da Sandrinha, que apanhava na cela ao lado...

Pela primeira vez, Luke demonstrou um pouco da própria dor. Seus olhos ganharam lágrimas que ele não notava. Valentina se comoveu com aquela vulnerabilidade imprevista. Não conhecia detalhes do que ocorrera na prisão.

– Naquele dia... 3 de setembro de 1970 – continuou ele, após deter o avanço da emoção –, entrei no colégio e fui esperar a Lara na biblioteca, como tínhamos combinado. Seu Gilmar estava no portão, como sempre. E também para garantir que ninguém estivesse me seguindo e aparecesse de repente para me prender. Amigos meus, em São Paulo, desapareciam sem deixar vestígios... E, com a Sandrinha grávida, minha preocupação ainda era maior.

O homem se sentou novamente no banco da capela. Irmã Mariana o seguiu.

– Nem contei para Lara e para minha avó que a Sandrinha estava grávida – disse ele. – As duas já estavam tão preocupadas comigo...

– A Sandrinha morava com você em São Paulo nessa época? – quis confirmar a religiosa.

– Sim. Estudávamos juntos na USP. Chegamos a nos filiar ao Partido Comunista apenas como uma forma de protestar contra a ditadura. Daí, quando nossos amigos começaram a ser presos, nós dois achamos melhor sair de São Paulo. Liguei para minha avó e pedi algum dinheiro. Descemos para Santos e nos escondemos na casa da Veroca. Eu saí para pegar o dinheiro com a Lara na escola, a Veroca tinha saído antes para trabalhar, a Sandrinha ficou me esperando voltar...

– O que aconteceu na biblioteca, Luke?

– Falei com a dona Conceição e entrei normalmente. Fiquei olhando um ou outro livro numa das estantes, à espera da Lara. Só sei que, de repente, três homens surgiram de algum lugar e começaram a me surrar. Daí minha irmã apareceu e...

Luke não conseguiu completar a frase. Valentina o fitou nos olhos, de alguma maneira tentando reencontrar o amigo de um período feliz e inocente de sua vida.

– Me tiraram da biblioteca por um caminho que não passou pelo seu Gilmar no portão – disse o homem. – Eu estava inconsciente e só acordei na cela de alguma prisão clandestina, em São Paulo, acho, com o choro de Sandrinha na cela ao lado... Passamos dias assim, apanhando, levando choque, sendo humilhados. Queriam arrancar da gente coisas que nem sabíamos... Uma noite, a Sandrinha entrou em trabalho de parto. Tiraram ela de lá e depois me falaram que ela tinha morrido e o bebê também. Depois fui transferido para outra prisão. As torturas continuaram e, quando acharam que eu estava morto, me botaram sem roupas em um caminhão que rodou por horas, até me jogarem numa vala com mais um preso morto, no meio do nada. Não sei como sobrevivi nem como saí da vala e continuei lutando para viver. Lembro que alguém me achou rastejando perto de uma plantação. Me levaram para o hospital... Fiquei dias lá. Não tinha documentos, não tinha nada. Consegui entrar em contato com um conhecido do Partido Comunista, que arrumou uns documentos falsos e me tirou do país.

– Você não pensou em procurar sua avó? – perguntou Irmã Mariana.
– Mataram a Lara. E se a matassem também?
– Quando você retornou ao país? – disse Valentina.
– Em 1975, duas semanas após a missa de um conhecido meu, o jornalista Vladimir Herzog, da TV Cultura. Ele morreu após uma sessão de tortura. A morte desse inocente provocou o ponto de virada. O começo do fim para o regime militar.

Luke buscou consolo no maço de cigarros que Irmã Mariana, rápida, tirou da mão dele antes que algum fosse aceso na capela.

– Você não precisa disso – orientou ela.
– E do que preciso, Irmã? Vingança?
– Não. Perdoar a si mesmo pela morte da Lara.

O homem a olhou, o choro silencioso, sem dúvida, atrapalhando a clareza de sua visão. Com raiva, ele arrancou as lágrimas e recuperou a frieza. A palavra perdão deixara de existir em seu vocabulário.

– Eu nunca entendi realmente o que aconteceu naquele 3 de setembro de 1970 até reencontrar, há poucos dias, o seu Gilmar – disse Luke.

– E o que ele lhe contou? – perguntou Valentina, na defensiva.

– Que ninguém passou por ele, no portão, para me prender na biblioteca. Os três homens entraram por outra passagem. E foi por lá que me tiraram do colégio.

– Algum tipo de passagem secreta?

– É.

– E por que você achou que a Vera e eu...?

– Foi a Vera quem levou os homens até a biblioteca. Eles já tinham prendido a Sandrinha quando me pegaram.

– Tem certeza? – duvidou Irmã Mariana.

– A própria dona Conceição contou isso ao seu Gilmar. Vera, inclusive, a ameaçou com uma arma, dizendo que ela deveria deixar os alunos longe da biblioteca se não quisesse que alguém se ferisse. E depois saiu pelo portão do colégio, na maior cara de pau. Seu Gilmar não entendeu nada até começar a juntar as peças do quebra-cabeça.

– Até ele perceber que o Gustavo se parece com você – completou a religiosa.

– Sim. E começar a própria investigação sobre o assunto. Ele só descobriu que eu estava vivo no dia do assassinato da dona Conceição, quando viu uma foto minha numa reportagem. E então me contou tudo o

que sabia, que a Sandrinha estava internada numa clínica psiquiátrica, que meu filho estava vivo, que Vera e Eunice tinham um certo poder sobre você, Tina, e seu marido... e a suspeita de que você tinha contratado alguém para matar dona Conceição. E, a seguir, a Eunice.

Valentina cobriu a boca para sufocar um gemido de medo. Ela deslizou para um dos bancos próximos a Luke.

– Tina, agora é sua vez – disse Irmã Mariana. – Conte a verdade.

Oswaldo mirou em Vera e puxou o gatilho. Veio o estampido, a bala que cortou o ar até o alvo. A mulher também disparou. Tudo rápido demais e, estranhamente, lento demais. A bala percorreu um trajeto curto até se alojar na testa de Oswaldo, que tombou de frente até encontrar o chão de terra. Estava morto.

Vera deu dois passos e se abaixou para se apoderar da mala, rindo. O velho tinha péssima pontaria.

– É o Gustavo... – murmurou Igor, soltando-se imediatamente de Paola para se aproximar do padrasto.

Com dificuldade, o garoto se ajoelhou, xingando a dor que tentava imobilizá-lo. Depois, tirou o capuz que ocultava o rosto de Gustavo, marcado por alguns hematomas. Luiz também o surrara, com certeza para enfraquecer um homem muito mais alto e forte do que ele. O padrasto tinha um dos pulsos presos a uma algema, enquanto a argola livre agarrava um suporte de metal chumbado na parede, próximo ao rodapé. Era um dos suportes em que estava apoiada uma das inúmeras prateleiras de livros coladas na parede lateral da biblioteca.

– O Gustavo... *ele ainda está respirando!*

Era uma respiração pesada, induzida por algum sonífero. O médico estava sujo, com a barba por fazer. Lembrava um saco que seu sequestrador teria arrastado por aí antes de largá-lo na biblioteca.

– Você o trouxe pela passagem secreta, não foi? – arriscou Igor.

O professor a quem odiava mais e mais a cada minuto pareceu espantado com o fato de o garoto dominar aquele segredo.

– Sim, aluno esperto – sorriu ele. – Porque, assim que encontrarem o corpo de seu padrasto, ele levará a culpa por todos os crimes e por tudo que ainda vai acontecer. E você, secretária, o que pretendia, hein? Me matar?

– Teria conseguido se não fosse por esse garoto burro! – resmungou Paola, cuspiendo as palavras.

– Você me viu entrando na passagem secreta, carregando um corpo... – deduziu ele. – E aposto que não chamou a polícia achando que daria conta de tudo sozinha!

Paola engoliu em seco, assumindo sua imprudência.

– E eu é que sou burro, é? – reclamou Igor.

Luiz tirou do bolso um rolo de fio elétrico, algo que se revelou muito útil para amarrar Paola. Obrigada a se sentar no chão, ela teve tornozelos e pulsos unidos pelo fio, obrigando-a a ficar curvada sobre si mesma, com os cotovelos ao redor dos joelhos dobrados.

– E você, aluno, venha comigo – disse Luiz. – Preciso de um favorzinho seu.

Valentina optou pela verdade. Seu mundo refinado e inalcançável estava desabando. Gustavo fora sequestrado, Osvaldo estava fora de controle... E pessoas inocentes pagavam por crimes que não haviam cometido.

– Veroca me contou que você e a Sandrinha eram subversivos, que andavam com terroristas que pretendiam desestabilizar a segurança nacional – disse ela, enfim cedendo à autoridade de Irmã Mariana. – Naquela época, eram poucas as pessoas que sabiam o que estava acontecendo no país. A maioria, como eu, acreditava que os militares estavam colocando ordem no caos. E nós vivíamos nossas vidas pacatas, felizes com a conquista da Copa do Mundo no México. Na verdade, aquele período não foi feliz para mim. Eu tinha sofrido um terceiro aborto espontâneo, para desespero de Osvaldo. Ele queria tanto um herdeiro! Por isso tinha escolhido uma esposa jovem e saudável. Mas deu tudo errado, Luke, tudo errado... Entrei em depressão profunda quando o médico me aconselhou a não engravidar mais.

– Conte tudo, filha – encorajou a religiosa. – Trará paz a você mesma.

Valentina espiou as reações de Luke. Ele continuava com os olhos vermelhos, mas não chorava.

– Veroca apenas apareceu na minha casa com o Gustavo recém-nascido no colo... – continuou Valentina. Luke não escondeu uma careta desconfiada. – Juro que é verdade! Ela me disse que você tinha participado do sequestro do embaixador americano e...

– Mentira!

– Na época eu acreditei, Luke. Você e a Sandrinha estavam em São Paulo, tinham se afastado da gente, não mantinham mais contato há muito tempo. Veroca contou ainda que Sandrinha também estava envolvida com o sequestro. Que ela estava grávida, que o bebê tinha nascido na prisão... E que, por sorte, o pai dela, que era militar, intercedeu para libertá-la. Veroca me ofereceu o bebê e... O Osvaldo sempre achou que seria vergonhoso para nós adotarmos uma criança pelas vias legais. Mas, ao ver que o Gustavo seria perfeito para nós...

– Pagou uma fortuna por ele.

– Sim. Um dinheiro que a Veroca fez questão de receber.

– Você sequer pensou na Sandrinha...

– Seja realista, Luke! Ela era bonita, podia ter quantos filhos quisesse! E, naquele momento, a Sandrinha não tinha condições sequer de se cuidar. Seja lá o que ela tenha passado na prisão... Não era mais a mesma Sandrinha que conhecemos. Ela se tornou paranoica, com medo de perseguição. O Jonas tomou conta dela, tentou ter uma vida normal ao lado dela... Mas a Sandrinha foi piorando depois que a filha deles nasceu. Jamais teria condições de ser uma boa mãe para o Gustavo.

– Você nunca pensou na possibilidade da Sandrinha ter piorado justamente porque achava que tinha perdido o filho?

Valentina não respondeu. Nunca poderia diminuir o ódio que Luke despejava contra ela.

– Veroca e a filha dela foram exigindo cada vez mais de vocês para ficarem de boca fechada – disse ele. – Até que, cansados da chantagem, vocês resolveram contratar alguém para matar a Eunice. Um assassino que, por medo de ser reconhecido, também matou dona Conceição.

Valentina desconhecia que o homem contratado por Osvaldo também fosse o assassino da bibliotecária. Chocada, ela não conseguiu emitir nenhum som. Irmã Mariana, muito pálida, também não tinha aquela informação.

– E, apesar dos meus avisos, seu Gilmar se expôs muito – disse Luke. – E o assassino percebeu que ele sabia demais.

– E-ele também matou seu Gilmar? – assustou-se a religiosa.

– Tenho certeza que sim.

– Tina, você e seu marido contrataram um...?

– Sim, Irmã, o Osvaldo contratou um matador de aluguel, ou seja lá como a senhora possa chamar esse assassino – admitiu. – Meu marido

nunca foi nenhum santo e estava farto de ceder às chantagens inacabáveis de Eunice e Veroca, de me ver recebendo ameaças que chegavam nos envelopes vermelhos. Sei que é pecado, mas... Descobri que ele mandou matar a Eunice, mas preferi protegê-lo. Espero que Deus possa me perdoar.

– Que envelopes vermelhos? – perguntou Luke.

– Não foi você que enviou? Agora que descobri que você está vivo, achei que...

– Não enviei nada!

– Quem é, afinal, esse assassino? – perguntou Irmã Mariana.

– Não sei quem é – jurou Valentina. – Osvaldo o contratou através da indicação de um amigo que já utilizou os serviços do matador.

Luke tirou um iPod do bolso da jaqueta. Enquanto procurava a imagem que queria, explicou como chegara ao assassino.

– A resposta estava no computador da biblioteca que dona Conceição usava na hora em que foi morta. Seu Gilmar pegou o equipamento para mim e eu passei para um especialista analisar. Vinte e oito pessoas tinham livros para devolver naquele dia: 26 alunos e dois professores. Um deles era a senhora, Irmã.

– Sim. Eu tinha que devolver um livro do Saramago, mas faria isso no intervalo das aulas.

– O outro professor... Bem, enviei a foto dele que estava na ficha digital da biblioteca para um amigo na Polícia Federal. Só tive um retorno hoje cedo. O nome verdadeiro do falso professor é Américo Souza dos Santos. Ele foi expulso do Exército por má conduta, suspeito ainda de envolvimento no atentado a bomba no Riocentro, em 1981, durante um show a favor da abertura política.

– Um militar? – estranhou Valentina.

– Ele era recruta em 1970.

– Por acaso, ele...

– Foi um dos sujeitos responsáveis pela tortura que a Sandrinha e eu sofremos.

– Oh, minha Nossa Senhora... – murmurou Irmã Mariana.

– E tem mais – disse Luke, numa voz carregada de amargura. Acabava de encontrar a foto do professor Luiz no iPod para mostrar às mulheres. – Américo era um dos três caras que me prenderam na biblioteca. Foi ele que matou a Lara.

Igor acompanhou o professor Luiz até o fundo da biblioteca. Que favorzinho seria aquele? A curiosidade, porém, o desviou para outra pergunta.

– Como você matou dona Conceição?

– Matando, ora. Me aproximei dela para devolver um livro, puxei conversa sobre o artigo que publiquei no jornal da cidade, ela comentou que eu agora era famoso... E, quando ela se distraiu o suficiente, fui por trás dela e cortei delicadamente sua garganta. Fácil, rápido e eficiente.

– E por que fez isso? Por que matar a coitada?

Luiz exibiu aquele sorriso sonso que Igor já não suportava mais ver na sua frente.

– Achei que fosse ela que estivesse enviando os envelopes vermelhos para os Velásquez Aguiar. E, se ela estava fazendo isso, era porque tinha me reconhecido.

– Reconhecido de onde?

– Do dia em que estive aqui, há muitos e muitos anos.

– E você veio quando?

– Em 1970.

– Três de setembro de 1970?!

– Um dia como outro qualquer.

Igor voltou a pensar em Lara. O que a teria deixado naquele estado de terror, incapaz de reagir? A não ser que...

– *Foi você que matou a Lara!* – raciocinou, furioso.

– Ela estava atrapalhando meu trabalho... Agora, imagina a minha surpresa ao seguir você após o enterro de Eunice e descobrir que ia até a campa dos Tierni... E, depois, toda aquela história sobre acreditar em fantasmas... O fantasma da menina está mesmo vagando por aí?

Luiz utilizava um tom de zombaria que deixou Igor com mais raiva.

– Achei que você fosse o Luke...

– E eu achei que você fosse o responsável pelo envio dos envelopes vermelhos. Então, pensei numa forma de tirá-lo do caminho... Você estava perto demais, fazendo perguntas demais, fuçando fichas de alunos antigos, procurando informações sobre Luiz Tierni. E até descobriu o endereço da família dele!

– Foi você quem tentou me atropelar!

– Peguei o carro do seu padrasto e segui você. Achei que, se incriminasse o Gustavo, daria o troco ao milionário do Osvaldo. Acredita que aquele

unha de fome me pagou só metade do que combinamos pela morte da Eunice?

Igor inspirou muito ar, tenso. Luiz trabalhava para Osvaldo, que mandara matar Eunice... E uma situação de desconfiança detonada por um punhado de envelopes vermelhos enviados por Paola...

– E seu Gilmar?

– Aquele velho ranzinza andou me provocando, mandando indiretas. E queria proteger você, tirar você do meu alcance. Ele teve o que mereceu.

– Você também o matou...

– Ele estava passando informações para aquele repórter, o Sobral. Vi quando o jornalista veio pegá-lo aqui na escola, à noite, para dar uma volta. Na verdade, vi que o carro era dele só depois, no enterro da Eunice. Uns dias depois, o velho ligou para o Gustavo e o chamou para conversar na capela. Eu estava no pátio, só vigiando. E ouvi quando fez a ligação. E, a seguir, quando ligou para o Sobral. A ideia do velho era uma reunião a três. Fiquei desconfiado e antes que os dois convidados chegassem, parei para conversar com o velho na capela. Nós brigamos, ele me chamou de assassino, disse que sabia quem eu era e o que tinha feito... Saí de lá possesso e fui até a sala de troféus da escola. Peguei o mais pesado e voltei para a capela.

– Você o atacou por trás, como um covarde...

– Aprenda uma lição, aluno: só os covardes sobrevivem! Era um conselho bem-humorado, que contrastava com o estado de espírito de Igor. Estava batendo papo com um assassino frio e completamente maluco!

– Mais alguma dúvida, aluno?

– Não.

– Nem para saber o que acontece agora?

– Você vai matar a gente.

Luiz – ou fosse lá como ele se chamava de verdade – não evitou uma gargalhada.

– É, aluno, você é mesmo esperto!

Vera entrou em seu carro, distante do ponto de encontro com Osvaldo. Sentia-se bem demais! Eunice fora vingada e, se estivesse viva, aprovaria a esperteza da mãe em resolver a crise da melhor maneira possível. Luiz – ou melhor, o Américo que ela demorara uma eternidade para reconhecer como um dos recrutados que haviam capturado Luke em 1970 – já recebera um

excelente pagamento para cuidar da morte de Gustavo e, de quebra, incriminá-lo ao acabar com aquele colégio de vez. Estava cansada de trabalhar, de produzir riqueza pelo modo mais difícil. Agora tinha uma pequena fortuna para gastar nas Bahamas, para onde partiria assim que chegasse ao aeroporto de Cumbica.

Uma lembrança fora de lugar a fez pensar no falecido Luke e na louca da Sandrinha. Crescera odiando aqueles dois, os alunos inteligentes e perfeitos, amados e admirados por todos, o casalzinho cheio de amor pelo mundo que pretendia melhorar com suas ideias pacifistas... Denunciar Luke como um perigoso líder comunista surgiu como a melhor oportunidade para se livrar dele e de Sandrinha, que descobrira grávida quando os dois a procuraram assim que chegaram a Santos. Eles não podiam contar com Jonas Beltrão, que estava para voltar de viagem, e nem com Tina e o marido antipático que a isolava das velhas amizades. Sobrara confiar na garota que conheciam desde o primário.

Vera, ávida para colaborar com o governo, se oferecera para levar os três militares até a biblioteca pela passagem secreta que descobrira ainda na infância, após ver uma freira utilizando-a uma vez. Teria, enfim, o prazer de destruir o casalzinho perfeito. Eles seriam presos e sofreriam o tratamento nada gentil destinado aos subversivos. Nada mais merecido. Luke acabara morrendo, Sandrinha sobrevivera e a criança, apesar de tudo, tinha nascido sem qualquer complicação. O pai de Vera, um coronel honesto demais para o gosto da filha e contrário aos métodos de repressão política, conseguira libertar Sandrinha dias após a prisão do casal. A garota, porém, não estava em condições emocionais para cuidar de uma criança. A família dela havia se mudado para o Sul, muito longe para interferir. E o bebê precisava de uma mãe. Alguém como Tina... Não foi difícil tirar o filho de Sandrinha, inventar que ele morrera e depois vendê-lo aos Velásquez Aguiar. Ninguém teria coragem de mexer com uma família tão poderosa.

Vera contemplou a si mesma no espelho retrovisor do carro depois que guardou a arma na bolsa. A maquiagem continuava impecável, o penteado não sofrera tanto com o vento... Ansiosa por contemplar R\$5 milhões em notas reais e maravilhosas, a mulher abriu a mala de mão em seu colo. Por segundos, o cérebro se negou a registrar o punhado de jornal picado que existia no lugar do dinheiro. *Aquele velho filho da mãe a enganara!!!*

Paola se arrastou pelo piso até conseguir cutucar Gustavo com os pés.

– Vamos, cara, acorda! – chamou ela, baixinho. Não sabia se o monstro estava por perto para escutá-la.

Teve que insistir muito para que o médico, sonolento devido à medicação que recebera, começasse a se mexer.

– Anda, vai! Nós vamos morrer, sabia?

Com dificuldade, Gustavo abriu os olhos. Um deles estava roxo, resultado de uma das pancadas distribuídas por Luiz.

– O sujeito que sequestrou você também me pegou. E pegou o Igor!

Mencionar o nome do enteado foi decisivo. O médico agora se forçava a despertar por completo.

– Presta atenção no que vou te contar! – disse Paola. – Há anos estou atrás dos homens que torturaram nossa mãe na prisão. É, nós somos irmãos por parte de mãe. Bom, resumindo: os outros dois torturadores morreram há tempos num acidente com um bimotor, mas o Américo, o pior deles, continua vivo. No final do ano passado, conheci seu Gilmar, que me forneceu informações sobre o dia em que teu pai foi preso. O negócio era muito maior do que eu tinha imaginado. Então, consegui um emprego aqui e continuei investigando. Mas eu tinha que agitar o ambiente, entende? Se enviasse aqueles envelopes, ia deixar os verdadeiros culpados desconfiados uns dos outros, como realmente aconteceu. Mas alguém chamou o Américo para entrar no jogo... Passei meses vigiando ele, coletando provas sobre o envolvimento dos Velásquez Aguiar, a chantagem da Vera e da Eunice... Mas aí começaram os assassinatos e eu perdi o controle sobre a situação. Ah, outra coisa: seu Gilmar descobriu que teu pai, o Luke, está vivo. Parece que usa um nome falso, sei lá. E chamou ele para aquela reunião na capela com você. Eu também ia participar para conhecer o cara e unirmos forças, só que fui a primeira a chegar e vi seu Gilmar morto. Fiquei doida na hora. Liguei pro meu pai, mas... O Igor deu um encontrão em mim, acabei desistindo de contar tudo e... Olha, provoquei sem querer a morte do seu Gilmar, entende? Tinha que consertar tudo sozinha e pegar o assassino. Hoje de manhã, vi o Américo utilizando a passagem secreta para trazer você até aqui. E segui ele. É, tem uma passagem secreta, sabe? Vi o Américo usando ela para fugir do colégio logo depois que você e o Igor encontraram o cadáver do seu Gilmar na capela. Acho que não esqueci de contar nada, né?

A garota buscou fôlego. Falara rápido demais, comendo as palavras. Não tinha certeza de que Gustavo, ainda aturdido, conseguira acompanhar a

explicação.

– Teu celular tá aí? – perguntou ele, com a voz meio grogue.

Igor, enfim, descobriu onde começava a passagem secreta. Nada mais era do que uma falsa parede, logo atrás de um armário fechado, no fundo da biblioteca, no extremo oposto ao balcão de atendimento. Obrigado a empurrar o armário para a frente, o garoto notou, surpreso, que era fácil de arrastar. Estava vazio. No vão entre o armário e a parede havia pelo menos uma tonelada de pó, o que explicava por que Gilmar nunca descobrira a passagem secreta. Era um péssimo faxineiro.

A falsa parede tinha algum tipo de dispositivo que a abria como se fosse uma porta. Igor entrou, com Luiz atrás dele. Uma lanterna largada no chão iluminava parcialmente o começo da passagem, que seguia por uma escada de pedra desgastada até o túnel subterrâneo. Era um espaço sinistro, escuro, imenso, que cheirava a mofo e prometia terminar nas profundezas da Terra.

Junto à entrada havia dois imensos galões com gasolina, um troféu pesado, sujo de sangue seco – o objeto utilizado para esmagar a cabeça de Gilmar –, e uma caixa de papelão aberta. Parte da luz vinda da lanterna que batia sobre a caixa ajudou Igor a enxergar algumas fotos antigas e papéis velhos em seu interior.

– A vizinha dos Tierni deu essa caixa para seu padrasto – explicou Luiz, decidido a tirar todas as dúvidas do garoto. Sentia-se orgulhoso em compartilhar seus feitos com alguém. – Carregue os galões para a secretaria. E rápido!

Julieta abraçou a bolsa, nervosa. Estava sentada numa das cadeiras da sala de espera do hospital. A patroa, Adriana, fora levada para lá de ambulância, acionada pela própria Julieta, e ainda não saíra da emergência. Agora, não restava mais nada, a não ser esperar. Adriana corria o risco de perder o bebê.

Paola se virou para que Gustavo pudesse, com a mão livre da algema, pegar o celular que a garota guardava no bolso de trás da calça jeans.

– Liga para meu pai! – mandou ela. – O número dele é...

– Não adianta – lamentou o médico antes de devolver o aparelho para o bolso. – Acabou a bateria do teu celular.

Ao ouvir os passos de Igor e Luiz passando pela outra ponta do corredor, rumo ao balcão de atendimento, Gustavo se fingiu de inconsciente e Paola

apertou os olhos a tempo de reparar que o garoto carregava dois galões de gasolina muito mais pesados do que ele.

Os galões eram pesados, principalmente para um garoto machucado, com dificuldade de andar. Apressado por Luiz, Igor usou a porta interna para chegar até a diretoria.

– Há mais galões no túnel, logo depois da escadaria de pedra – avisou Luiz.

– Vou ter que pegar também, é?

– Hum-hum. E vai espalhar a gasolina pela diretoria, secretaria, salas de aula, biblioteca...

– Tacar fogo na escola não vai resolver nada!

– Vai sim. Os bombeiros encontrarão três corpos carbonizados. Dois deles estarão amarrados: você e a secretária. Já o cadáver de Gustavo terá uma arma na mão. A polícia quebrará a cabeça para entender o que o teria levado a forjar o próprio sequestro e ainda matar o enteado e a secretária... Seria ele também o responsável pelos outros crimes? Teria incendiado a escola em sua loucura? É uma ótima hipótese, não?

– Vão achar a passagem secreta e descobrir que você...

– O professor Luiz é um sujeito calmo e gentil, que sempre ajudou os outros, que demonstrou gostar muito de você e que vai derramar lágrimas de saudades no seu enterro. Ninguém desconfiará dele.

Igor ia morrer ali, preso em um incêndio, com Gustavo e Paola. Um corpo carbonizado não daria qualquer pista sobre o verdadeiro assassino. Era injustiça demais!

– Venha, tem mais galões esperando por você – disse Luiz, indicando com o queixo o caminho de volta à biblioteca.

Que vontade de socar aquela cara cínica! Igor soltou um dos galões e bufou, o punho se fechando automaticamente, a outra mão segurando o segundo galão... Luiz ainda mantinha a arma apontada para ele, mas o garoto não se importou. Arremessou o galão com fúria contra Luiz, que só teve tempo de acionar a arma antes de receber o impacto contra sua virilha.

– Um tiro! – alarmou-se Gustavo, que puxou com força o braço direito, preso pela algema agarrada ao suporte de metal na parede. Paola, tão imobilizada quanto ele, preferiu não se manifestar. Para ela, Igor acabava de ser executado.

O tiro passou de raspão pela orelha de Igor, que, sem alternativa, escapuliu para o corredor. Ouviu atrás de si um palavrão. Curvado pela dor, Luiz demorou alguns minutos para se recompor. Era a chance de Igor falar com Lara.

Luiz odiava escolas, odiava bibliotecas e, mais do que tudo, odiava alunos! Com dificuldade, endireitou os ombros, ainda sentindo a dor lancinante na virilha. Com o baque do galão, que encontrou o piso após atingir o homem, parte da gasolina se espalhou pelo local. O falso professor aproveitou a deixa. Alegre como uma criança, esvaziou o restante do galão sobre os móveis da diretoria e da secretaria. O conteúdo do segundo galão foi despejado em um rastro que terminou na biblioteca, exatamente aos pés da primeira estante de livros, próxima ao balcão de atendimento.

Sem hesitar, Luiz tirou o isqueiro do bolso da camisa e o acendeu. Dois galões seriam suficientes para o incêndio que iria provocar...

Terrivelmente frustrada, Vera chorou tudo que tinha direito. Borrou a maquiagem impecável e descabelou o penteado que deveria permanecer intacto antes de engolir o último soluço. Ela tocou na chave, preparando-se para ligar o carro.

– Se eu fosse você, não tentaria nada – aconselhou o delegado Jonas Beltrão, surgindo junto ao vidro abaixado à esquerda da motorista.

Em pânico, Vera se virou para ele, já com a mão tateando dentro da bolsa onde guardara a arma.

– Nem tente, Veroca.

Na frente do carro, dois policiais a tinham sob a mira de revólveres. Lentamente, a mulher deslizou a mão para fora da bolsa. Beltrão a observava com uma expressão decepcionada.

– A empregada do dr. Gustavo ligou e me contou sobre o sequestro – disse ele. – Por sorte, um morador das redondezas avisou a polícia que um carro suspeito estava entrando no matagal neste trecho da rodovia. Um veículo com as mesmas características do carro do pai do médico, que fugia, após agredir a nora, para pagar o resgate.

Vera não impediu uma nova enxurrada de lágrimas. Beltrão ainda resistia em acreditar no óbvio.

– Acabamos de passar pelo corpo, Veroca. Agora, saia do carro com as mãos para cima. Estou prendendo você em flagrante pelo assassinato de

Oswaldo Velásquez Aguiar.

Igor correu até Lara, no décimo corredor. Encontrou-a do mesmo jeito, sem reagir ao horror que a dominava. O garoto se ajoelhou diante dela. Não pensava mais na própria dor física, no louco que viria atrás dele, em nada! Só a amiga importava.

– Lara, por favor, fale comigo! Sei que você viu seu assassino e que isso deve ter sido terrível e assustador, mas... você precisa voltar!

A fantasma continuava imóvel, com os olhos abertos e paralisados. Igor se aproximou ainda mais dela, um rosto diante do outro, lábios que sonhavam com um beijo doce e inocente. Se pudesse tocá-la...

– Amo você – sussurrou Igor.

Com um aperto no coração, o garoto aceitou o inevitável. Nada do que fizesse poderia alterar fosse lá o que estivesse isolando Lara do restante do mundo. Ele se ergueu e retornou correndo para os fundos da biblioteca. O cheiro de fumaça invadia rapidamente o ambiente. O incêndio já começara. Julieta levantou-se da cadeira ao ver que o médico que atendia Adriana saiu da sala de emergência para conversar com ela.

– É a senhora que está acompanhando a paciente Adriana Velásquez Aguiar? – perguntou o médico.

– Sim, doutor, sou eu.

– Infelizmente, não trago boas notícias. A paciente perdeu o bebê.

Com a mão esquerda, Gustavo tentava libertar os pulsos e os tornozelos da esquisita Paola, uma jovem que mais lembrava uma versão adulta e feminina de Igor do que realmente um parente do médico. Nem parecida fisicamente com ele a tal irmã era!

– Anda logo! – reclamou Paola.

– Ele te amarrou bem amarrada com um fio elétrico e, como não sou canhoto, fica difícil...

– Você ainda não sentiu o cheiro de fumaça? O monstro incendiou o colégio e vai assar a gente aqui dentro!

Enquanto os policiais colocavam Vera na viatura, Beltrão pegou o celular para telefonar para a filha. Não falava com ela desde a última ligação, na noite em que Gilmar fora assassinado. O delegado encontrou apenas sua voz na secretária eletrônica. O celular devia estar desligado.

Igor não conseguiu ir longe. Luiz surgiu do nada para agarrá-lo por trás e, com força, jogá-lo contra uma das estantes. As costas de Igor reclamaram de mais dor, desta vez ainda mais insuportável. O assassino o espremeu contra a estante, com o cano da arma apertando a garganta do aluno.

– Você morre agora! – avisou Luiz.

– O professor Luiz é o assassino? – duvidou Irmã Mariana ao ver a foto que Luke lhe mostrava no ipod. – Mas ele é tão gentil...

Valentina cruzou os braços, aflita. Ainda não contara que Gustavo fora sequestrado, que exigiam uma fortuna para pagar o resgate. Não sabia se o filho sequer estaria vivo para descobrir a verdade sobre o passado.

– Algo horrível aconteceu ao Gustavo – começou ela.

Igor não conseguia se mexer. Os olhos cruéis do assassino preenchiam seu campo de visão. Agora ia morrer mesmo.

O garoto não viu quando um grosso dicionário de espanhol acertou em cheio a cabeça de Luiz, que, numa reação instintiva, quase amassou sua vítima contra a estante.

– Solta o menino! – brigou Paola, largando o dicionário antes de puxar o professor pelos ombros.

Igor só pensou em atacar. Agarrou a mão de Luiz, tentando roubar a arma dele. Mais forte do que os adversários, o monstro retomou o domínio sobre a situação. Conseguiu se livrar de Paola, que empurrou para o chão, e ainda, com a mão livre, acertou um murro no estômago de Igor. Este se dobrou de dor antes de cair de joelhos.

Luiz se afastou, com o revólver voltado para os dois jovens. A fumaça já envolvia a maior parte da biblioteca e as chamas continuavam a se alimentar da enorme quantidade de papel disponível.

– Não vou matar vocês – escolheu o assassino. – O incêndio fará isso por mim.

Igor começou a tossir, afetado pelo ar cheio de fumaça. Luiz sumira de vista ao pegar o caminho até a passagem secreta. E Paola tinha se levantado, pronta para continuar a perseguição.

– Gustavo ainda está preso – lembrou o garoto.

– Meu filho foi sequestrado?! – disse Luke, sem acreditar. – Justo agora?

– Uma coincidência medonha, eu sei – disse Valentina.

– Não pode ser coincidência!

– Devemos avisar o Jonas – opinou Irmã Mariana, bastante aflita.

– Fomos proibidos de chamar a polícia – reforçou Valentina.

Luke não a escutava mais. Andava de um lado para outro da capela, como um animal enjaulado, incapaz de interferir nos fatos que ocorriam contra sua vontade.

– E se o matador resolveu aplicar um golpe pra cima do Osvaldo? – disse ele, tirando aquela hipótese do nada.

– Não acho que...

– Pense, Tina. Está tudo interligado e...

– Eu sei onde é a passagem secreta – interrompeu Irmã Mariana. Luke e Tina giraram automaticamente seus rostos para ela. – Há muitos anos, a Irmã Inês me mostrou o caminho. A passagem secreta... ela termina aqui, na capela deste colégio.

– Nesta capela? – estranhou Luke.

– É como funcionavam esses lendários túneis subterrâneos na cidade – prosseguiu Irmã Mariana. – Em geral, terminavam numa igreja.

– Sim, é claro!

– Irmã Inês me mostrou uma parede falsa na lateral esquerda do altar...

Luke se adiantou à religiosa para verificar a existência da tal passagem. Valentina acompanhou os dois, apesar de sua preocupação estar centrada em Gustavo. O que era uma passagem secreta em comparação ao que o filho deveria estar enfrentando?

Os dedos de Luke percorreram a parede lateral de ponta a ponta. Com cuidado, ele a forçou para dentro, à procura de uma forma de abri-la. Funcionou. Uma fresta surgiu, tímida, indicando a existência de uma porta.

– Descobrir a passagem secreta era a única peça que faltava para provar como Vera levou os três homens até a biblioteca naquele dia – disse Luke. – Além disso, eu...

Ele interrompeu o que dizia. Algo, junto à parede, chamava sua atenção. Luke se abaixou e, interessado, tocou o piso do altar.

– Marcas de sangue – reconheceu ele. – Arrastaram alguém ferido pela passagem...

Valentina, que continuava a analisar a fresta na parede, se deparou com um olho que a espiava, assustado. Ela gritou, com medo, puxando Irmã Mariana para trás.

– Há uma pessoa... – avisou ela, ainda aos gritos – ... atrás da parede!

Foi o que Luke esperava para jogar o ombro contra a tal porta e empurrá-la com tudo para abri-la. A pessoa que os espionava fugiu para se esconder na escuridão que ocultava uma escada de pedra e, a seguir, um túnel subterrâneo.

– Avisem o Jonas! – disse Luke antes de desaparecer na passagem secreta atrás do fugitivo. O incêndio não demoraria a consumir toda a biblioteca e o restante do colégio. Gustavo continuou chutando a prateleira, numa luta desesperada para arrancar a algaema do suporte de metal.

– Quer ajuda? – ofereceu Igor, aparecendo, junto com Paola, ao lado do médico.

O padrasto não pensou duas vezes.

– Não! Vá embora, Igor!

– Mas...

– Vocês não vão escapar do fogo se perderem tempo aqui!

– A gente veio ajudar você...

– Me viro sozinho... Agora saiam daqui!

A teimosia de Igor ganhava disparado de qualquer outro traço de sua personalidade difícil. Ele desobedeceu à ordem do padrasto e reforçou os chutes contra a prateleira. Gustavo foi obrigado a segurá-lo pela camiseta.

– Escuta, Igor, a fumaça mata primeiro do que o fogo. Entra pelos pulmões, impede de respirar e...

Decidido, o garoto se livrou da mão que o impedia de agir.

– Escuta você, Gustavo! Eu perdi meu pai... E não vou perder você também, entendeu?

A emoção imobilizou o padrasto. Ele apenas olhou para Igor, ainda sem acreditar no que acabara de ouvir.

– Muito papo e pouca ação! – criticou Paola. – Vamos lá, os três juntos, chutando esta maldita prateleira! Luke corria pelo túnel escuro batendo as mãos contra as duas paredes de pedra para se orientar. O fugitivo não estava muito à frente. A luz da lanterna o denunciava.

Mas, de repente, a luz desapareceu. Silencioso ao máximo, Luke reduziu o passo e, instintivamente, se colou junto à parede da direita. Ouviu o estampido de um disparo. A bala passou a poucos centímetros de onde estava. O perigo era maior do que imaginava.

– Vamos, Jonas, atende esse celular! – implorou Valentina, que fazia a ligação de seu aparelho para o amigo delegado. Tinha a impressão de ter ouvido um tiro, o som trazido pelo eco através do túnel subterrâneo.

Luke continuou avançando em silêncio. O fugitivo o aguardava em algum ponto do túnel.

Em seu íntimo, Luke teve certeza de que lidava com o assassino de Lara, o falso professor que também fizera outras vítimas. Agora podia sentir sua respiração ofegante, muito próxima...

Mas o fugitivo também o pressentiu. Antes, porém, que ele usasse a arma, Luke o golpeou, iniciando uma luta corporal contra um homem tão forte quanto ele.

A madeira grossa e resistente da prateleira foi, por fim, arrancada após inúmeros chutes. Mas isto não produziu o resultado esperado. O suporte de metal ainda permanecia preso à parede.

Igor voltou a tossir, afetado pela fumaça. O incêndio rumava, incontrolável, para as últimas estantes da biblioteca.

Luke se desviou de um soco, acertou outro. O vício do cigarro lhe roubava o fôlego, é verdade, mas ainda não atingira seu condicionamento físico graças ao boxe, esporte que treinava três vezes por semana na academia perto de seu apartamento em Brasília.

A arma do fugitivo caíra em algum lugar. Este, no entanto, tinha alguns truques sujos na manga. Como um canivete, que usou para rasgar o abdômen de Luke.

Irmã Mariana não esperou que Valentina localizasse Jonas Beltrão pelo celular. Embora consciente de que a idade limitava sua velocidade numa corrida, ela deixou a capela para trás, pegou a Avenida Ana Costa e contornou a esquina para chegar o mais rápido possível ao colégio.

Luke cambaleou por alguns segundos antes de bater contra a parede do túnel. O assassino aproveitou a vantagem para continuar fugindo. Não demoraria a alcançar a biblioteca do colégio.

Um chute possante de Gustavo finalmente tirou o suporte de metal da parede. E foi ele ainda que pegou Igor e Paola pela cintura e os arrastou

para o mais longe possível do fogo, que se alastrava pela maior parte da imensa biblioteca. Os dois jovens tossiam, sem forças. As chamas tomavam conta do caminho até a porta da frente e a porta interna.

– Por ali... – indicou Igor, respirando com dificuldade – ... tem uma passagem secreta...

Luiz não esperava aquela reviravolta. O jornalista Sobral o perseguia, havia mais gente na capela... Não podia se arriscar por aquele caminho. Por outro lado, retornar à biblioteca em chamas também não era a melhor rota de fuga.

Movido apenas pela adrenalina das últimas horas, Luiz abriu a parede falsa da biblioteca, arrastou o móvel e saiu para se deparar com três pessoas que já considerava mortas. Igor e Paola se apoiavam em Gustavo. Atrás deles, o cenário era desolador. A fumaça tornava o ar irrespirável, o calor intenso ampliava a sensação de sufoco e o fogo continuava a crescer, sem limites.

Luiz se lembrou da arma de Paola, ainda na cintura, entre a camisa e a jaqueta. Fora um tolo por não tê-la usado ainda. Com frieza, o professor a sacou para apontá-la na direção da cabeça de Gustavo. Ele seria o primeiro a morrer.

Irmã Mariana parou ao entrar na rua do colégio. Algumas pessoas da vizinhança estavam na calçada, alarmadas pelas chamas e pela fumaça que escapavam das janelas do Santa Maria. O incêndio alcançara o primeiro andar da construção.

– Alguém chamou os bombeiros? – perguntou, desesperada, para os vizinhos.

Não, aquele pesadelo infernal não terminava! Igor reuniu suas últimas forças para enfrentar o monstro.

– Abaixo já essa arma! – gritou alguém que acabava de sair da passagem secreta. O que o jornalista Henrique Sobral estava fazendo ali?

Ele apontava o revólver que pertencia a Luiz ao próprio dono. Havia sangue na barriga do jornalista. Este, ameaçador, não deixava dúvidas de que apertaria o gatilho.

–Você pode me matar, mas mato aquele médico antes disso – ameaçou Luiz.

Sobral hesitou. O avanço do incêndio, por outro lado, forçava uma tomada rápida de decisão. Ou os cinco morreriam.

Neste instante, o revólver que Luiz segurava foi bruscamente arrancado de sua mão por um golpe invisível. “Lara!”, comemorou Igor. O assassino, sem entender como fora desarmado, fez cara de trouxa ao notar que as prateleiras de livros ao seu redor, ainda intocadas pelas chamas, começavam a tremer, como se estivesse acontecendo um terremoto.

– Manda ver, Lara! – incentivou Igor.

Uma assustadora revoada de livros partiu das prateleiras, atravessando o ar em direção a Luiz. Apavorado, ele não conseguiu deter a ameaça invisível. Os livros, dezenas e dezenas deles, desabaram sobre o assassino com estrondo, soterrando-o. Sobral, que assistia de queixo caído àquela manifestação sobrenatural, mantinha a mira do revólver no assassino, agora estatelado no chão.

– É o Luke! – garantiu Lara, eufórica.

– Quem? O Sobral? – quis confirmar o garoto.

– Sim, é ele!

Um novo acesso de tosse obrigou Igor a deixar o assunto para depois. Gustavo não perdeu tempo. Levou o enteado e Paola até a falsa parede antes de retornar para perto do assassino.

– Me ajude a tirá-lo daqui! – mandou Gustavo, vendo que Sobral, aturdido, não conseguia sair do lugar.

EPÍLOGO

Passado, Presente e Futuro

Os bombeiros chegaram rapidamente. Dominaram o incêndio em poucas horas. O fogo não destruiu totalmente o colégio e tampouco fez vítimas. Havia apenas o prejuízo material e a perda de livros inestimáveis, alguns muito antigos e raros, guardados desde sua fundação.

A fuga pelo túnel subterrâneo terminou na capela de um colégio católico na Avenida Costa, próximo ao Santa Maria. Igor não teve tempo para conversar com Lara, lamentar a perda de sua mochila e do valioso laptop e mesmo entender o que Valentina fazia lá, na capela, nem por que Sobral, que era Luke disfarçado, estava perseguindo Luiz, que na verdade se chamava Américo, e vários outros detalhes que só descobriria depois daquele sinistro 29 de setembro. Quando viu, estava numa ambulância, recebendo oxigênio, o mesmo tratamento dado a Paola. Luiz, ainda inconsciente, ocupava uma maca. Gustavo, amargamente triste, usava o celular de Valentina para falar com Adriana, mas acabara conversando com Julieta, que atendera a ligação no celular da patroa.

Os feridos foram levados para o hospital e devidamente medicados. Igor só encontrou a mãe à noite, naquele mesmo dia, internada em um dos quartos do mesmo hospital. Uma surra violenta de Osvaldo – depois assassinado por Vera, presa em flagrante por Beltrão – provocara um aborto em Adriana. Ela não disse nada para o filho, que se aconchegou devagarinho no abraço materno. Gustavo, ao lado dos dois, completava a família cheia de curativos e futuras cicatrizes que ainda doeriam por muito tempo.

Quando a mãe e o segundo pai de Igor pegaram no sono, o garoto escapou para fora do quarto. Sabia que Lara o esperava no corredor deserto do hospital.

- Tua cara está horrível – comentou a fantasma.
- Depois melhora. E você? Tudo bem agora?
- Quando reencontrei meu assassino na biblioteca, eu...
- Você surtou.

– É. Mas você me libertou. Obrigada.

As bochechas de Igor ficaram vermelhas. Será que ela se lembrava daquela declaração tola de amor? Ai, tomara que não...

– Foi seu amor por mim que me trouxe de volta – sorriu a fantasma, envergonhada.

Totalmente sem graça, o garoto sentiu vontade de sumir. Foi salvo por Sobral, ou melhor, Luke, que surgia no corredor com o inseparável cigarro numa das mãos, apesar do aviso de proibido fumar dentro do hospital. Ao vê-lo, Lara abriu um sorriso gigantesco.

– E seus pais, como estão? – perguntou o jornalista, em voz baixa, assim que parou a dois passos de Igor.

– Já dormiram. Eles vão ficar bem. E o corte na sua barriga?

– Levei uns pontos, nada grave.

– Ele não pode me ver nem me ouvir – constatou a fantasma, decepcionada.

– A Lara está aqui, com a gente – avisou Igor.

Luke colocou, apressadamente, o cigarro na boca. Depois da baforada, pareceu mais confiante para conversar sobre o assunto.

– Foi ela que desarmou o assassino e o atacou com os livros?

– E me contou que você é o irmão dela.

Luke desviou o rosto impassível. O garoto tentou imaginá-lo mais jovem... Admirado, verificou que Gustavo era uma versão mais jovem e melhorada do pai biológico. Por que nunca reparara nisso antes?

– Você colocou as flores no túmulo da Lara e da avó de vocês, não foi?

– Foi – respondeu Luke, num tom abafado. Já não conseguia mais esconder a emoção. – Olha, diz pra Lara que...

– Fala direto pra ela.

– Onde ela está?

– À minha esquerda.

O irmão se dirigiu ao vazio. As lágrimas escapavam de seus olhos escuros.

– Me perdoa... – pediu ele. – Você morreu por minha culpa.

– Não! Morri para proteger o Gustavo. Agora sei disso. Se eu não tivesse morrido, não estaria na biblioteca quando ele precisou de mim nos tempos do colégio...

– Nem hoje para salvar a gente do Luiz – acrescentou Igor. – E também para me ajudar com a investigação, salvar minha vida, essas coisas.

Lara sorriu para ele, cúmplice. O garoto precisou repetir as palavras da fantasma para Luke, que não as escutara.

– Diz pra ele, Igor, que quero que ele esqueça o passado e seja feliz!

Comovido, Luke ouviu a mensagem de Lara que o garoto lhe passou. A chegada de mais duas pessoas, entretanto, desfez a magia daquele momento.

– Você é o jornalista Sobral? – perguntou o delegado Beltrão ao invadir o corredor. Ele vinha acompanhado da filha, Paola, que já recebera alta e, na certa, estava na cola do pai para garantir que toda a verdade viesse à tona e, claro, que Luiz pagasse por todos os seus crimes. – Ainda não tivemos oportunidade de conversar e eu gostaria de tomar seu depoimento. Talvez o momento não seja oportuno, mas...

O delegado, de súbito, interrompeu o passo. Parecia ver um fantasma. E não era Lara.

– Luke?! – reconheceu ele. – Você não morreu!

– Parece que sim – sorriu o jornalista. – Aliás, é o que mais escuto ultimamente.

Beltrão deixou a formalidade que seu cargo exigia e abriu os braços para o homem que fora seu melhor amigo. Um reencontro com direito a risos, tapinhas nas costas e uma cerveja gelada antes do esperado depoimento.

Igor se virou para Lara, só que ela não estava mais à sua esquerda. Caminhava, feliz, para a ponta oposta do corredor.

– Que foi? – perguntou o garoto ao alcançá-la.

– A luz.

– Que luz?

– Aquela que aparece para os espíritos bonzinhos sempre no final da história.

– Não estou vendo luz nenhuma...

– É, só confirma a minha teoria.

– Que teoria?

– Que não sou uma alma penada!

A luz... a luz viera buscar a fantasma? Igor se desesperou.

– Você não pode ir!

– Não? Posso sim! A luz está me chamando e...

– Não posso perder você, caramba!

– Você quer que eu fique?

– Ainda pergunta?
– Se eu ficar... Você para de me provocar?
– Eu não provoco você!
– Claro que provoca! E me xinga, fala nomes feios...
– Peraí... – desconfiou Igor. – Não tem luz nenhuma!!! Você só está me zoando!

Lara caiu na gargalhada. Indignado, o garoto girou os calcanhares e saiu andando. Paola era a única que prestava atenção no aluno que falava sozinho. Os dois homens adultos mantinham uma conversa animada, num volume um pouco alto demais para o silencioso corredor hospitalar.

– Pois quero mais que a luz venha te pegar, sua alma penada! – resmungou Igor, alto e bom som, antes de se trancar no quarto que os pais ocupavam. Não queria mais papo com aquela fantasma metida a espertinha.

Setembro de 2027

A polícia encontrou os dois carros de Gustavo abandonados próximo a uma estrada qualquer, três dias após a prisão de Luiz. Quando todo o caso veio a público, a imprensa fez a festa. Gustavo nos protegeu ao máximo do excesso de exposição, com a ajuda de Luke, cada vez mais próximo da família. Não foi tão difícil para Gustavo aceitá-lo como pai quanto foi para mim aceitar meu padrasto como segundo pai. Até mesmo Valentina, apesar de tudo, continuou a receber a atenção do filho que roubara dos melhores amigos. Difícil mesmo para Gustavo foi conhecer Sandrinha na clínica psiquiátrica. A mãe verdadeira não se lembrou da filha, e muito menos do filho.

O julgamento de Luiz aconteceu dois anos depois, novamente alimentando o interesse da mídia e do público pelo caso que ficou conhecido como o Assassinato na Biblioteca – no singular mesmo, apesar de pelo menos duas mortes terem ocorrido no local e outras três fora dele. O assassino, como era esperado, pegou a pena máxima.

Minha irmã Talita nasceu na mesma época, para alegria de Gustavo e da minha mãe. E recebeu o sobrenome Tierni, o mesmo que os pais agora usavam. Eu deixei de ser filho único, mas pelo menos continuei o Igor Silva Martins de sempre. E Talita, a chata, chorona e mimada, é a típica irmã caçula que me enche o saco até hoje. Enfim, viramos uma família feliz como minha mãe tanto queria.

O tempo passou, o Colégio Santa Maria foi reconstruído e continuou recebendo novas levas de alunos a cada ano. Irmã Mariana tomou conta da escola até sua morte, muito velhinha, durante o sono. Valentina, como dona da escola, contratou uma nova diretora que se encaixasse no perfil conservador do colégio.

Estudei lá até o último ano do ensino médio. Depois, me formei em medicina, me especializando a seguir em medicina legal. Tudo para ajudar a polícia a desvendar crimes misteriosos e aparentemente sem solução. Paola assumiu de vez a influência do pai em sua vida profissional. Hoje é uma das melhores investigadoras da polícia, para orgulho de Beltrão.

A Lara... Bom, ela ainda não encontrou a luz, a tão esperada recompensa para os fantasmas bonzinhos. Ou ela é mesmo uma alma penada ou, como desconfio, a história ainda não chegou ao final. Desde o assassinato na biblioteca, já investigamos juntos outros casos complicados. Outras histórias que ainda precisam ser contadas.

Nós dois brigamos, fazemos as pazes, brigamos de novo, sempre com a cumplicidade que nos une há 20 anos. Já me envolvi com várias mulheres, me apaixonei, levei alguns pontapés na bunda e larguei uma e outra garota por aí. Lara, minha única amiga, permanece ao meu lado, sempre. Meu primeiro e único amor.

Um dia vou morrer e também virar fantasma. E, quem sabe, morar com a Lara na biblioteca do Santa Maria só para assombrar os alunos comportados daquele colégio sem graça. É, taí uma ideia para se pensar...



Copyright © 2008 by Helena Gomes

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão de arquivo ePub
FREITAS BASTOS

2ª edição eletrônica
ROCCO DIGITAL

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G614a

Gomes, Helena, 1966-

Assassinato na biblioteca [recurso eletrônico] / Helena Gomes. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-028-4 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

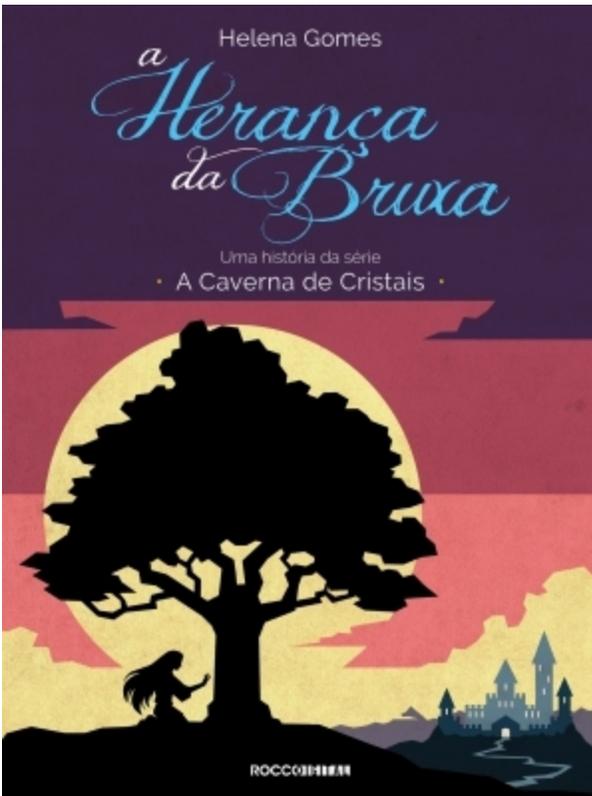
11-8542. CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Helena Gomes é jornalista, professora universitária e autora de *Lobo Alpha* (Rocco, 2006), *O Arqueiro e a feiticeira*, *Aliança dos povos*, *Despertar do dragão* (estes três da saga *A Caverna de Cristais*), *Código Criatura* (Rocco) e do infantil *Nanquim*. Também participa da antologia de contos *O Livro Negro dos vampiros*, é co-organizadora da antologia de contos *Anno Domini – Manuscritos medievais* e organizadora do livro-reportagem *Vidas em pauta – O cotidiano narrado por futuros jornalistas*. Escreveu em co-autoria o livro de não-ficção *Memórias da hotelaria santista*.



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20 páginas

[Compre agora e leia](#)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no futuro contra os temidos nergals. A herança da bruxa é uma história da série A Caverna de Cristais, uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras

publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

[Compre agora e leia](#)



Minha vida cor-de-rosa #SQN

Campos, Vinicius
9788581224046
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Durante um assalto em um posto de gasolina, três jovens ficam presos dentro de um banheiro em uma cidade do interior. Este encontro une suas vidas de uma forma que eles não esperavam, pois juntos terão que superar seus próprios medos para desvendar um crime, viver uma grande paixão e, quem sabe, conseguir fugir desse lugar tão angustiante e claustrofóbico. Minha vida cor-de-rosa #SQN é um projeto inovador da Rocco Digital que acompanhou on-line a rotina e os desafios de um escritor em seu processo criativo. Leia o trecho escrito no Widbook.

[Compre agora e leia](#)



As Valentinas

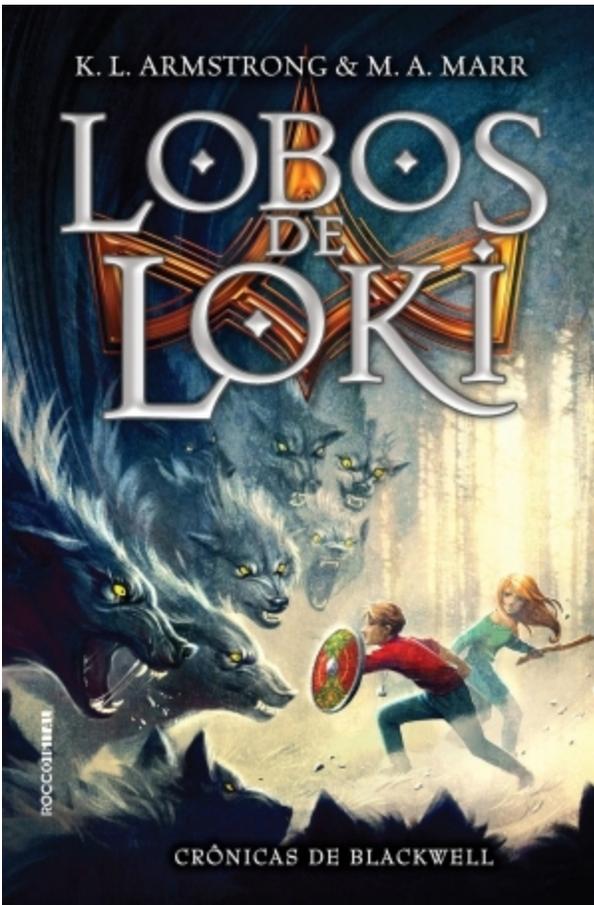
Trigo, Luiza
9788581223926
24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que

nunca irão namorar. No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica. Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim. Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando. As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

[Compre agora e leia](#)



Lobos de Loki

Marr, Melissa
9788581225692
320 p  ginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Aventuras Extraordinárias Lobos de Loki é o primeiro volume da série Crônicas de Blackwell, assinada pela dupla K. L. Armstrong e M. A. Marr. Com carreiras consagradas na literatura fantástica – Armstrong é autora de Darkest Powers e Melissa Marr publicou, entre outras, a série Wicked Lovely – as duas juntam o que têm de melhor para criar uma obra

impactante e frenética para o público juvenil, considerada "o Percy Jackson da mitologia nórdica". Para Matt Thorsen, o fato de ser um dos descendentes de Thor, o deus do Trovão, não fazia muita diferença. Junto com vários outros descendentes de Thor ou seu meio-irmão, Loki, o garoto levava uma vida normal em Blackwell, pequena cidade em Dakota do Sul. Matt conhece cada deus, história e detalhes dos mitos nórdicos. Mas conhecer cada lenda é um coisa, acreditar é outra completamente diferente. Quando as runas revelam que o Ragnarok, ou fim do mundo, está próximo, e que Matt deve lutar pelos deuses para evitar o fim do mundo, o garoto tem uma certa dificuldade em acreditar. Afinal, entre todos os Thorsen, Matt é o mais novo e até hoje nunca demonstrou o mesmo potencial dos seus irmãos mais velhos. Porém, seu avô parece acreditar que o garoto pode cumprir seu destino, e mais: depois da vitória, Matt deve ser sacrificado para o surgimento de uma nova era dominada pelos descendentes de Thor. Agora, Matt sabe que tem de encontrar os outros descendentes e se preparar para a batalha definitiva. Com a ajuda relutante dos primos Fen e Laurie, descendentes de Loki, o jovem parte em uma incrível aventura para salvar o mundo. Seguindo a linha de Rick Riordan e seu Percy Jackson, K. L. Armstrong e M. A. Marr trazem as incríveis lendas nórdicas para nosso tempo em uma aventura fantástica cheia de surpresas e com personagens cativantes. Um início arrasador para uma saga única.

[Compre agora e leia](#)



Por que só as princesas se dão bem?

Rebouças, Thalita

9788581223148

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

Por que só as princesas se dão bem? é um conto de fada às avessas que vai conquistar as leitoras mirins. O livro traz o estilo bem-humorado da escritora que conquistou os adolescentes, agora contando a história de Bia, uma garota apaixonada por princesas... até se tornar uma! A história começa com a mãe de Bia lendo um livro para ela antes de dormir. Depois do tradicional "...E a princesa se casou com o príncipe, e eles foram felizes para sempre", vem a primeira de muitas perguntas: "Mãe... Só as princesas são felizes para sempre?" Daí pra frente, é um tal de querer saber por que só

as princesas se dão bem nas histórias, por que elas são as mais bonitas, por que só elas arrumam um príncipe no final, que a mãe desiste de responder a tantas dúvidas. E não adianta nada arriscar um "Mas você é a princesa da mamãe", afinal, princesas vivem em lindos castelos, e a Bia não é menina de se deixar enganar: "Não adianta nada ser a sua princesa. Nem castelo você tem." O que Bia não esperava é que, antes de pegar no sono, ela fosse levada para dentro do livro que estavam lendo. E de uma hora para outra, se tornasse uma princesa de verdade! Mas é justamente aí que a tão sonhada vida de princesa começa a se tornar um verdadeiro pesadelo. Regras, regras e mais regras. Do cabelo aos sapatos, Bia descobre que não pode escolher o que usar, comer ou fazer. Escola, amigos, brincadeiras? Nada disso, princesas estudam em casa e cumprem uma exaustiva agenda de eventos (chatos). E o pior de tudo: nada de perguntas. "Princesas não fazem mil perguntas. Princesas cumprem seu papel e olhe lá", diz Fedegunda, a assistente número 3 da princesa Bia. Repleto de situações inusitadas, tiradas e diálogos engraçados, não é preciso dizer que o dia de princesa de Bia foi um completo desastre. Mas será que agora ela pode voltar a ser uma menina comum? Embarque nessa divertida viagem ao mundo das princesas na estreia de Thalita Rebouças na literatura infantil e descubra.

[Compre agora e leia](#)